

1 - INTRODUÇÃO

A Pré-História Recente em Portugal abarca um período cronológico que vai sensivelmente desde o VI milénio a.C. aos finais do III milénio a.C., ou mesmo inícios do seguinte. Os períodos cronológicos em estudo no presente trabalho enquadram-se nesta cronologia, e correspondem aos momentos culturais denominados por Neolítico, Calcolítico e Idade do Bronze, com as suas diversas subdivisões. A investigação da Pré-História Recente em Portugal tem-se intensificado progressivamente nos últimos 30 anos, em grande parte impulsionada pelo aumento de equipas qualificadas e de projetos de investigação, muitas vezes de âmbito regional (CARDOSO, 2006: 7). Deste modo, atualmente, a Estremadura é das regiões do território português em que mais se tem investido em termos de investigação arqueológica, não só pela potencialidade da mesma, como pelo abundante espólio arqueológico que já proporcionou.

O presente trabalho surge no âmbito da Dissertação de Mestrado em Arqueologia, da Universidade do Algarve, e assenta no estudo de uma coleção cerâmica de cronologia pré-histórica recente. O estudo do sítio arqueológico do Cabeço de Porto Marinho (doravante designado abreviadamente por CPM) foi sugerido pelo orientador, A. F. Carvalho, pela importância deste sítio em termos do seu conjunto cerâmico. O CPM já havia sido exaustivamente estudado – e publicado – no contexto dos seus estudos paleolíticos, e havia sido ainda parcialmente estudado – num único sector – em termos cerâmicos. Contudo, encontrava-se ainda por estudar todo o restante material cerâmico – cerca de 8000 fragmentos – que, já se sabia à partida, apresentava uma larga diacronia cronocultural, aspeto que justificava a importância de concluir o estudo material deste sítio arqueológico. Reconhecia-se que seria difícil fazer uma leitura cronoestratigráfica precisa das ocupações, uma vez que os níveis superiores do CPM – de onde provinha o material cerâmico – encontravam-se bastante remexidos. No entanto, a importância deste conjunto cerâmico justificava o seu estudo, ainda que se antessem limitações nas conclusões que se pudessem vir a retirar deste sítio.

Este trabalho inicia-se com uma breve contextualização socioeconómica dos períodos da Pré-História Recente identificados no CPM, e suas principais características em termos cerâmicos. O capítulo seguinte é dedicado à apresentação deste sítio arqueológico e dos conhecimentos obtidos sobre o mesmo até à data. O terceiro passo

consiste no estudo do material cerâmico, tendo em conta os seguintes objetivos específicos: 1) determinar a variabilidade formal e decorativa deste conjunto cerâmico, estudando-o de modo sistemático e rigoroso; 2) com recurso a comparações cronostilísticas, identificar as diferentes ocupações da Pré-História Recente do sítio, ordenando no tempo as suas produções cerâmicas; 3) conquanto mais difícil de concretizar, obter dados que permitam compreender a dispersão espacial das diferentes ocupações, quer sectorial, quer estratigraficamente; 4) por fim, integram-se os resultados deste estudo no esquema diacrónico conhecido para as produções cerâmicas estremenhas, contribuindo para o seu conhecimento geral. Em suma, procura-se assim determinar se o CPM encontra paralelos nos sítios conhecidos na Estremadura ou se pelo contrário apresenta uma identidade sequencial própria sem paralelos na região.

2 – PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DA ESTREMADURA PORTUGUESA

2.1 – PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

2.1.1 – NEOLÍTICO

O Neolítico em território português abrange uma cronologia que se estende desde meados do VI milénio a.C. aos finais do IV milénio a.C.. Em termos culturais, o Neolítico é constituído por três fases, o Neolítico Antigo, o Neolítico Médio e o Neolítico Final; sendo que o Neolítico Antigo subdivide-se em dois horizontes, o Neolítico Antigo Pleno – ou Neolítico Cardial – e o Neolítico Antigo Evoluído – ou “horizonte de Furninha” -, que corresponde à sua fase mais tardia (LOPES, 2010: 3).

Até uma época muito recente, o conhecimento sobre o Neolítico Antigo da Estremadura encontrava-se limitado a um pequeno número de achados. Entre estes incluem-se artefactos recolhidos em estações arqueológicas da Figueira da Foz e das Grutas de Alcobaça, entre outras. Posteriormente, uma reapreciação de espólios de escavações antigas – a qual conduziu à identificação de cerâmicas cardiais que haviam passado despercebidas aos investigadores iniciais – deram origem à primeira síntese atualizada sobre o Neolítico Antigo em Portugal. Esta primeira caracterização geral sobre este momento cultural foi da autoria de Jean Guilaine e de O. Da Veiga Ferreira em 1970, na qual subdividiram o Neolítico Antigo em duas fases, como referido acima (CARDOSO, 2006: 11).

No caso particular do Maciço Calcário Estremenho (MCE) - e no que concerne ao Neolítico Antigo -, desde finais do Século XIX que se procedeu à investigação arqueológica da área – mais precisamente em Alcobaça -, inicialmente sob a direção de M. V. Natividade. Foram realizadas escavações em diversas grutas da região, as quais continham ocupações pré-históricas que correspondiam maioritariamente ao Calcolítico. Contudo, aquando da revisão dos materiais recuperados – em 1970 – J. Guilaine e O. V. Ferreira detetaram pequenos conjuntos cerâmicos do Neolítico Antigo, entre o espólio da Gruta do Cabeço da Ministra e da Gruta de Calatras IV. Posteriormente, em 1908, os trabalhos arqueológicos realizados por J. A. Carvalhais na Gruta dos Carrascos (Alcanena) pôs a descoberto uma estação neolítica. Os artefactos exumados apenas foram estudados na década de 1970 – por V. S. Gonçalves e A. R. Pereira -, e

identificaram a existência de uma ocupação de fase evoluída do Neolítico Antigo, entre materiais, maioritariamente do Neolítico Final. Nas décadas de 1930 e 1940 a investigação arqueológica expande-se para outras áreas estremenhas, nomeadamente as regiões de Rio Maior e de Torres Novas, as quais foram alvo de diversos trabalhos arqueológicos; ainda que o espólio recuperado apenas viesse a ser estudado – por diversos investigadores - a partir da década de 1980. Após os referidos trabalhos deu-se um longo hiato – no que concerne à escavação de contextos mesoneolíticos no MCE -, e a investigação apenas é retomada a partir da década de 1980. Nesta fase é reiniciada a investigação, desta feita, integrada em projetos de investigação à escala regional, os quais arrancaram com o projeto CAPNSAC, sob a direção de J. Zilhão, N. C. Santos, A. C. Araújo e N. F. Bicho. Este projeto incidiu sobre a Serra d’Aire e a Serra dos Candeeiros e o objetivo principal era a relocalização de sítios arqueológicos, e a realização de prospeção sistemática na região. Deste projeto resultou a identificação e consequente intervenção nas seguintes estações arqueológicas: Laranjal do Cabeço das Pias, Forno do Terreirinho, Abrigo da Pena d’Água e Cerradinho do Ginete (todas elas localizadas no concelho de Torres Novas). Entre 1997 e 2000 desenvolve-se um novo projeto – liderado por J. P. Cunha-Ribeiro, F. Almeida e A. F. Carvalho -, com o acrónimo MACIÇO, o qual mantém – grosso modo -, as problemáticas e objetivos abordados no projeto que o antecedeu. Este projeto resultou na escavação de três importantes estações na região de Torres Novas, nomeadamente nos já referidos Abrigo da Pena d’Água, Costa do Pereiro e Gafanheira. Pela primeira vez foram realizados estudos sistemáticos de ordem cronométrica, paleoambiental e paleoeconómica nos referidos sítios arqueológicos (CARVALHO, 2008: 47-48).

Comparativamente ao Neolítico Antigo, as duas fases que se sucedem – o Neolítico Médio e o Neolítico Final – encontram-se ainda mal conhecidas no território estremenho português, particularmente a primeira. Segundo Cardoso (2006: 14), o termo Neolítico Médio é uma designação que necessita ainda de uma adequada caracterização arqueológica, devido à falta de espólios característicos e convenientemente datados deste período. O Neolítico Médio na região estremenha é conhecido essencialmente através de lugares de enterramento, o que dificulta a caracterização desta cultura em termos de organização habitacional e económica (DINIZ, 2004: 322). Ainda que, por norma, as estruturas funerárias e a sua organização sejam um reflexo da estrutura e organização dos povoados, não se podem simplesmente

transportar e adequar os conhecimentos obtidos através do seu estudo, a uma outra realidade, a habitacional.

Tal como no caso do Neolítico Médio, o Neolítico Final é uma fase cultural ainda mal conhecida na Estremadura, sendo poucos os testemunhos arqueológicos existentes em contexto estratigráfico seguro. O material arqueológico recolhido integrável neste momento cultural, revela pois, uma possível leitura demasiado complexa, decorrente da insuficiência de conhecimentos. Uma exceção é o povoado fortificado de Leceia (Oeiras), que contém uma ocupação do Neolítico Final, a qual se encontra muito bem caracterizada (CARDOSO, 2007: 17; DINIZ, 2004: 351-360).

Em termos económicos e sociais, o Neolítico é um momento cultural que se caracteriza pela chamada “Revolução neolítica”, a qual consistiu – essencialmente - na introdução da domesticação das espécies – quer vegetais, quer animais -, e na introdução tecnológica da cerâmica e da pedra polida. Estas inovações tecnológicas e os novos conhecimentos adquiridos através destas, implicaram transformações radicais na vida destas comunidades, passando de recolectoras a produtoras.

Segundo alguns autores, a assimilação das inovações neolíticas ao longo dos VI e V milénios a.C. foi progressiva e seletiva, dominada pelas relações de equilíbrio e de ruptura das condições ecológicas face às demográficas. Ou seja, a economia de produção praticada por estas comunidades estava dependente das condições do meio natural, dos conhecimentos tecnológicos e dos recursos exploráveis, acentuando regionalismos culturais. Deste modo, a adoção destas inovações tecnológicas seguiu critérios distintos, de acordo com as condicionantes geográficas e com a disponibilidade de recursos existentes. Se nas zonas litorais se observou uma adoção precoce e pouco seletiva do “pacote neolítico”, em contrapartida, nos vales de grandes rios – como o Tejo e o Sado - apenas foi adotada a cerâmica e uma rara indústria em pedra polida, em contexto ainda mesolítico (CARVALHO, 2002: 247; LOPES, 2010: 3).

Na zona da atual Comporta foram descobertos diversos núcleos humanos que, pelo fácil acesso ao mar e ao biótopo litoral, se dedicavam exclusivamente à recolção, pesca e marisqueio. Esta realidade foi comprovada pelo depósito arqueológico, que indica o predomínio de moluscos próprios de águas salinas, assim como pelas características sedimentológicas da camada base, as quais eram correspondentes a areias de praia marinha. Contudo, a descoberta na mesma área do sítio arqueológico do

Possanco (Comporta), revelou a existência de terras de boa qualidade agrícola, fenómeno não observado nos restantes sítios da zona. A falta de terrenos propícios à agricultura, assim como a facilidade de acesso aos recursos marinhos parece justificar a não adoção da prática agrícola por partes destas comunidades (CARDOSO, 2000: 51-52). Este é um dos raros casos de comunidades neolíticas ainda orientadas para a exploração de recursos selvagens.

No entanto, a grande parte destas comunidades neolíticas tinha a sua principal componente de subsistência assente na produção agrícola. A preparação dos campos para a agricultura, agora apoiada na força de tração animal encontra-se comprovada pelos abundantes restos de ovinos/caprinos e bovídeos domésticos em Leceia. Apesar das inovações tecnológicas – que permitiram melhorias em termos de produtividade –, a dieta destas comunidades era complementada com os alimentos obtidos através da caça, da pesca e da recolha, particularmente no caso de povoados localizados perto do litoral, ou em áreas adjacentes aos estuários do rio Tejo e Sado (CARDOSO, 2006: 15-16). Algumas destas populações com uma base produtiva assente na agricultura, em certas épocas do ano dirigiam-se para zonas do litoral, a fim de aproveitarem os recursos existentes nessas áreas, revelando modalidades mais complexas de ocupação que as verificadas nos povoados situados no litoral (CARDOSO, 2000: 52). O acesso a estes recursos implicava o domínio dos respetivos territórios: não apenas dos campos cultivados e sua envolvente, mas também de uma ampla área de captação de recursos (CARDOSO, 2002: 255; LOPES, 2010: 2).

Por um lado, este investimento tecnológico conduz à produção de excedentes alimentares – que conseqüentemente leva ao aumento demográfico –, que torna estas populações dependentes do que produziam, levando assim à sua sedentarização irreversível. Esta dependência produtiva leva à emergência de símbolos ligados à fertilidade, nomeadamente a representação de lagomorfos – coelhos e lebres – e suídeos, atestados na gruta do Carvalhal (Alcobaça) e no povoado de Olelas (Sintra) (CARDOSO, 2006: 16-17).

Como consequência dos melhoramentos tecnológicos e do aumento produtivo, vai-se desenvolvendo uma estrutura social cada vez mais hierarquizada e complexa, que no entanto, só se evidencia plenamente no Calcolítico (CARDOSO, 2006: 15-17).

No que respeita aos espaços habitacionais propriamente ditos, as premissas relativas à implantação de povoados no Neolítico Antigo baseavam-se num modelo segundo o qual, estes povoados se limitavam à ocupação de terras baixas e arenosas, perto de linhas de água. Com a intensificação dos projetos de investigação arqueológica, e com base nos resultados obtidos dos mesmos, foi possível constatar – contrariamente ao que o modelo supracitado defendia – que no Neolítico Antigo existiam diversas modalidades de ocupação do espaço habitacional (CARDOSO, 2006: 12).

Como referido, uma destas modalidades consistia na implantação dos povoados em áreas adjacentes a antigos esteiros estuarinos, como são os casos da encosta de Sant´Ana (Lisboa) e do povoado do Carrascal (Oeiras) (CARDOSO, 2006: 12). Estes sítios de habitat aberto podiam situar-se em encostas, ou em plataformas vastas e regulares, como exemplifica também o povoado dos Pinheirinhos (Sesimbra) (CARDOSO, 2000: 50).

A implantação de povoados em áreas montanhosas, ou no topo de elevações revela uma modalidade distinta, mais preocupada com o domínio visual de vastos horizontes, como se observa em S. Pedro de Canaferrim (Sintra), Olelas (Sintra) e Moita da Ladra (Vila Franca de Xira) (CARDOSO, 2006: 12).

Uma terceira modalidade consiste na implantação de povoados em portelas, ou seja, em zonas de ecótono, as quais conciliam áreas de carácter aluvionar com as plataformas rochosas calcárias, como se observa no Arrife da Serra de Aire (CARDOSO, 2006: 12). Esta modalidade de ocupação territorial é bastante comum na metade nascente do MCE, ainda que observada em sítios arqueológicos de características distintas. De acordo com as estações conhecidas na região, destacam-se três tipos principais: o acampamento base de características possivelmente sedentárias, como é o caso do Forno do Terreirinho, onde foram recuperados vasos de armazenamento. O segundo tipo corresponde a habitats temporários de características residenciais, quer de ar livre, como a Gafanheira e o Cabeço de Porto Marinho (CPM), quer de abrigo sob rocha, como o Abrigo da Pena d´Água e o Abrigo das Bocas (Rio Maior). Estes sítios caracterizam-se por estruturas domésticas – lareiras – muito simples e as ocupações têm extensões reduzidas; predominando os recipientes cerâmicos de dimensões pequenas a médias, e apresentando elevadas densidades de artefactos líticos,

os quais eram propícios a um conjunto alargado de atividades, fato que atesta o carácter residencial dos referidos sítios (CARVALHO, 2008: 257).

Por fim, o quarto tipo de sítio corresponde às necrópoles – em gruta -, salientando-se o Algar do Picoito (Serra d’Aire) e a Gruta dos Carrascos. Uma outra situação diz respeito à Lapa do Picareiro e à Gruta do Almonda (ambos em Torres Novas), os quais parecem ter sido ocupados enquanto abrigos temporários, muito provavelmente num contexto relacionado com a caça e o pastoreio (CARVALHO, 2008: 257-258).

No Neolítico Médio e Final, mas sobretudo no primeiro, continua a manter-se o polimorfismo dos núcleos habitados - herdado do Neolítico Antigo -, como é o caso dos povoados planos, exemplificado pelo sítio arqueológico da Parede (Cascais). Ainda que, devido ao desenvolvimento do sistema produtivo, se observe uma crescente concentração do povoamento, a implantação dos núcleos habitacionais tende agora a estabelecer-se em zonas mais isoladas, no topo de colinas, outeiros ou esporões rochosos, os quais permitem o domínio dos campos adjacentes (CARDOSO, 2006: 16). Esta metodologia de implantação no espaço torna-se o padrão dominante de povoamento regional no Neolítico Final; sítios de altura, com boas condições naturais de defesa, sem no entanto se encontrarem fortificados. Esta nova estratégia de povoamento surge como consequência das melhorias tecnológicas, as quais possibilitaram a produção de excedentes e a necessidade de defesa dos mesmos (CARDOSO, 2000: 52-53).

De acordo com os escassos vestígios encontrados, as estruturas habitacionais seriam de carácter relativamente precário. O investimento construtivo comunitário concentrava-se não nos povoados, mas na construção de monumentais recintos funerários, apoiados em amplas estruturas de pedra, denominadas antas (DINIZ, 2004: 338).

Ao longo do Neolítico dá-se uma proliferação dos rituais de enterramento, que se transformam no tempo, e que variam de acordo com a região em que se integram. Apesar da diversidade observada, ao longo deste período generalizam-se as práticas de enterramento coletivo (DINIZ, 2004: 324, 329). As sepulturas megalíticas e as estruturas mágicoreligiosas – os menires e os cromeleques -, ao contrário dos povoados, caracterizavam-se pela perenidade e visibilidade, sendo entendidos como “pontos”

estruturantes dos territórios, os quais conferiam coesão às comunidades neolíticas pela noção de antepassado comum (SILVA, 1993: 214).

Os mais antigos rituais funerários integráveis no Neolítico Antigo centravam-se na utilização de grutas naturais, nas quais eram depositados os restos humanos, acompanhados de pequenos espólios funerários que progressivamente vão ganhando importância à medida que também aumenta o número de deposições funerárias ao longo dos períodos mais recentes do Neolítico, dando lugar à formação de autênticos ossários de gruta (GONÇALVES, 2004: 465).

Observa-se ao longo do Neolítico Final na Estremadura uma diversificação tipológica funerária, que abrange construções dolméticas, assim como grutas naturais e grutas artificiais, escavadas por estas populações nos calcários moles (CARDOSO, 2006: 17).

Ainda que na Estremadura existam alguns exemplos de enterramentos em antas, estes são em muito reduzida escala. A dificuldade de obtenção da matériaprima de preferência – o granito e o xisto –, que não existe na zona, parece explicar a limitada difusão deste tipo de monumento funerário na região estremenha, a que se junta o facto de existirem inúmeras cavidades cársticas que, como se assinalou acima, foram sempre utilizadas como necrópole por estas populações (GONÇALVES, 2004: 359).

2.1.2 – CALCOLÍTICO

A Idade do Cobre – mais comumente designada Calcolítico - é o período cultural que se desenvolve após o Neolítico, e tem lugar ao largo de todo o III milénio a.C.. (LOPES, 2006: 3). O Calcolítico caracteriza-se por ser um período cultural ao longo do qual se deu um surto económico sem precedentes, que propiciou o desenvolvimento de vastos fenómenos de interação, os quais surgem numa perspetiva de complementaridade económica. A Idade do Cobre marca o aparecimento das sociedades agrometalúrgicas, que se desenvolveram e prosperaram ao longo da primeira metade do III milénio a.C. (CARDOSO, 2006: 26; GONÇALVES, 2003: 46; LOPES, 2006: 3).

A realidade quotidiana que atualmente se consegue reconstituir do Calcolítico em território português é bastante fragmentária, devido à desigual distribuição espacial dos projetos de investigação arqueológica. Contudo, a Estremadura é das regiões mais

estudadas e que fornecem maior volume de informação. Os conhecimentos sobre o Calcolítico da Estremadura assentam principalmente na informação recolhida do sítio arqueológico de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja), a qual tem sido sucessivamente complementada, em momentos mais recentes da investigação, com o estudo de outros povoados, tais como o Zambujal (Torres Vedras), Rotura (Arrábida), Leceia (Oeiras) e o Penedo do Lexim (Mafra) (SILVA, 1993: 214).

Este período distingue-se do período anterior - o Neolítico -, por uma série de inovações que conduziram a alterações significativas no modo de vida das populações, com destaque para as inovações resultantes da “Revolução dos Produtos Secundários” (RPS) (SILVA, 1993: 215). Estas inovações tecnológicas originaram mudanças a nível económico, social e cultural, tais como o modo de subsistência, o tipo de povoamento, os padrões de interação e os rituais funerários. Estas alterações no modo de vida das populações marcam o início do Calcolítico (LOPES, 2006: 3; SILVA & SOARES, 1998: 233). Este período evidencia-se ainda por um conjunto de fenómenos culturais, nomeadamente as inovações no armamento, na arquitetura defensiva, nas estruturas de habitação, na renovação do simbolismo mágicoreligioso e das práticas funerárias, e na metalurgia primitiva, resultantes de uma crescente hierarquização social que se vai afirmando no seio destas comunidades calcolíticas (LOPES, 2006: 3; GONÇALVES, 2003: 211).

No final do Neolítico, com a adoção de novas tecnologias e com o uso de animais não só como fonte de alimento mas também para tração e transporte, tem lugar a denominada RPS. Este processo permitiu grandes aumentos de produtividade, do mesmo modo que possibilitou o alargamento da área de solos cultiváveis (SILVA & SOARES, 1998: 233). A oportunidade de cultivar em novas terras surge através de inovações tecnológicas como a invenção do arado, uma vez que permitiu uma agricultura intensiva de produção de gramíneas e leguminosas em terrenos de baixa qualidade (GONÇALVES, 2003: 43; 109). A RPS permitiu ainda uma maior diversificação dos produtos obtidos. Através do gado era agora possível o aproveitamento da lã, assim como do leite, quer como tal, quer para obtenção de queijo (SILVA & SOARES, 1998: 233). Nesta época tornam-se frequentes os recipientes cerâmicos de paredes perfuradas – um pouco por todo o país -, tradicionalmente considerados como cinchos para o fabrico de queijo, indicador indireto da RPS (CARDOSO, 2002: 251; 2006: 24).

O processo de intensificação económica iniciado no Neolítico – e que conduziu à diversificação e especialização produtivas que se observam no Calcolítico - torna-se evidente e atinge o seu apogeu no decorrer do III milénio a.C.. Esta intensificação leva à criação de áreas especializadas de trabalho nos povoados, destinadas especificamente a determinadas atividades produtivas. Vejam-se os seguintes exemplos. Vila Nova de S. Pedro atesta esta realidade, tendo sido recuperados deste povoado espécies vegetais incarbonizadas, como é o caso da fava, trigo, cevada e sementes de linho. O linho confirma a produção têxtil, corroborada também pela recolha de inúmeros pesos de tear - em cerâmica - neste povoado. Também em Leceia foi descoberta uma cabana, contendo cerca de 18 elementos de mós manuais, os quais indicam um regime intensivo de moagem (CARDOSO, 2002: 251; 2006: 17-24).

Tal como o momento que o antecede, o Calcolítico tem a sua base económica de subsistência assente na agricultura e no pastoreio, os quais evidenciam a plena utilização das novas tecnologias. Estas populações baseavam-se num modelo de agricultura cerealífera de sequeiro, com rotação de culturas. No entanto, a produção económica não era suficiente para sustentar uma população em constante crescimento, continuando esta a depender de outras atividades como a caça, a pesca e a recolção. Nos sítios arqueológicos de Vila Nova de S. Pedro, Zambujal e Leceia foram recolhidos também restos de javali, veado e auroque, os quais atestam que a produção agro-pastoril – apesar do seu sucesso – era complementada com outras atividades económicas (CARDOSO, 2003: 255; 2006: 19-20). A exploração das terras não cultivadas – do bosque -, constituía uma componente estratégica do sistema agropecuário calcolítico, assegurando a diversificação de outros recursos além da madeira, da lenha, e dos pastos (SILVA, 1993: 215).

Outra inovação tecnológica que surge com o Calcolítico é a metalurgia do cobre, além da primeira metalurgia do ouro. Contudo, a expansão desta atividade não teve um papel estruturante, nem uniforme, no que respeita ao surgimento e desenvolvimento dos povoados calcolíticos, como se chegou a pensar nas décadas de 1960 e 1970 (CARDOSO, 2003: 262; 2006: 22).

Apesar de confirmada a prática da metalurgia em numerosos povoados da Estremadura, a matériapríma necessária a esta atividade – o cobre – não existe na região. Este minério seria importado para a Estremadura muito provavelmente a partir

do Alentejo. Um outro exemplo de comércio transregional diz respeito às rochas anfíbolíticas, que apesar de estarem presentes nos espólios arqueológicos desde o Neolítico Final, são escassas na região da Estremadura. O comércio transregional surge como um complemento da vida económica destas comunidades, e era realizado com base nos excedentes produzidos pelas mesmas, assim como nas matérias-primas disponíveis na região, como é o caso do cobre no Alentejo, e do sílex na Estremadura (CARDOSO, 2006: 25-26).

Em termos sociais, o Calcolítico corresponde a uma nova formação socioeconómica que firmou a existência de povoados cercados por defesas, revelando uma nítida separação entre os ofícios agropastoris, e os ofícios especializados, de carácter mais artesanal. Esta nova formação económico-social vai originar o aprofundamento das desigualdades sociais, contribuindo para a afirmação de um grupo dominante que controla, além do acesso à terra, o acesso aos bens produzidos (LOPES, 2006: 3-4). Os territórios pertencentes a estas comunidades, eram agora assumidos como símbolos de poder e prestígio – os quais contribuíam para a coesão social do grupo – ao mesmo tempo que serviam como marcadores na paisagem (CARDOSO, 2003: 257; 2006: 20).

O sucesso da economia agropastoril – agora plenamente consolidada – teve consequências diretas no plano económico e social, conduzindo a um aumento demográfico sem precedentes, e originando desequilíbrios e tensões sociais entre os diferentes grupos. Observa-se ao longo do Calcolítico uma dinâmica de causa-efeito, em que a proteção dos excedentes produzidos explica a génese dos povoados fortificados, característicos deste período (CARDOSO, 2002: 252; 2006: 19-20).

O povoado passa a ser o principal polo agregador destas comunidades, investindo estas o seu esforço coletivo na construção e proteção do mesmo. Comparativamente ao Neolítico Final, observa-se aqui uma transferência do investimento comunitário. No Neolítico Final as populações reviam nos monumentos funerários a expressão da sua identidade, e no Calcolítico esta expressão identitária manifesta-se agora através dos povoados fortificados (CARDOSO, 2003: 257).

Por esta razão, no Calcolítico as estruturas habitacionais começam a ser implantadas no alto de elevações ou em plataformas naturalmente defendidas pela própria topografia do terreno. Acresce-se a esta proteção natural, a construção de

estruturas defensivas, as quais são sucessivamente adaptadas na sua arquitetura original - seja através de reforços, acrescentos ou modificações -, que visam melhorar a sua eficácia. Além da função defensiva, estas imponentes construções tinham também um efeito prático, o de intimidar e dissuadir ataques através da sua monumentalidade; esta monumentalidade é uma realidade que surge da necessidade de fortificar os territórios. É o caso de Vila Nova de S. Pedro, Leceia e Zambujal, os quais se caracterizam pela presença de imponentes dispositivos defensivos, em áreas construídas superiores a 10 000 m² (CARDOSO, 2003: 252; 2006: 18-19).

Apesar do clima de instabilidade social que levou à construção dos povoados fortificados, observa-se uma realidade socioeconómica complexa e diversificada, incompatível com generalizações simplistas. A par destes povoados fortificados, há povoados implantados em locais altos e defensáveis, os quais dependiam em termos de proteção, apenas da topografia do terreno, não sendo reforçados com qualquer tipo de construção. Numa realidade quase oposta, permanecem também os povoados abertos, implantados em encostas suaves, como é o caso do povoado da Parede. Este modelo de implantação no território revela a existência de povoamentos estáveis, de carácter sedentário, caracterizados por uma ocupação humana intensa, incompatível com a sazonalidade (CARDOSO, 2006: 22-24). Uma possibilidade é que estes povoados abertos se articulassem funcionalmente com os povoados fortificados – como se comprovou em Alcalar (Portimão) -, ainda que o contexto geográfico – Algarve - seja completamente distinto do aqui tratado (Estremadura).

No Calcolítico, a par das metodologias de arquitetura funerária observadas no Neolítico e que permanecem nesta nova fase cultural, desenvolve-se um novo tipo de estrutura de enterramento coletivo, as *tholoi*. A *tholos* caracteriza-se por ser um sepulcro de corredor retilíneo, estando a câmara coberta por uma falsa cúpula – sob *tumulus* -, e as paredes eram geralmente constituídas por lajes estreitas colocadas verticalmente. Comparativamente aos dólmenes e às antas, as *tholoi* eram de construção mais leve e requeriam um menor esforço construtivo comunitário (CARDOSO, 2003: 285-287).

No Calcolítico Final, o modelo socioeconómico vigente revela-se ineficiente e em crise, conduzindo a uma alteração radical da estratégia de povoamento e de ritual funerário. Observa-se uma dispersão do povoamento, assim como uma diversificação do tipo de implantação topográfica do povoado. O ritual de enterramento individual

substitui o coletivo, no qual o investimento de energia na esfera funerária desloca-se da arquitetura da sepultura, para o espólio que acompanha o inumado (SILVA, 1993: 221).

2.1.3 – IDADE DO BRONZE

A Idade do Bronze em Portugal corresponde a um período cronológico, que se estende – em sucessão do Calcolítico -, desde finais do III milénio a.C. até inícios do Século VIII a.C., na sua fase final (CARDOSO, 2002: 247).

O clássico faseamento tripartido da Idade do Bronze – Bronze Inicial, Bronze Pleno e Bronze Final -, segundo vários investigadores, não se adequa à realidade arqueológica observada em território português. A distinção entre o momento cultural que antecede a Idade do Bronze – o Calcolítico - e este é baseada em critérios cuja validade necessita ainda de ser comprovada, uma vez que num primeiro momento, não se observa uma transformação nítida da cultura material, dos padrões de povoamento ou das práticas funerárias (CARDOSO, 2006: 33). Deste modo, torna-se complicado distinguir de forma segura os vestígios materiais arqueológicos, pertencentes ao Calcolítico Final ou ao Bronze Inicial.

Até ao momento, apenas se conhecem na Estremadura três ocupações de carácter habitacional do Bronze Pleno sem ocupações anteriores, a saber: os povoados de Agroal (Tomar), Catujal (Loures) e Casal da Torre (Torres Novas) (CARDOSO, 2006: 34). Os sítios apresentam características distintas – no que concerne à implantação do povoado -, uma vez que o Agroal e o Catujal são povoados de altura com condições naturais de defesa, enquanto que o povoado do Casal da Torre está dissimulado no fundo de uma depressão. Contudo, todos os sítios conhecidos apresentam indícios de tratar-se de povoados permanentes. Estes indícios incidem na presença de recipientes cerâmicos de grandes dimensões – os chamados vasos de armazenamento -, e na localização dos povoados na proximidade de recursos estáveis, como solos aráveis e cursos de água permanentes. Observa-se ainda a predominância do gado bovino e suíno, sendo que no Agroal há ainda evidências de exploração dos «produtos secundários», sendo o abate tardio dos bovinos um indicio da sua utilização como animais de tiro e/ou para produção de leite. Recentes trabalhos de prospeção

efetuados na região estremenha têm identificado outras situações similares no Arrife da Serra d'Aire (CARVALHO *et al.*, 1999: 5).

Na região estremenha são também escassos os testemunhos de povoamento do Bronze Final. A lista dos sítios arqueológicos nos quais foi detetada uma ocupação deste período é no entanto extensa, abrangendo vários concelhos, mas sobretudo concentrados na metade sul da região estremenha, em torno da atual cidade de Lisboa. Contudo, a qualidade da informação existente não é proporcional à sua quantidade. O que se conhece sobre estes sítios é, com poucas exceções (p. ex., a Tapada da Ajuda), apenas breves notícias referentes a achados de superfície (CARDOSO, 2000: 67; VILAÇA & ARRUDA, 2004: 25-26). No caso particular da Tapada da Ajuda, foi possível pela primeira vez na região estremenha e para o referido contexto cultural, delimitar o espaço habitacional – através da dispersão diferencial dos vestígios –, permitindo deste modo caracterizar a organização do espaço habitado e a sua tipologia construtiva (CARDOSO & SILVA, 2004: 227-229).

Uma vez comprovado que não existem cerâmicas atribuíveis a este momento cultural na coleção de CPM em estudo (ver capítulos seguintes), torna-se redundante fazer uma descrição desta fase particular da Idade do Bronze, pelo que se ensaiará adiante apenas uma descrição das suas etapas iniciais.

A Idade do Bronze em Portugal caracteriza-se como um fenómeno de crescente complexidade social – ainda que apresente particularidades regionais –, marcado por uma intensificação da produção, da interação entre grupos, da hierarquização social e da integração sociopolítica. Estas particularidades referem-se aos diferentes ritmos de complexificação das diferentes comunidades, os quais são motivados por fatores como a especificidade do meio-ambiente e dos recursos disponíveis, as tradições locais, as interações comunitárias, e os diferentes mecanismos de interdependência suprarregional, fatores estes que condicionam o percurso evolutivo de cada grupo (JORGE, 1998: 151).

Apesar de o Bronze Pleno da Estremadura ser um período cultural ainda mal conhecido, é caracterizado por um modelo socioeconómico, que parece surgir em continuidade com o modelo existente no Calcolítico Final. No sítio do Casal da Torre foi descoberta uma comunidade especializada na economia agropastoril, em evidente continuidade com a praticada na região desde finais do Calcolítico. Também no Catujal foi identificada uma economia baseada na produção de gado e na agricultura, ainda que

este sítio arqueológico se caracterize pela sua implantação numa zona de solos pobres (CARDOSO, 2006: 37).

Apesar de na Idade do Bronze se desenvolver a metalurgia deste minério, na região estremenha manteve-se também a par da metalurgia do bronze e do ouro, a metalurgia do cobre. No entanto, a manutenção desta atividade foi adaptada a artefactos que refletem o encontro de duas áreas culturais distintas, o Mediterrâneo e o Atlântico; sendo este um dos traços mais expressivos e ricos da realidade cultural da região. A metalurgia do ouro mantém-se na continuidade das produções calcolíticas. No entanto, surgem pela primeira vez artefactos pesados e maciços – como as braceletes lisas de seção circular -, obtidos através da fundição e martelagem deste minério (CARDOSO, 2006: 34-36).

Tal como verificado nos períodos que o antecedem, na Idade do Bronze o modelo de implantação na paisagem manifesta realidades distintas. Para além dos sítios fundados *ex novo*, acima referidos, um dos traços interessantes do Bronze Pleno diz respeito ao reaproveitamento de antigos sítios calcolíticos de altura, como é o caso do Zambujal ou de Vila Nova de S. Pedro. São sítios bem destacados na paisagem, com áreas relativamente amplas e aparentemente rodeados por linhas de muralhas, ainda que a cronologia específica desta fase derradeira de ocupação destes sítios seja discutível. Este tipo de implantação no território é ainda exemplificado por sítios como o Castelo dos Mouros (Sintra), o Penedo do Lexim (Mafra), o Cabeço dos Moinhos (Rio Maior) e o Cabeço dos Mouros (Cascais), onde poderão talvez existir ocupações deste período (VILAÇA & ARRUDA, 2004: 26-27).

Ao longo da Idade do Bronze - em termos funerários -, a informação arqueológica disponível caracteriza-se pela escassez. A dificuldade de deteção destes monumentos na paisagem prende-se com as próprias características destes contextos, que não deixam vestígios facilmente reconhecíveis, além de não obedecerem a um padrão, quer em termos de inserção espacial, quer em termos arquitetónicos (JORGE, 1998: 163). Como referido, sendo a Idade do Bronze um período cultural mal conhecido, a informação relativa às práticas funerárias não foge à regra (CARDOSO, 2006: 33). Contudo, na região de Sesimbra – Gruta da Lapa da Furada – foram descobertos os restos humanos calcolíticos de cerca de 125 indivíduos, os quais durante o Bronze Pleno foram trasladados de uma gruta natural não identificada para a gruta

supracitada. Neste caso antevê-se a tão comum prática de reaproveitamento de espaços – quer sepulcrais, quer habitacionais -, anteriormente pertencentes a outra comunidade culturalmente distinta, estratégia que se observa repetidamente em variadas outras grutas-necrópole da região estremenha (CARDOSO, 2006: 38).

A detecção destes contextos – quer habitacionais, quer funerários -, que se manifestam pouco impressivos na paisagem, requer pois programas intensivos de prospeção e escavação, a fim de obter mais dados (JORGE, 1998: 160).

2.2 – QUADRO DIACRÓNICO DAS PRODUÇÕES CERÂMICAS

A durabilidade e resistência da cerâmica fazem com que esta seja dos vestígios arqueológicos que mais facilmente sobrevivem à passagem do tempo, e como tal dos que mais facilmente chegam à mão dos arqueólogos. Outro aspeto que confere extrema importância a este material arqueológico, prende-se com o facto de a cerâmica ser o elemento – por norma - de mais rápida mudança morfológica e estilística, caracterizando-o com um verdadeiro fóssil diretor. Isto significa que quando não é possível datar um sítio arqueológico através de vestígios orgânicos, é à análise morfológica e - principalmente - estilística da cerâmica que se recorre, para obter uma datação relativa. Isto porque, as formas, e sobretudo a decoração cerâmica funcionam como índices cronológicos que correspondem a “modas” que se expandem numa determinada fase, e que depois são abandonadas e substituídas (DINIZ, 2004: 319). Deste modo, um recipiente cerâmico pode ser sintomático de uma cultura, ou de um dado momento dentro dessa cultura. No caso de artefactos de amplo espectro, apenas permitem caracterizar fases amplas, em contrapartida, os artefactos de curta duração podem ser indicadores culturais preciosos (GONÇALVES, 2004: 362). Contudo, há que ter em conta que, a evolução da cultura material raramente surge através de substituições absolutas e definitivas. Regra geral, é o conceito de predominância estatística que deve orientar a interpretação e integração cultural de um determinado conjunto artefactual (CARDOSO, 2007: 13).

2.2.1 – NEOLÍTICO

No Neolítico Antigo, em termos morfológicos, os vasos cerâmicos caracterizavam-se pela simplicidade e reduzida variedade formal, manifestando uma tendência esférica ou ovoide. Nos diversos horizontes do Neolítico, as morfologias dos recipientes são essencialmente as mesmas, distinguindo-se estes horizontes maioritariamente em função das técnicas e motivos decorativos (LOPES, 2010: 3). Contudo, a análise morfológica da componente cerâmica é limitada por alguns fatores, tais como a seleção e recolha de materiais em escavações antigas, e os elevados índices de fragmentação. Um exemplo desta limitação é a sobre-representação dos vasos esféricos e hemisféricos em desfavor dos vasos parabólicos e ovais; os quais são diferenciados pela análise dos terços médio e inferior dos recipientes, geralmente indistinguíveis em conjuntos muito fragmentados. A Gruta do Almonda e o sítio da Cabranosa atestam esta realidade, uma vez que sendo das estações melhor conservadas, por sua vez, revelaram uma maior diversidade formal (CARVALHO, 2008: 261).

De seguida são apresentadas as tipologias morfológicas mais características do Neolítico:

FORMAS ABERTAS

- Taça em calote com bordo sem espessamento, ou espessado internamente
- Vaso hemisférico com bordo sem espessamento
- Vaso com fundo parabólico e bordo sem espessamento
- Vaso com bordo sem espessamento, ou espessado internamente
- Vaso de bordo denteado (característico do Neolítico Antigo e Final)

FORMAS FECHADAS

- Vaso hemisférico com bordo reentrante, espessado internamente
- Vaso em forma de saco com bordo sem espessamento, ou espessado internamente (característico do Neolítico Antigo)
- Vaso em forma de saco com colo estrangulado (idem)
- Grande vaso de corpo globular de colo estrangulado e bordo sem espessamento (idem)

NEOLÍTICO ANTIGO INICIAL

O Neolítico Antigo Inicial, ou Neolítico Antigo Cardial caracteriza-se pela presença de cerâmica com decoração obtida essencialmente através da técnica de impressão. A cerâmica cardial integra-se neste conjunto e era obtida com recurso a impressões feitas sobre a pasta fresca dos recipientes, realizada com a parte distal de uma concha de *Cardium* (berbigão). A impressão desta matriz podia criar padrões simples, como fiadas horizontais ou verticais paralelas, ou criar padrões que decoravam quase toda a superfície externa do recipiente (LOPES, 2010: 3).

Apesar da singularidade e importância desta técnica decorativa, tal não significa que este tipo cerâmico seja dominante nos conjuntos exumados, significa apenas que este tipo se encontra presente, e dada a sua singularidade, que permite integrar estes conjuntos como pertencentes a uma fase precoce do Neolítico Antigo (CARVALHO, 2008: 255-256). Independentemente da importância deste tipo de decoração cerâmica nas grutas do MCE e na zona do Arrife, as produções cerâmicas cardiais decrescem à medida que se vai caminhando para sul do território português. Esta chega a atingir níveis insignificantes, estando por vezes totalmente ausente dos espólios cerâmicos; como é o caso da baixa península de Lisboa (CARDOSO, 2006: 11).

São também características deste período as decorações plásticas, que se manifestam através de cordões horizontais ou verticais, lisos ou segmentados por impressões, e por mamilos posicionados junto ou sobre o bordo (LOPES, 2010: 3).

NEOLÍTICO ANTIGO EVOLUÍDO

O Neolítico Antigo Evoluído estremenho, ou mais precisamente, o “horizonte de Furninha” diz respeito a um conjunto de materiais de onde as cerâmicas cardiais estão ausentes, motivo pelo qual corporiza uma fase tardia do Neolítico Antigo. Esta realidade é corroborada em termos cronológicos, pela associação do processo de neolitização à presença de cerâmicas cardiais, os quais na região estremenha se integram sensivelmente em 5200 a.C. (CARDOSO, 2006: 12).

Neste segundo horizonte do Neolítico Antigo observa-se uma diversificação em termos decorativos; sendo que à técnica da impressão acresce agora a técnica da incisão,

que consiste em “riscar” a superfície fresca do vaso. Os materiais cerâmicos recuperados na região estremenha, demonstram um variado número de matrizes utilizadas para realizar impressões, como espátulas, cunhas, punções e caules. Estas impressões surgem associadas a variados motivos incisos, entre os quais, linhas horizontais, verticais, oblíquas, em grinaldas ou em *chevrons*, e organizadas em bandas verticais, horizontais ou metopadas (LOPES, 2010: 3).

Em termos de decoração plástica, há um predomínio dos mamilos – posicionados junto ou sobre o bordo -, e mais excepcionalmente cordões horizontais, verticais ou oblíquos (LOPES, 2010: 3).

NEOLÍTICO MÉDIO

Em termos decorativos, este horizonte cultural não é facilmente distinguível do momento que o precede. De facto, ainda que se observe um predomínio da cerâmica lisa, no caso da cerâmica decorada, muitas das técnicas e temas decorativos são herdados do Neolítico Antigo, ainda que no Neolítico Médio se observe uma preferência pela técnica de incisão. Contudo, há uma nova técnica decorativa incisa que corporiza este período – o sulco sob o bordo -, e como tal, muitas vezes é utilizada como fósil diretor na integração dos conjuntos cerâmicos do Neolítico Médio, em particular num momento inicial desta fase (CARVALHO, 2008: 255-256). Por norma surgem associados aos recipientes com sulco sob o bordo um outro tipo de recipiente cerâmico que apresenta um – à falta de melhor termo - “falso sulco sob o bordo”, o qual resulta de uma depressão muito nítida entre o lábio e a parede do recipiente, criando a ilusão de sulco sob o bordo.

NEOLÍTICO FINAL

Apesar dos recipientes de bordo denteado serem característicos do Neolítico Antigo, e também do Neolítico Final – sendo na Estremadura considerados os principais fósseis diretores, em termos decorativos, deste segundo momento -, estes apresentam diferenças morfológicas que permitem fazer a distinção do horizonte cultural em que se inserem. No caso do Neolítico Antigo, estes recipientes apresentam um lábio simples,

sobre o qual foi executado o denteado. Em contrapartida, no Neolítico Final, os bordos denteados são geralmente exvertidos, por vezes com perfil em aba, com ou sem espessamento, sendo geralmente a decoração executada na parte mais proeminente e externa do bordo (CARDOSO, 2007: 20).

No Neolítico Final surge uma nova tipologia formal cerâmica que caracteriza este período, e que corresponde às formas carenadas, essencialmente às taças e aos vasos. Ainda que as características das formas carenadas possam apresentar grandes variações - no que concerne não só à localização da própria carena no recipiente, como ao ângulo que a mesma apresenta -, estas essencialmente correspondem a uma mudança de direção na parede do vaso, ou seja, à rutura de dois planos de um recipiente (GONÇALVES, 2003: 87-88). Esta nova tipologia cerâmica desaparece definitivamente com a introdução do Calcolítico em território português, sendo substituída por um outro recipiente, mais adequado às necessidades das populações calcolíticas, o grande prato com ou sem espessamento no bordo (GONÇALVES, 2004: 378).

Ainda que no Neolítico Final subsistam escassas cerâmicas com decoração incisa e impressa, estas tendem a desaparecer antes do final desta fase cultural (CARDOSO, 2000: 52).

2.2.2 – CALCOLÍTICO

O Calcolítico é um período cultural que corresponde à introdução de novas tipologias morfológicas cerâmicas, as quais são produzidas contemporaneamente com formas herdadas do período que o antecede, o Neolítico. Dois exemplos desta herança morfológica correspondem às taças e aos vasos carenados, que surgem na tradição do Neolítico Final, mas podem por isso, representar uma fase precoce do Calcolítico. Assim sendo, as formas que caracterizam este momento cultural são as seguintes (GONÇALVES, 2004: 357-358):

FORMAS ABERTAS:

- Pratos de bordo espessado (interna ou externamente, interna e externamente) por vezes apelidado de “bordo almendrado” (são característicos sobretudo do “Calcolítico do Sudoeste” mas ocorrem ocasionalmente na Estremadura, designadamente nos sítios em torno dos estuários do Tejo e do Sado)
- Taças de bordo não espessado e espessado (interna ou externamente, interna e externamente)
- Pequenas taças
- Taças em calote
- Copos
- Recipientes de paredes retas

FORMAS FECHADAS:

- Taças carenadas
- Vasos carenados
- Esféricos altos
- Esféricos achatados

CALCOLÍTICO INICIAL

O Calcolítico Inicial, em termos ceramológicos identifica-se pelos chamados copos canelados. Esta tipologia cerâmica tem particular relevância cronológica como fósil diretor do Calcolítico Inicial da Estremadura. Os copos canelados caracterizam-se pelas suas superfícies duras, paredes de espessura fina e por um excelente acabamento, estando bem cozidas, com uma aguada de boa qualidade e brilhantes devido ao polimento. Por norma são decorados por ténues caneluras, e surgem associados a taças em calote, que apresentam idênticas decorações e acabamento. Outra característica da decoração dos copos canelados é a “ornamentação brunida”, a qual por vezes também surge noutras tipologias cerâmicas, como é o caso dos pratos e taças (CARDOSO, 2003: 262-263; KUNST, 1996: 258).

CALCOLÍTICO PLENO

No Calcolítico Pleno, os copos canelados que caracterizam o momento anterior desaparecem quase por completo, mas de forma paulatina, dependendo dos sítios arqueológicos. Estes são substituídos por cerâmicas mais grosseiras, como os grandes vasos esféricos – de provisões -, decorados no bojo pelos típicos motivos impressos em “folha de acácia” e “crucífera”, cujo domínio acompanhou o início do declínio dos povoados fortificados. A par desta morfologia cerâmica, surgem as primeiras cerâmicas campaniformes (CARDOSO, 2003: 263).

Uma vez que a coleção de CPM se caracteriza pela ausência de cerâmica do tipo campaniforme – a qual comumente se considera marcar o final do Calcolítico, e a passagem para a Idade do Bronze -, esta não foi considerada para o presente trabalho.

2.2.3 – IDADE DO BRONZE

A grande maioria da cerâmica da Idade do Bronze na Estremadura apresenta uma cozedura redutora, podendo as superfícies dos recipientes estarem polidas, ou simplesmente alisadas (VILAÇA & ARRUDA, 2004: 29).

Em termos morfológicos, as cerâmicas desta época manifestam uma grande variedade, sendo comuns as taças carenadas, e as “urnas” (mais vincadamente no Bronze Final), os potes, os pequenos potes ou panelas, e os grandes vasos de armazenamento. Por vezes, estes pequenos potes ou panelas, caracterizam-se por uma decoração incisa sobre o bordo, resultando num bordo denteado. Neste mesmo tipo cerâmico há uma variante – em termos de tratamento da superfície -, que se caracteriza por um alisamento mal cuidado da superfície externa, o qual produz o que comumente se designa por “paredes *cepilladas*”. Os referidos tipos formais e decorativos encontram-se presentes sobretudo em sítios do Bronze Final estremenho (VILAÇA & ARRUDA, 2004: 29-30), mas não se pode à partida descartar a possibilidade de existirem também na fase anterior. Deste modo, as morfologias cerâmicas mais comuns na Idade do Bronze são apresentadas de seguida:

FORMAS ABERTAS

- Pequeno pote ou panela
- Pratos, taças e tijelas
- Vasos altos
- Vasos de base plana (incluindo o vaso troncocónico, autêntico fóssil-diretor)
- Vasos carenados de colo estrangulado
- Esféricos

FORMAS FECHADAS

- Taças carenadas
- Vasos de carena baixa esbatida
- “Urnas”
- Potes
- Grandes vasos de armazenamento
- Globulares

BRONZE PLENO

O Bronze Pleno é um período cultural que se caracteriza essencialmente pela presença de cerâmicas lisas. O fato de não existirem motivos decorativos claramente associados a este momento dificulta a sua identificação nos conjuntos cerâmicos. Por norma, a sua identificação centra-se na presença de formas que lhe são características, como é o caso dos vasos de base plana, de corpo troncocónico invertido. Contudo, ainda que esta forma se revele como indicador cronotipológico do Bronze Pleno, muitas vezes a sua identificação torna-se bastante complicada devido ao elevado grau de fragmentação que por norma caracteriza os conjuntos cerâmicos.

2.3 – PRINCIPAIS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NA ESTREMADURA

2.3.1 – DESCRIÇÃO GERAL DA REGIÃO

A Estremadura (Anexos: fig.1, p.1) localiza-se, grosso modo, na zona centro-ocidental do território português, e uma das áreas que engloba é o MCE, onde se localiza o CPM, razão pela qual será aqui mais exaustivamente descrita. A particularidade do MCE (Anexos: fig.2, p.1) deve-se ao facto de integrar os maciços calcários existentes na região, que contêm exemplos de todas as formas cársticas, sendo estes relevos cortados por grandes falhas. Esta região é caracterizada por uma vegetação mediterrânea de carrasco, lentisco, zambujeiro e ervas perfumadas que cobrem o solo de tufos intermitentes.

O MCE destaca-se do conjunto da Orla MezoCenozóica pelas dimensões do seu relevo, que se materializa em três acidentes orográficos elevados – as serras de Candeeiros, de Mendiga e de Aire -, e por duas grandes depressões – os *polja* de Minde-Alvados e de Mendiga -, que o compartimentam. O ponto mais elevado da Estremadura é a Serra d’Aire, e as outras duas serras supracitadas ultrapassam também a curva dos 600 metros. O MCE é formado por calcários que conformam um espaço sensivelmente triangular, soerguido por meio de extensas escarpas de falha – ou arrifes -, o que condiciona a sua individualização orográfica. A morfologia do MCE, a par com a sua posição geográfica, são responsáveis pela forte variação climática entre as vertentes voltadas para o litoral – de precipitação mais abundante -, e as terras do interior, que apresentam traços de continentalidade. No substrato geológico estão ausentes os cursos de água subaéreos no interior do maciço, funcionando apenas algumas exurgências nos rebordos escarpados da sua periferia. Estas bacias de drenagem seguem para o Atlântico através da plataforma litoral da Estremadura, e para a margem direita do rio Tejo, cortando as formações argiloarenosas ou areníticas da Bacia Terciária do Tejo.

Os dados paleoambientais disponíveis obtiveram-se através das análises antracológicas e de micromamíferos do Abrigo da Pena d’Água e da Lapa do Picareiro, localizados na Serra d’Aire. A área caracterizava-se por um coberto vegetal dominado pela presença do zambujeiro, sobreiro, carvalho e pinheiro, e por uma forte cobertura arbórea, uma vez que se observa o predomínio dos Murídeos face aos Arvicolídeos,

traço característico dos territórios arborizados de clima mediterrâneo do Sul peninsular. O predomínio do zambujeiro nas terras baixas parece corresponder à retração do pinheiro para as cotas mais elevadas da serra, como consequência das transformações bioclimáticas gerais do Holocénico Médio.

A época em estudo para o presente trabalho insere-se – parcialmente - no Holocénico Médio (8.000-3.000 a.C.), um clima de um modo geral mais seco, mas que englobou diversos ciclos climáticos de fases mais secas e quentes, alternantes com fases mais húmidas e frias. Neste período dá-se um aumento progressivo das temperaturas oceânicas, e a partir de 8.000 a.C. há uma redução da taxa de subida do nível do mar, ainda que apenas entre 5.000 e 3.000 a.C. o oceano atinja o nível atual. O regime transgressivo holocénico teve como consequência a erosão da linha de costa e a inundação das planícies ribeirinhas, originando as “rias flandrianas” e o assoreamento de lagunas e estuários devido à retenção nesses ambientes da carga sólida transportada pelos rios. A partir do Holocénico Recente observa-se um cada vez mais acentuado declínio do coberto vegetal, essencialmente devido ao impacto humano na região, e como consequência da expansão agrícola. Estes processos tiveram consequências significativas na conservação diferencial do registo arqueológico à escala regional (CARVALHO, 2008: 45-46).

Os sítios arqueológicos que se apresentam de seguida foram selecionados em função de diversos fatores, de acordo com os objetivos do presente trabalho. Nomeadamente, localizarem-se na região em estudo – Estremadura -, o fato de serem estações particularmente bem estudadas, com materiais cerâmicos provenientes de contextos seguros e bem caracterizados, e que permitissem observar as associações estratigráficas entre os materiais arqueológicos e as ocupações (Anexos: fig.3, p.2).

2.3.2 – ABRIGO DA PENA D´ÁGUA

O Abrigo da Pena d´Água (Anexos: fig. 4, p. 3) é um sítio arqueológico de grande importância – não só pela grande densidade de vestígios arqueológicos -, mas essencialmente por outros dois motivos; o fato de ter permitido a elaboração de um primeiro modelo crono-estratigráfico para o Neolítico da Estremadura, assim como pelos dados sedimentológicos, antracológicos e faunísticos que permitiram uma

reconstituição paleoambiental da área para todo aquele período. Contudo, além da ocupação da estação nos diferentes horizontes neolíticos, na sequência estratigráfica foram ainda identificadas ocupações do Epipaleolítico, da Idade do Ferro e da época romana (CARVALHO, 1998: 39).

O Abrigo da Pena d'Água localiza-se perto da povoação de Rexaldia, na freguesia de Chancelaria, concelho de Torres Novas e distrito de Santarém. É um abrigo sob rocha, que se situa na base da escarpa de falha que separa o MCE da Bacia Terciária do Tejo. Esta estação está numa posição charneira entre o Maciço Calcário da Serra d'Aire e o rebordo ocidental da Bacia Terciária do Tejo, com um bom domínio visual para Leste e para Sul. É sobranceira à margem direita de um dos principais afluentes do Rio Almonda, a Ribeira do Alvorão – uma zona propícia à prática agrícola -, e encontra-se nas proximidades de bons acessos naturais à Serra d'Aire, uma boa zona para o pastoreio (CARVALHO, 1998: 41-43).

O Neolítico Antigo Cardial encontra-se representado pela cerâmica cardial de estilo tardio, na camada Eb (base). As cerâmicas que apresentam decoração – sem ser cardial -, caracterizam-se sobretudo pela técnica impressa, sendo comuns os puncionamentos, impressões várias e impressões a pente. A datação radiocarbónica foi efetuada com recurso a carvões, e data esta ocupação de 6390+-150 BP; ou seja, uma data e tipologia cerâmica equivalentes ao nível cardial da Gruta do Caldeirão (Tomar), situada na periferia do MCE. Nesta fase da ocupação, os macromamíferos estão representados pelo javali e pela ovelha e/ou cabra doméstica, as quais atestam a presença de espécies doméstica desde a mais antiga fase de ocupação do Abrigo da Pena d'Água. A fracturação intencional dos produtos alongados é um testemunho indireto da prática agrícola (CARVALHO, 1998: 55-60).

O Neolítico Antigo Evoluído encontra-se presente nas camadas Ea e Eb (topo), materializado em cerâmica decorada, a qual apresenta grande variedade de temas, ainda que se destaque a técnica da impressão. Na camada Ea foram recuperados fragmentos com sulcos incisivos sobre o bordo, aspeto que indica um momento terminal do Neolítico Antigo Evoluído, com paralelos no povoado das Salemas e de Pipas (Reguengos de Monsaraz). Datações efetuadas com os carvões recuperados do NA E2, apontam a data desta ocupação para 5170+-200 BP. Este momento cultural foi o que forneceu o conjunto mais diversificado de micromamíferos, contendo, além dos ovicaprinos,

bovinos e suídeos, sendo que estes últimos podem ser selvagens (CARVALHO, 1998: 60-69).

No caso dos vasos decorados com sulco inciso sob o bordo, estes caracterizam-se ainda por um significado cronológico muito genérico, mas são considerados como indicativos de um momento transicional entre o Neolítico Antigo Evoluído e o Neolítico Médio do sul de Portugal. Apesar de existirem datações absolutas para este tipo cerâmico – no Pontal (Comporta), Poço da Gateira (Reguengos de Monsaraz) e Algarão da Goldra (Faro) -, estas não permitem determinar uma cronologia bem definida, situando a utilização destes vasos entre finais do V milénio e inícios do IV milénio a.C.. No Abrigo da Pena d'Água este tipo de vasos apresentam uma distribuição estratigráfica restrita – transição entre as camadas Ea e Db -, coincidente com a abrupta diminuição da frequência de cerâmicas impressas e incisas. Entre as camadas que encerram os fragmentos carenados – Neolítico Final – e os fragmentos impressos e incisos – Neolítico Antigo -, encontram-se exemplares em que as decorações são extremamente escassas, caracterizando-se por cerâmicas lisas, de formas esféricas simples, surgindo associadas a lamelas ou pequenas lâminas e a micrólitos geométricos, estando ausentes as pontas de setas e os vasos carenados. Deste modo, a camada Db caracteriza-se por um conjunto cerâmico quase totalmente liso, sendo que os poucos vasos decorados apresentam uma elevada percentagem de peças decoradas com sulcos sob o bordo. As restantes decorações são também incisas e apresentam vários motivos, destacando-se a “falsa folha de acácia” e os motivos em espinha, os quais estão presentes no Abrigo da Pena d'Água desde a fase terminal do Neolítico Antigo. Interpreta-se assim a camada Db como um momento inicial do Neolítico Médio, o qual encontra paralelos no Poço da Gateira e no concheiro de Pontal. Em termos económicos constata-se a caça de cervídeos e o pastoreio de ovicaprinos, a par da agricultura, testemunhada indiretamente por produtos alongados segmentados, para possível utilização em foices. O Neolítico Médio na sua fase plena – camada Da -também se encontra representado por uma indústria cerâmica lisa – correspondendo os poucos fragmentos decorados a fragmentos de bojo -, apresentando formas simples, variantes da esfera e não carenadas. A cronologia desta fase – ainda não datada -, situar-se-á na primeira metade do IV milénio a.C., ainda que os paralelos em contexto de habitat sejam escassos. Contudo, no Alentejo encontram-se dois paralelos, na “Fase II” da Comporta, e na Quinta da Fidalga, que apresenta as mesmas formas cerâmicas que esta camada do Abrigo da Pena d'Água.

Ainda que os restos osteológicos fossem poucos, testemunham uma predominância do pastoreio sobre a caça; e encontram-se testemunhos indiretos da prática agrícola pela presença de partes mesiais de lamelas e pequenas lâminas, que se supõe terem sido originalmente encabadas em peças de material perecível e funcionando como gumes ativos de foices (CARVALHO, 1998: 55-64).

Foram também recuperados vasos carenados, sendo que a fase de maior divulgação de recipientes com formas carenadas integra-se no Neolítico Final, embora possam sobreviver em momentos posteriores. Dos cinco fragmentos carenados recolhidos, três estavam na camada B e dois na camada C. Outros materiais surgem associados a estes fragmentos – tais como pontas de setas, lâminas robustas e cerâmicas mamiladas -, permitindo concluir a sua inserção no Neolítico Final. Contudo, de acordo com o que se conhece do Neolítico Final na região estremenha, este só encontra pleno paralelo na camada B. Os dois fragmentos da camada C podem ser infiltrações da camada subjacente, ou poderão indicar que o aparecimento das formas carenadas é ligeiramente anterior à formação das associações acima referidas. Ainda que os vasos esféricos e hemisféricos representem a grande maioria da produção cerâmica do Neolítico Final recuperada do Abrigo da Pena d'Água – camada B -, encontram-se além da cerâmica carenada, esféricos mamilados. Todavia, na camada C as cerâmicas mamiladas estão ausentes, e a percentagem de fragmentos carenados é inferior nesta camada, comparativamente à camada B, o que parece indicar uma fase transicional. Estas cerâmicas da fase final do Neolítico caracterizam-se por pastas de cores vermelhas, e acabamento da superfície em que se observa um predomínio do acabamento por alisamento. Não foram efetuadas datações por radiocarbono, mas presume-se que esta ocupação tenha ocorrido em finais do IV milénio a.C.. Isto porque, coincide com a cronologia absoluta para a ocupação do nível basal do povoado de Leceia, cuja cultural material constitui o melhor paralelo na Estremadura para a camada B do Abrigo da Pena d'Água; a única exceção é a ausência dos típicos bordos denteados no Abrigo da Pena d'Água. O facto de na camada C não se encontrar a totalidade da associação artefactual que caracteriza o Neolítico Final na camada B, permite definir um momento de transição entre o Neolítico Médio e o Final. Em termos paleoambientais, na camada C estão presentes restos de cabra doméstica e de veado, o que indica uma economia de exploração simultânea de recursos selvagens e domésticos (CARVALHO, 1998: 55-62).

2.3.3 - LECEIA

Ainda que não se insira no MCE, o sítio arqueológico de Leceia (Anexos: fig.4, p.3; fig.5, p.3) é de extrema importância, pois possibilitou a articulação coerente de informação de origem diversa, nomeadamente em termos estratigráficos, cronológicos, arquitetónicos, de cultural material e zooarqueológicos. Deste modo, forneceu um quadro coerente da evolução da ocupação humana neste sítio, entre o último quartel do IV milénio a.C., e o último quartel do milénio seguinte, ou seja, compreendendo o Neolítico Final e todas as fases do Calcolítico. Estabeleceu ainda balizas cronológicas fiáveis para cada uma das fases culturais identificadas, através de um programa sistemático de datações absolutas, que se tornou pertinente para toda a região estremenha (CARDOSO, 2007: 17).

O sítio arqueológico de Leceia localiza-se numa encosta que domina o fértil vale da ribeira de Barcarena, e caracteriza-se pela existência de numerosos afloramentos geológicos, constituídos por extensas bancadas de calcários duros, que formam a estrutura da plataforma onde foi implantado este povoado (CARDOSO, 2007: 9).

A primeira campanha de escavação – dirigida por João Luís Cardoso -, realizou-se em 1983, e continuou por mais duas décadas de trabalho sistemático. Foi possível constatar a existência de uma estratigrafia nítida e bem conservada, a qual revelou a presença de várias fases de ocupação distintas (ver abaixo), confirmadas não só pelo espólio material, mas também pelas estruturas arquitetónicas presentes. Através destas estruturas foi possível identificar um complexo dispositivo defensivo, constituído por três linhas muralhadas, reforçadas externamente por bastiões ocos ou maciços, assim como a respetiva evolução arquitetónica do conjunto. Estas estruturas arquitetónicas articulavam-se com diversas unidades habitacionais, implantadas tanto no espaço intra, como extramuros. Foi possível fazer em Leceia a correlação das sucessivas camadas identificadas com as diversas fases de ocupação do sítio, com significado cultural expresso pelo correspondente conteúdo artefactual. Foram identificadas cinco fases construtivas e quatro fases culturais, com início no Neolítico Final, e terminando no Calcolítico Pleno, coincidente com a eclosão das cerâmicas campaniformes (CARDOSO, 2007: 9-14).

A primeira fase – integrável no Neolítico Final -, corresponde à implantação de um vasto povoado aberto, de onde foram recuperados recipientes de bordos denteados,

cerâmicas carenadas, e em número muito pouco significativo cerâmicas com decoração incisa, impressa e plástica (cordões em relevo e mamilos simbólicos) (CARDOSO, 2007: 17).

Observa-se um predomínio das formas abertas, correspondentes a taças em calote com o bordo exvertido e o lábio com decoração denteada. Menos comuns são as taças baixas e os vasos cilindroides, e as formas fechadas são muito mais raras (CARDOSO, 2007: 20).

Como referido anteriormente, a passagem de um período cultural para outro raramente é abrupta, chegando muitas vezes a coexistir tipologias formais de diferentes períodos. Ainda que esteja comprovada em Leceia a existência de um hiato entre o Neolítico Final e o Calcolítico Inicial – ou seja, uma fase de abandono -, Cardoso (2007: 22) destaca dois recipientes que parecem corporizar a transição para as produções calcolíticas. Um destes recipientes apresenta decoração em torno da abertura, feita com uma ponta romba, originando caneluras separadas por segmentos radiais verticais; esta decoração é próxima das caneluras características dos copos canelados do Calcolítico Inicial, embora seja mais grosseira. O segundo exemplar é uma taça de carena muito alta, correspondendo a um bordo em aba – revirado para o interior -, decorado por um reticulado obtido por caneluras muito finas, as quais se estendem à superfície interna do vaso; além das caneluras serem típicas do Calcolítico Inicial, também a decoração da superfície interna o é (CARDOSO, 2007: 22-23).

Como referido, em Leceia observa-se um claro hiato de algumas dezenas de anos, entre a ocupação do sítio no Neolítico Final e no Calcolítico Inicial. Esta descontinuidade é evidenciada pela estratigrafia e pela cronologia absoluta, e é visível tanto a nível das construções, como do espólio cerâmico. Entre o espólio cerâmico de cronologia calcolítica inicial, destacam-se os característicos copos com decoração canelada e brunida, e as taças de excelente acabamento, decoradas por bandas de caneluras paralelas abaixo do bordo. Estes materiais contrastam vivamente com as produções cerâmicas do Neolítico Final, e a variedade de formas decoradas, técnicas e padrões decorativos é muito superior à observada na fase cultural anterior (CARDOSO, 2007: 24).

Os copos canelados recuperados de Leceia embora tenham um tamanho geral médio, alguns exemplares apresentam dimensões muito pequenas. Na maioria dos casos

estão decorados com duas faixas de caneluras idênticas - largas e pouco profundas -, produzidas por uma ponta romba deslizando tenuamente sobre a pasta mole. Este motivo decorativo surge abaixo do bordo, e a segunda faixa de caneluras – que pode não existir -, sobre o fundo. O espaço intermédio entre as duas bandas de caneluras regra geral apresenta-se liso, e nos casos em que há decoração, esta é obtida com o recurso a uma ponta romba, sob a forma de caneluras, mas muito mais ténues e finas que as anteriores. As paredes destes vasos na maioria são ligeiramente côncavas e de fundo convexo, mas também surgem recipientes de paredes retilíneas e ligeiramente divergentes. As taças caneladas apresentam uma faixa de caneluras paralelas abaixo do bordo, e parecem manifestar uma produção mais duradoura que os referidos copos canelados (CARDOSO, 2007: 25-26).

Os motivos decorativos representados neste conjunto cerâmico são muito diversos, e os principais grupos são: as métopas de caneluras horizontais, os espinhados horizontais – organizados em campos ou de forma contínua -, os espinhados verticais, por vezes associados aos horizontais, as linhas simples verticais, organizadas em métopas ou isoladas, os espaços totalmente preenchidos por segmentos retilíneos oblíquos – separados ou não por linhas verticais -, as linhas curvas de diversos tipos e orientações, incluindo semicírculos concêntricos, os serpentiformes – ou linhas onduladas verticais – simples ou alternantes com segmentos em arco de círculo ou linhas retilíneas oblíquas, e os reticulados oblíquos, associados ou não a outros motivos (CARDOSO, 2007: 25-26).

A par com as taças caneladas simples, surge um outro tipo de taça de grande qualidade, de paredes finas e superfícies bem regularizadas, decoradas por ténues caneluras em motivos geométricos, nomeadamente espinhados, linhas paralelas, reticulados, bandas de linhas organizadas obliquamente, separadas por linhas radiais. Excepcionalmente, nalgumas taças observa-se a associação de caneluras a pontuados obtidos por impressão, tal como se verificou em Vila Nova de S. Pedro. Algumas das taças e copos possuem orifícios de suspensão – os quais eram efetuados após a cozedura da pasta -, afastando a hipótese de se destinarem ao consumo de líquidos. Tanto em copos como em taças, por vezes surgem associados à decoração canelada, a decoração incisa (CARDOSO, 2007: 26-27).

A terceira fase cultural de Leceia é o Calcolítico Pleno, e quer em termos construtivos quer cerâmicos, contrasta claramente com a fase anterior. Em contrapartida, contrariamente ao que se verificou entre as produções do Neolítico Final e do Calcolítico Inicial, a continuidade entre as produções cerâmicas do Calcolítico Inicial e as do Calcolítico Pleno encontram-se melhor documentadas. No entanto, na camada correspondente ao Calcolítico Pleno observam-se ainda vasos típicos do momento cultural precedente; estes surgem por ação dos processos pós-deposicionais, ou como consequência de uma cultura distinta emergente, que gradualmente vai abandonando e substituindo as referidas produções cerâmicas produzidas num momento anterior (CARDOSO, 2007: 34).

Como referido, permanecem ainda os copos canelados, no entanto com diferenças, nomeadamente uma pequena curvatura da parede do vaso, e o espessamento do bordo, situações que não ocorrem no Calcolítico Inicial. O fabrico destes copos revela-se mais grosseiro e de paredes mais espessas, e em vez da típica decoração em canelura, caracterizam-se agora por espinhados verticais ou horizontais, cuja conjugação organiza padrões em ziguezague, obtidos por curtas incisões ou impressões. Um outro exemplar de copo apresentava uma associação de diversos motivos incisos, desde espinhados, a faixas reticuladas abaixo do bordo, bem como losangos dispostos horizontalmente, corporizando a síntese de diversos padrões decorativos característicos do Calcolítico Pleno, mas representados ainda numa forma herdada da época anterior. Algumas das taças associam decorações em “folhas entalhadas” com caneluras, as quais parecem representar a sequência evolutiva das taças caneladas do Calcolítico Inicial (CARDOSO, 2007: 34-35).

Alguns exemplares testemunham também a introdução de novos tipos cerâmicos, a par de novas técnicas decorativas. Uma tipologia cerâmica característica do Calcolítico Pleno, e presente em Leceia são as taças de bordo espessado internamente e lábio convexo alongado – os denominados bordos almendrados –, decoradas internamente. Esta técnica decorativa era obtida com recurso a uma ponta romba – deslizada pela superfície dos recipientes –, a qual produzia caneluras ténues, largas e em geral pouco profundas, quando realizada sobre a pasta ainda mole. Há exemplares, em que pela fina execução das caneluras, estas foram efetuadas sobre a pasta já seca, produzindo ténues traços que não deixaram sulco na superfície do vaso. Esta técnica decorativa é semelhante à das cerâmicas com “ornatos brunidos” do Bronze

Final, mas é possível distinguir o período cultural em que se inserem com base na tipologia dos recipientes. As decorações internas apresentam maioritariamente motivos idênticos aos patenteados nas partes médias dos vasos - no espaço entre as caneluras -, ou seja, preenchimentos por segmentos simples paralelos, por vezes subordinados a linhas separadoras ou secantes; são ainda comuns as faixas em reticulado oblíquo, as métopas organizadas em semicircunferências concêntricas, e as linhas paralelas e secantes. No caso da decoração impressa, parte dos recipientes são claramente calcolíticos – pela associação da técnica canelada à impressa -, mas os restantes exibem ainda características neolíticas. Foram recolhidos também vasos globulares fechados decorados pela técnica das caneluras, manifestando-se como percussores – ainda que menores -, dos chamados “vasos de provisões”, os quais apresentam decorações obtidas por sulcos largos e profundos, e motivos em “folha de acácia” e suas variantes, designadas por M. Kunst (o responsável pelas modernas escavações no Zambujal) como “folhas entalhadas” (CARDOSO, 2007: 27-28).

Os padrões decorativos observados neste conjunto cerâmico são notavelmente constantes, e importa salientar a variedade das impressões relativamente às “folhas entalhadas”. Estas apresentam-se como curtos e pequenos folíolos nos vasos de menores dimensões – as taças -, e no caso dos recipientes de maiores dimensões, apresentam profundos folíolos produzidos com matriz, com recurso a uma haste de madeira, a um pequeno seixo alongado, ou a um bordo regularizado de concha. A par da produção dos grandes vasos de provisões, são comuns os vasos de menores dimensões, os quais se caracterizam por um fino acabamento. Alguns exemplares possuem um cordão, geralmente decorado por finas incisões oblíquas – de ambos os lados -, convergentes na parte mais proeminente do cordão. A decoração das zonas adjacentes associa a técnica canelada – sulcos concêntricos -, com a incisa, representada por espinhados em ziguezague, por quadrados ou losangos preenchidos interiormente por reticulados. Nenhum destes exemplares se encontra decorado por motivos de “folhas entalhadas” (CARDOSO, 2007: 37).

Em termos decorativos importa valorizar também a ocorrência de decorações incisivas e impressas, obtidas pela aplicação de um pente; ora deslizando sobre a superfície fresca do exemplar, ora aplicado perpendicularmente a esta. Os padrões resultantes são faixas onduladas ou retilíneas, horizontais e verticais, e estão presentes em distintas morfologias cerâmicas de Leceia. A técnica de impressão, além do referido

penete, podia obter-se através de unhas na pasta fresca, sendo no entanto a modalidade mais comum em Leceia, a aplicação oblíqua de uma ponta romba, produzindo depressões curtas e assimétricas, que espaçadas regularmente preenchem os campos delimitados por linhas incisivas (CARDOSO, 2007: 37-38).

O sítio arqueológico de Leceia caracteriza-se ainda por um quarto momento cultural distinto, que corresponde à eclosão das cerâmicas campaniformes. Este momento não é abordado no presente trabalho, uma vez que a coleção cerâmica de CPM em estudo não contém exemplares destas características.

2.3.4 - ZAMBUJAL

A fortificação calcolítica do Zambujal (Anexos: fig.4, p.3; fig. 6, p.4) foi descoberta em 1932 por Leonel Trindade, e situa-se num esporão rochoso sobre a margem direita da Ribeira de Pedregulhos, cerca de 40 km a Nordeste de Lisboa. Em 1946, após as primeiras sondagens, o sítio arqueológico do Zambujal foi classificado como “Monumento Nacional” (KUNST, 1996: 257).

As primeiras escavações foram realizadas em 1959, cujas seis campanhas efetuadas entre 1964 e 1973, permitiram pela primeira vez na Península Ibérica uma documentação pormenorizada da estratigrafia de um povoado calcolítico. O Zambujal marcou uma nova era da investigação da Pré-História na Península Ibérica. Em 1981 foi feita a primeira publicação sobre o sítio – por Sangmeister e Schubart -, na qual apresentaram a estruturação da história arquitetónica e do desenvolvimento do povoado, tendo sido distinguidos cinco sistemas de construção. Estes sistemas têm em comum uma cidadela central, rodeada por cinturas amuralhadas e relativamente concêntricas (KUNST, 1996: 257-258).

No Zambujal encontram-se presentes os três horizontes do Calcolítico – o Inicial, o Pleno e o Final -, representados respetivamente por 644 fragmentos de copos canelados, 656 fragmentos de decoração de folhas entalhadas, e 502 fragmentos campaniformes. Seguidamente foi feita uma correlação entre as diferentes fases construtivas do Zambujal, e a respetiva distribuição quantitativa destes três tipos cerâmicos. Deste modo, foi possível observar que o único tipo cerâmico presente num momento anterior à primeira fase construtiva são os copos canelados. Os copos

canelados apresentam o seu número máximo na fase anterior à construção, mas no entanto, nas fases 1, 2 e 3 continuam a surgir em maior número que os outros dois tipos cerâmicos. A produção de cerâmica de folhas entalhadas e campaniforme vão, grosso modo, aumentando desde a fase 1 até à fase 4, momento a partir do qual os seus números começam a diminuir. Na fase 4, quando diminui o número de copos canelados presentes, é quando as cerâmicas de folhas entalhadas e as campaniformes apresentam uma maior expressão quantitativa; particularmente o campaniforme que revela nesta fase um domínio óbvio sobre as outras duas formas cerâmicas. Assim sendo, é possível concluir que, muito provavelmente a cerâmica de folhas entalhadas já existia na fase 1, contrariamente à campaniforme, que nesta fase apresenta apenas números residuais, muito provavelmente devido à influência dos processos tafonómicos. O fato da cerâmica de folhas entalhadas não surgir nas fases anteriores ao início da construção, atesta a sua introdução numa fase posterior aos copos canelados, ainda que, a partir do momento em que são introduzidas, estes dois tipos coexistam. No entanto, a sua contemporaneidade – em números expressivos –, com a cerâmica campaniforme revela que após a introdução deste novo tipo, a cerâmica de folhas entalhadas continuou a ser produzida. A partir do momento em que a produção dos copos canelados começa a perder expressão, é quando a cerâmica campaniforme começam a eclodir no povoado do Zambujal, muito provavelmente num fenómeno de substituição. A ideia de substituição é reforçada pelo fato de a grande maioria dos recipientes campaniformes corresponderem a copos, que provavelmente desempenhariam a mesma função que os copos canelados. Kunst (1996: 260-280) determinou uma estruturação para o povoado do Zambujal, assente em cinco horizontes sucessivos:

- 1 – Copos canelados
- 2 – Copos canelados frequentes + escassas decorações com folhas entalhadas
- 3 – Copos canelados frequentes + decorações com folhas entalhadas frequentes + escassos campaniformes
- 4 – Escassos copos canelados + decorações com folhas entalhadas frequentes + campaniformes frequentes
- 5 - Decorações com folhas entalhadas pouco frequentes + campaniformes frequentes

2.3.5 – CASAL DA TORRE

A estação arqueológica do Casal da Torre (Anexos: fig. 4, p. 3; fig. 7, p.4) localiza-se na freguesia de Assentiz, concelho de Torres Novas, distrito de Santarém; e foi descoberta em 1994 na sequência de prospeções efetuadas pela STEA. Situa-se numa depressão de orientação aproximada NW-SE, contendo no seu fundo um depósito arenoso com cerca de dois metros de potência. A extração de areias deste depósito – levada a cabo por populares para trabalhos agrícolas -, pôs a descoberto testemunhos de uma ocupação pré-histórica, nomeadamente artefactos cerâmicos e vestígios de lareiras (CARVALHO *et al*, 1999: 1).

Os trabalhos de sondagem efetuados procuraram determinar as condições de jazida dos materiais, a extensão e potência do nível arqueológico, e a cronologia da ocupação. Contudo, a contínua extração de terras por parte dos populares eliminou os restos das lareiras, antes que pudessem ser iniciados os trabalhos de escavação. Estes começaram em junho de 1994, integrados no projeto *Carta Arqueológica do Parque Natural das Serras d’Aire e Candeeiros*, sob direção de João Zilhão. O único nível arqueológico identificado no sítio do Casal da Torre encontra-se registado *in situ* na base da camada 3 (CARVALHO *et al*, 1999: 2).

Foram recolhidos um total de 1499 fragmentos cerâmicos, correspondendo a um peso de 17,725 kg. Em termos macroscópicos, as pastas são maioritariamente pouco compactas, de aspeto arenoso, por vezes vacuolares, e com elementos não plásticos (ENP) grosseiros. As cores oscilam entre o bege escuro e o acastanhado, sendo raros os tons castanho-avermelhados ou alaranjados. As superfícies são predominantemente alisadas, havendo no entanto, alguns exemplares de acabamento por brunimento e de tipo *cepillo* (CARVALHO *et al*, 1999: 3).

Neste conjunto foi obtido um número mínimo de recipientes (NMR) igual a 119 exemplares, dos quais 72 exemplares manifestam características morfológicas distintas. A determinação do NMR e suas tipologias morfológicas foi realizado com o recurso à reconstituição gráfica de recipientes, assim como à orientação dos bordos. Observa-se um predomínio das formas variantes da esfera, sendo as formas compostas menos comuns. Relativamente aos elementos de prensão – ainda que presentes em reduzido número -, são relativamente variados, constituídos por dois fragmentos de asa de rolo de seção arredondada, um cordão plástico liso, e sete exemplares com pegas mamilares,

maioritariamente de morfologia alongada e localizadas sobre o próprio bordo. Dos 1499 fragmentos cerâmicos recolhidos, apenas dois apresentam decoração – efetuada por puncionamentos avulsos -, sendo que as características destes fragmentos indicam que se trata muito provavelmente do mesmo vaso (CARVALHO *et al*, 1999: 2).

O inventário tipológico cerâmico obtido para o Casal da Torre baseou-se em várias propostas para a Idade do Bronze do Centro e Sul de Portugal, nomeadamente Silva e Soares (1981), Senna-Martinez (1994) e Cardoso e Carreira (1993). As tipologias formais deste conjunto podem ser agrupadas nos tipos principais, que serão descritos de seguida. Observa-se neste conjunto, que no interior de cada tipo formal se esconde uma grande variabilidade ao nível das dimensões e de atributos secundários, como a forma e orientação do bordo, por exemplo. Deste modo, as tipologias morfológicas identificadas no conjunto cerâmico do Casal da Torre são as seguintes (CARVALHO *et al*, 1999: 3):

- Pratos, taças e tijelas – Formas hemi-elipsoidais, hemisféricas ou em calote de esfera. Estes três tipos foram incluídos no mesmo grupo pois nem sempre é possível fazer a distinção entre si, uma vez que a diferença reside essencialmente no índice de profundidade, sucessivamente maior. Estes tipos são os mais numerosos do conjunto do Casal da Torre (35 exemplares).
- Taças carenadas – Formas compostas, de base em calote de esfera e na parte superior em tronco de cone. Foi confirmada a presença de um recipiente deste tipo, ainda que seja possível que existam mais, pois há quatro fragmentos de carena não associáveis a este vaso.
- Esféricos – Formas esféricas ou em segmento de esfera. Sete recipientes integram-se nesta tipologia morfológica.
- Globulares - Formas esféricas ou em segmento de esfera, apresentando colo ou gargalo incipientes. Foram identificados quinze vasos deste tipo.
- Vasos altos – Vasos cujas paredes se apresentam mais ou menos verticais (cilíndricas ou em tronco de cone), apresentando as bases arredondadas. Estão representados por um conjunto de 12 recipientes.
- Vasos carenados de colo estrangulado – Forma composta por base em calote de esfera e parte superior hiperboloide, separadas por uma carena. Deste tipo apenas foi recuperado um exemplar.

- Vasos de carena baixa esbatida – Distinguem-se das taças carenadas pela forma da parte superior cilíndrica, pela suavidade da carena e pelas suas dimensões maiores, o que indica uma forma funcionalmente distinta. Apenas foi recuperado um exemplar.
- Vasos de bases planas – No conjunto do Casal da Torre foram recuperados dois vasos deste tipo, ainda que apresentem características morfológicas distintas. Um dos vasos é troncocónico invertido de base e paredes retas, o outro é um pote de tipo “saco” com preensões mamilares, paredes curvas e base plana.

Em termos cronológicos, não foi possível obter uma datação absoluta para a ocupação desta jazida, uma vez que não foram recolhidos carvões em quantidade suficiente. Assim sendo, a integração cronológica do Casal da Torre baseou-se na comparação dos artefactos recolhidos com outros contextos da Pré-História Recente. Aspeto este dificultado pelo fato de as grutas-necrópole da região estremenha – que correspondem à maioria dos sítios conhecidos – não apresentarem contextos fechados passíveis de comparação objetiva. A quase inexistência de decoração no conjunto cerâmico, e a morfologia específica de alguns destes tipos encontram paralelos nos povoados do Catujal e do Agroal. Deste segundo sítio foi recuperado um conjunto cerâmico liso, que apresenta a mesma variação morfológica que o conjunto do Casal da Torre. De acordo com as datações dos referidos sítios, o Casal da Torre apresentará uma cronologia entre o fim do III milénio a.C. e os meados do seguinte (CARVALHO *et al*, 1999: 4-5).

3 - OBJETIVOS DO TRABALHO E OPÇÕES METODOLÓGICAS

3.1 – OBJETIVOS

Os objetivos gerais deste trabalho consistem no estudo de uma componente arqueológica importante, neste caso a cerâmica, de um sítio com múltiplas ocupações humanas pré-históricas, o Cabeço de Porto Marinho. Contudo, estes objetivos não podem ser dissociados da metodologia de escavação empregue no sítio arqueológico, a

qual foi, por sua vez, condicionada pelas características topográficas e geológicas do sítio, e pelo estado de preservação em que este se encontrava. Tendo isto em mente, os objetivos específicos, que se elencam de seguida, foram definidos também em função destas condicionantes.

- Identificação e análise da variabilidade formal e decorativa dos conjuntos cerâmicos exumados. Esta análise permitirá determinar, através de comparações crono-estilísticas, as diferentes ocupações da Pré-História Recente do sítio, ordenando no tempo as coleções cerâmicas e, desse modo, dar às diferentes ocupações um enquadramento cronológico e cultural relativo.
- Análise da dispersão espacial (sectorial) e vertical (estratigráfica) da cerâmica. Este objetivo reconhece-se à partida que será de difícil concretização, uma vez que o CPM se encontrava bastante remexido nos seus níveis superiores, holocénicos. Contudo tentar-se-á definir – dentro do possível – a dispersão espacial das diferentes ocupações.
- Por fim, a integração dos resultados no esquema diacrónico conhecido para as produções cerâmicas estremenas. Ou seja, se os resultados obtidos se enquadram com os dados já conhecidos para a região estremena, deste modo contribuindo para o seu conhecimento.

3.2 – METODOLOGIA DA ABORDAGEM ÀS COLEÇÕES CERÂMICAS

O material cerâmico do CPM encontrava-se dividido por sacos, porém nem sempre devidamente etiquetados ou referenciados. Alguns destes sacos continham uma indicação externa do sector e quadrícula de onde provinham as cerâmicas; noutros casos os sacos não tinham qualquer identificação, e os fragmentos que continham estavam misturados independentemente da sua proveniência. Apesar de alguns dos sacos apresentarem a proveniência dos fragmentos que continham, observou-se que cerca de metade destes fragmentos não tinham marcação. A fim de se poderem manusear livremente optou-se por identificar nos mesmos a sua proveniência, com o recurso a verniz transparente e a uma caneta de ponta fina preta.

Parte desta coleção já havia sido triada e estudada no âmbito da unidade curricular de Análise de Materiais Cerâmicos, da antiga licenciatura em Arqueologia, e

na tese de doutoramento de Carvalho (2008). Destes estudos prévios resultaram, assim, cinco trabalhos – dos quais quatro não publicados -, que se focaram nos seguintes sectores: sector I (LOPES, 2010), sector II (NUNES *et al.*, 2011), sector III (CANDEIAS *et al.*, 2011), sector IIIS (CARVALHO, 2008), e sector IIIT (MACHADO *et al.*, 2011).

O critério de triagem para os referidos trabalhos teve como objetivo a inventariação da totalidade das coleções, e a seleção de determinados fragmentos para estudo, como era o caso de bordos e fragmentos decorados. Uma vez que entre os objetivos do presente trabalho se encontra a análise da dispersão espacial e vertical da coleção cerâmica, optou-se por voltar a triar o material daqueles sectores de acordo com a sua proveniência.

Procedeu-se então à triagem dos diversos fragmentos em função do sector, quadrícula e nível artificial (NA) ao qual pertenciam. Nalguns casos a marcação nos fragmentos cerâmicos era ilegível, sendo visível apenas o sector a que pertenciam. Uma vez que não podiam ser considerados como provenientes de um contexto seguro, optou-se por inserir estes fragmentos cerâmicos no sector correspondente e classifica-los como “sem marcação”. Outra situação que se observou - mas desta vez em menor escala -, foi o facto de existirem no sector I fragmentos cerâmicos nos quais estava identificado o sector e a quadrícula a que pertenciam, seguido por um registo alfabético, nomeadamente pelas letras C ou E, ao invés do NA de onde provinham. Em reunião com um dos responsáveis pelo projeto de escavação de CPM (Nuno F. Bicho), foi questionado o motivo desta marcação alfabética. Soube-se que o solo do sector I, aparentando estar bastante misturado não foi submetido a um registo estratigráfico preciso, exatamente porque não permitiria obter quaisquer dados estratigráficos viáveis. Por esse motivo, em termos de estratigrafia vertical a grande maioria dos fragmentos do sector I estão identificados por Top, Upper, Main ou Lower, ao invés de um NA preciso. Determinou-se assim, que a letra C inscrita nos fragmentos cerâmicos equivalia ao que foi denominado “nível da cerâmica” (daí a letra “C”), o qual corresponde aos níveis superiores - Top e Upper - do sector I. A letra E surge também inscrita num pequeno número de fragmentos cerâmicos do sector V, e à semelhança do sector I, também este sector se apresentava bastante misturado, e não permitia uma leitura estratigráfica minuciosa. Deste modo, o nível que continha material cerâmico não foi escavado, mas sim removido com o recurso a uma escavadora (daí a letra “E”). Por esse

motivo existem fragmentos que em vez de um NA preciso, apresentam a letra E, presumindo-se que correspondem ao material cerâmico removido pela escavadora. Noutros casos não foi possível determinar o NA, uma vez que nos fragmentos apenas vinha indicada a profundidade a que foram recuperados, não sendo viável a associação entre a profundidade e o correspondente NA.

Após a conclusão deste processo obtiveram-se os seguintes resultados: sector I com 75 fragmentos, sector II com 324 fragmentos, sector III com 123 fragmentos, sector IIIS com 4482 fragmentos, sector IIIT com 845 fragmentos, sector IV com 71 fragmentos, sector V com 465 fragmentos e o sector VI com 1576 fragmentos, num conjunto total de 7961 fragmentos cerâmicos.

Terminada a reorganização do material arqueológico de acordo com a sua proveniência, o passo seguinte foi a inventariação dos fragmentos de acordo com as suas características morfológicas (bordo liso, decorado, bojo liso, decorado, carena, base plana, presença de decoração plástica e outros). Paralelamente a esta triagem de carácter morfológico foi elaborada a quantificação do número destes elementos cerâmicos por sector, quadrícula e NA.

Durante todo este processo de triagem e redistribuição dos fragmentos de acordo com a sua proveniência e morfologia, foram inúmeras as situações que suscitaram dúvidas, particularmente em casos de fragmentos com decoração. Ainda numa fase inicial do estudo ceramológico, começaram a surgir suspeitas relativamente à distribuição espacial original destes mesmos fragmentos. Isto porque, fragmentos que aparentemente pertenciam ao mesmo recipiente, se encontravam espalhados por diversos sectores, sugerindo processos de migração vertical e horizontal das peças extremamente dúbios.

Por esse motivo foram feitos esboços preliminares — ou seja, o seu desenho mais ou menos esquemático — das decorações presentes nos diversos sectores e quadrículas. Através destes esboços e da familiaridade adquirida com o manuseamento do material cerâmico, foi possível observar que fragmentos que pertenciam a um mesmo recipiente se encontravam espalhados por diversas quadrículas dentro de cada sector. Uma vez ampliado o espectro desta análise confirmou-se que fragmentos que pertenciam a um mesmo recipiente se encontravam distribuídos, não só por diversas quadrículas, mas por diversos sectores.

No caso de sectores contíguos, esta dispersão horizontal dos fragmentos não se apresentava como problemática. A problemática surgiu nos casos em que a mesma peça se distribuía por diversos sectores, os quais se passam a exemplificar: um recipiente encontrava-se espalhado pelos sectores I, II, III e IIIS, outro pelos sectores III e V, outro pelos sectores I, II e IIIS, e por fim, outro recipiente distribuía-se pelos sectores I, III, IIIS e V. É previsível que os fragmentos depois de depositados/abandonados se desloquem pelo solo, mas não fazia qualquer sentido a dispersão observada, em diversos sentidos. Tendo em conta que CPM é um sítio arqueológico de areias e dunas e como tal apresenta alguma inclinação, seria lógico que as perturbações pósdeposicionais movimentassem os referidos fragmentos de acordo com a gravidade, ou seja, num mesmo sentido. Neste caso, a teoria ia contra o que se observava na prática.

Deste modo, e uma vez que os dados obtidos tinham como fonte única informativa as marcações presentes nos fragmentos cerâmicos e estas por vezes suscitavam dúvidas, foi feito o levantamento das quadrículas e NA pertencentes a cada sector – de acordo com as marcações existentes nos fragmentos -, a fim de cruzar estes dados com os dados da planta da escavação de CPM. Neste momento concluiu-se que no sector IV não tinham sido recuperados quaisquer fragmentos cerâmicos de época pré-histórica, excluindo-se o mesmo do presente estudo. A partir da observação da planta de escavação foram confirmadas as quadrículas que constituíam cada sector. As quadrículas que se encontram destacadas a negrito correspondem às quadrículas que continham material cerâmico, e distribuem-se do seguinte modo:

SECTOR I – L1 – L2 – L3 – L4 – L5 – M1 – M2 – M3 – **M4 – M5 – M6 – M7**
– M8 – N1 – N2 – N3 – N4 – N5 – O2 – O3 – O4 – O5 – P2 – P3 – P4 – Q2 – Q3 – Q4
– **R2 – R3 – R4** (Anexos: fig. 13, p. 7)

SECTOR II – D1 – D2 – E1 – E2 – **F1 – F2 – F3** – G1 – **G2 – G3 – G4 – G5 –**
G6 – G7 – H1 – H2 – **H3 – H4 – H5 – H6 – H7** – I1 – I2 – I3 – **I4** – J1 – J2 – J3 – **J4 –**
L2 – **L3** – M2 – M3 (Anexos: fig. 15, p. 8)

SECTOR III – B3 – B4 – B5 – B6 – B7 – B8 – B9 – C3 – C4 – C5 – C6 – C7 –
C8 – C9 – D3 – D4 – **D5** – D6 – D7 – D8 – D9 – **E4** – E5 – E6 – E7 – E8 – E9
(Anexos: fig. 17, p. 9)

SECTOR IIIT – J3 – L3 – M3 – N3 – O3 – P3 – Q3 – R3 – S3 – T3 – U3 – V3 – X3 (Anexos: fig. 19, p. 10)

SECTOR V – A9 – A10 – A11 – B9 – B10 – B11 – C5 – C6 – C7 – C9 – C10 – C11 – D5 – D6 – D7 – D8 – D9 – D10 – D11 – E7 – E8 – E9 – E10 – E11 – F8 (Anexos: fig. 21, p. 11)

SECTOR VI – D8 – D9 – D10 – D11 – D12 – D13 – D14 – D15 – D16 – E8 – E9 – E10 – E11 – F8 (Anexos: fig. 23, p. 12)

Nesta fase foi possível constatar que existiam erros na marcação dos fragmentos cerâmicos, pois eram atribuídas aos diversos sectores quadrículas que não existiam nos mesmos. A simples tarefa de inventariar os fragmentos presentes revelou-se extremamente trabalhosa, e teve que ser sucessivamente refeita à medida que se aprofundava o estudo dos materiais.

Iniciou-se então o processo de tentar compreender os erros de marcação, a fim de os corrigir e redistribuir corretamente os fragmentos cerâmicos. Como as quadrículas que constituem cada um dos sectores têm por norma designações alfanuméricas distintas, permitiu nesses casos detetar e solucionar rapidamente os erros nas marcações. Nalguns dos casos mais complexos conseguiram-se solucionar os erros por exclusão de partes, e noutros casos em que não era possível fazer uma redistribuição segura dos fragmentos, uma vez que a única marcação que os mesmos tinham era o sector de origem, optou-se por considerar esses fragmentos como simplesmente “sem marcação”, e integrá-los no referido sector. Consequentemente, através da correção dos erros de marcação observou-se que os trabalhos realizados pelos alunos atrás citados, ao invés de incidirem sobre um único sector, continham fragmentos misturados e oriundos de outros sectores que não os pretendidos em estudo.

Seguidamente são apresentadas as alterações na distribuição dos fragmentos, indicando sequencialmente: o sector a que pertencem (em título); a quadrícula de proveniência (designação alfanumérica), o sector em que estavam erradamente inseridos, e o número de fragmentos correspondentes:

- **SECTOR I**

M4 + M4 (II) – 7

M5 (III) – 15

M6 + M6 (II) – 8

M7 + M7 (II) – 3

R2 (IIS) – 2

R4 (IIS) – 10

- **SECTOR II**

G3 (IIS) – 3

G4 + G14 (I) – 1

- **SECTOR III**

E14 + E4 (V) – 1

- **SECTORES IIS e IISW**

I4 (III) + I9 (III) – 8 – 2

J4 (III) – 14

L4 (III) – 4

M4 (III) – 31

N5 + N5 (III) – 2

N6 + N6 (I) + N6 (III) + N6 (V) – 23 – 2 – 7

O4 + O4 (III) – 11

O5 + O5 (III) – 21

O6 + O6 (III) – 3

P6 + P6 (III) – 8

Q95 + Q15

Q98 + Q18

R15 + R5

S14 + S4

- **SECTOR IIIT**

N3 + N3 (IIS) – 6

P3 + P3 (IIS) – 40

Q3 + Q3 (IIS) – 37

R3 (IIS) – 81

S3 (IIS) – 125

- T3 (IIIS) – 19
- U3 (IIIS) - 109
- V3 (IIIS) – 11
- X3 (IIIS) – 13
- **SECTOR V**
 - A10 + A16
 - C7 (IV) – 1
 - C9 (IV) – 4
 - C10 + C10 (IV) – 1
 - C11 (IV) – 7
 - D8 + D8 (IV) - 31
 - D9 (IV) – 1
 - D11 (IV) – 7
 - E8 + E8 (IV) – 25
 - E11 (IV) – 2
- **SECTOR VI**
 - D14 + D14 (IIIS) – 18

No entanto, houve erros de marcação que não foram possíveis solucionar, pois diziam respeito a quadrículas que não existiam em qualquer um dos sectores em estudo. Deste modo, as quadrículas que foram excluídas deste estudo por se encontrarem descontextualizadas são:

G10 – 2 bojos lisos

N7 – 46 bojos lisos

P8 – 1 bordo liso

R1 – 1 bordo liso e 1 base plana

R6 – 6 bordos lisos, 2 bordos decorados, 71 bojos lisos e 2 bojos decorados

S10 – 1 bojo liso e 1 bojo decorado

Assim sendo, a distribuição e organização final dos fragmentos cerâmicos apresenta-se da seguinte forma: sector I com 50 fragmentos, sector II com 298 fragmentos, sector III com 2 fragmentos, sector IIIS com 4732 fragmentos, sector IIIT

com 851 fragmentos, sector V com 458 fragmentos e o sector VI com 1570 fragmentos, num conjunto total de 7961 fragmentos cerâmicos.

3.3 – CRITÉRIOS DE ANÁLISE MORFOLÓGICA

Uma vez finalizada a triagem geral da coleção, iniciou-se a ordenação dos fragmentos cerâmicos de acordo com o recipiente a que pertenciam (isto é, através de exercícios de remontagem/colagem e de associações de fragmentos presumivelmente pertencentes aos mesmos vasos originais); este processo foi realizado individualmente sector a sector. Num primeiro momento, foram juntados os fragmentos de acordo com o recipiente a que pertenciam dentro de um mesmo NA. Constatando que o mesmo vaso tinha fragmentos dispersos por diversos NA, tornou-se necessário um segundo momento de comparação, sem considerar a estratigrafia vertical como carácter limitativo. A grande dispersão dos fragmentos, perceptível logo na fase inicial deste processo, conduziu a um terceiro momento de comparação, desta vez entre quadrículas.

Ainda que tenha sido realizada uma observação das características tecnológicas do material cerâmico (elementos não plásticos presentes, densidade, consistência, textura e dureza das pastas, acabamento de superfície, presença de aguada e tipo de cozedura), esta não foi considerada prioritária face aos objetivos explícitos deste trabalho, enunciados na secção anterior. Além disso, não só a homogeneidade geral do conjunto em estudo, mas principalmente as limitações inerentes a uma classificação macroscópica de pastas, e a conseqüente subjetividade dos resultados, aquele exercício iria revelar-se redundante — e até certo ponto erróneo — nos seus resultados e, portanto, pouco relevante para o efeito. Acresce ainda que já havia sido realizado também um estudo petrográfico por Masucci (1995) para este sítio, com resultados mais detalhados e rigorosos, o que condicionou a importância de realizar uma análise macroscópica para o presente trabalho.

Além das limitações da análise macroscópica, esta por si só também não era, em muitos casos, suficiente para distinguir os fragmentos constituintes de um mesmo recipiente. Tornou-se assim necessário abordar um conjunto variado de outras características que permitissem fazer uma distinção segura e mais objetiva destes recipientes. Foram deste modo analisados o tipo de cozedura, a espessura dos

fragmentos, o tratamento de superfície, o estado de conservação e a presença de decoração. Foi a conjunção destes critérios que permitiu reorganizar a coleção em recipientes e obter o seu número mínimo. No decorrer da obtenção do número mínimo de recipientes (NMR) foram sempre procuradas remontagens, e foram feitas as colagens consequentes. Em seguida apresentam-se estes dados, indicando a identificação numérica do recipiente no qual foi efetuada a colagem, seguida pela proveniência dos fragmentos, e pela indicação do número de fragmentos que foram colados:

SECTOR I

- 14 – M7.top/upper (1) + M7 (1)
- 17 – M7.main (2)
- 19 – M7.lower (1) + M7 (1)
- 23 – M5.C (2)

SECTOR II

- 12 – G6.2 (2)
- 22 – H7.123-133 (4)
- 36 – G4.1 (2)
- 43 - H5.1 (2)
- 46 – G4.2 (1) + J4 (1)
- 46 – G5.2 (2)
- 47 – G5.3 (1) + G6.2 (1)
- 47 – G6.2 (3)
- 50 – G6.1 (1) + G6.4 (1)
- 73 – J4.3 (2)
- 105 – G5.2 (1) + G5.6 (1)

SECTOR IIIT

- 17 – N3.5 (2)
- 27 – R3.6 (1) + S3.6 (1)
- 30 – Q3.5 (2)
- 37 – M3.5 (2)
- 40 – M3.4 (2)

- 48 – O3.2 (2)
- 62 – S3.4 (2)
- 67 – Q3.4 (2)
- 68 – U3.2 (1) + V3.3 (1)
- 102 – U3.3 (3)
- 107 – M3.3 (2)
- 125 – Q3.5 (2)
- 128 – T3.5 (1) + X3.5 (1)
- 146 – Q3.4 (2)
- 159 – R3.3 (2)

SECTOR V

- 12 – D8 (2)
- 15 – A9.4 (2)
- 25 – E8.60-70 (2)
- 26 – A9.1 (1) + A10.1 (3)
- 29 – B9.2 (3)
- 32 – A11.2 (2)
- 52 – A9.1 (1) + A10.1 (1)
- 53 – E7.6 (2)
- 68 – B11.1 (3)
- 92 – A10.8 (3)

SECTOR VI

- 18 – D15.12 (2) + D15.13 (1)
- 20 – Teste A (2)
- 25 – E10.7 (2)
- 47 – D9.4 (2)
- 48 – D10 (2) + D10.5 (1)
- 59 – E10.5 (2)
- 62 – D9.7 (2)
- 63 – D9.4 (1) + D9.5 (1)
- 63 – D9.5 (2)

- 71 – E9.5 (2)
- 74 – D12.2 (3) + D12.3 (1)
- 97 – D13.2 (2)
- 196 – E9.10 (2)
- 204 – D11.1 (2)
- 233 – E9.5 (2)
- 268 – D11.2 (1) + D11.3 (1)

Note-se que neste exercício se optou por excluir o sector IIIS. Além dos motivos anteriormente descritos, este sector — que era o que continha mais fragmentos cerâmicos (4732) — já havia sido parcialmente estudado por CARVALHO (2008), cujo trabalho providenciou os dados de triagem que aqui se pretendiam, e o NMR, permitindo também a respetiva inserção cronológicocultural no horizonte do Neolítico Antigo.

Terminado este exercício, iniciaram-se os desenhos do material cerâmico. Foram realizados pela signatária um total de 355 desenhos, dos quais apenas 161 são apresentados neste trabalho, por motivos expostos em seguida.

A elaboração destes desenhos teve dois objetivos: obter a morfologia dos recipientes para os analisar tipologicamente e ilustrar as decorações presentes nos fragmentos cerâmicos para proceder à sua análise estilística. Assim sendo, foram desenhados os fragmentos de bordos, os fragmentos decorados e as decorações plásticas. Devido ao elevado volume de material a ser desenhado, no caso dos bordos lisos que não permitiam recuperar o diâmetro do recipiente, o desenho foi feito apenas em papel milimétrico (de perfil e de frente) apresentando já a orientação correta do bordo, a fim de permitir a sua classificação tipológica. Estes são os desenhos que não são apresentados na tese, uma vez que não ostentavam qualquer aspeto estilístico relevante que justificasse a sua inserção no presente trabalho.

Os desenhos que se apresentam na tese correspondem a bordos que permitiram obter o diâmetro do recipiente, bordos que apresentassem lábios invertidos ou exvertidos, bordos decorados, bojos decorados e fragmentos com decoração plástica. Estes, além de desenhados em papel milimétrico (de perfil e de frente), foram depois

desenhados em papel vegetal, e são estes os desenhos que se encontram nos anexos. Note-se que, quando a decoração nos fragmentos não era claramente visível, sendo detetada apenas por tato, optou-se por representar a decoração nestes casos a pontilhado. De salientar ainda que os desenhos não apresentam escalas, uma vez que se encontram em tamanho real. A única exceção corresponde aos recipientes que apresentam diâmetro, estando nesses casos indicado o diâmetro real do recipiente. Estas medições foram calculadas sempre que possível, mas a elevada fragmentação do conjunto cerâmico impediu a obtenção dos diâmetros dos recipientes de forma sistemática e representativa, pelo que este dado não foi considerado para o presente estudo.

Quando os bordos não tinham dimensão suficiente para compreender a sua orientação, não foram desenhados uma vez que os dados que forneceriam não seriam conclusivos.

Uma vez concluídos os desenhos, procedeu-se ao preenchimento de fichas de tipologia morfológica, de acordo com os seguintes critérios: orientação e morfologia do bordo, forma geral do recipiente, forma específica do recipiente, presença de elementos de prensão e diâmetro interno do bordo. Excluíram-se no entanto os critérios referentes às medições, nomeadamente à altura do recipiente, diâmetro interno do bojo no seu máximo, e espessura do bojo no seu máximo, uma vez que os fragmentos de bordo desenhados não permitiram obter estes dados. A classificação tipológica dos recipientes teve como base comparativa a proposta de organização formal para a cerâmica neolítica antiga da Valada do Mato, efetuada por Mariana Diniz (2007). Foi também considerada a proposta tipológica de C. Tavares da Silva e Joaquina Soares (1976/77) por abranger uma maior diacronia cronológica, a qual inclui, além de morfologias neolíticas finais, morfologias calcolíticas. Estas duas tipologias foram adaptadas às formas cerâmicas existentes no CPM.

3.4 – CRITÉRIOS DE ANÁLISE ESTILÍSTICA

Primeiramente apresenta-se uma breve descrição das técnicas decorativas mais comuns e seus principais motivos decorativos, procedendo-se depois à descrição dos critérios utilizados para proceder à análise estilística do conjunto cerâmico em apreço. Assim sendo, as técnicas mais comuns são:

Incisão – Marca na pasta mole obtida por um utensílio cortante, caracterizando-se por um corte de perfil em V. São muito variados os motivos decorativos que se podem obter com esta técnica, salientando-se entre os mais expressivos, os motivos em espinha ou espiga, em ziguezague, as caneluras e os sulcos sob o bordo.

Impressão – Resulta da aplicação de um corpo duro contra a pasta mole, caracterizando-se por um perfil em U. Tal como a técnica da incisão, permite obter um variado leque de motivos decorativos, destacando-se a impressão cardinal, os diversos tipos de puncionamentos, o boquique e a falsa folha de acácia e crucífera.

Excisão – Decoração em falso relevo obtida pela remoção de argila da parede do vaso.

Em relevo – Qualquer decoração acima do nível da superfície inicial da cerâmica, obtida quer por moldagem, quer por adição de argila.

Compósita – Decoração resultante da combinação de mais de uma técnica decorativa, como é o caso da incisão ou impressão, podendo ainda acrescer-lhe a existência de elementos de decoração plástica.

Tal como a análise tipológica, a análise estilista iniciou-se com o preenchimento de uma ficha, cujos critérios se resumem à identificação da técnica decorativa (incisão, impressão, compósita...) e ao sistema decorativo. Contudo, uma vez que não seria possível determinar o sistema decorativo da grande maioria dos recipientes em estudo - devido ao elevado grau de fragmentação do material cerâmico -, esta categoria foi excluída da análise estilística. Perante a inviabilidade de análise do sistema decorativo, optou-se por efetuar uma lista na qual se apresenta a descrição dos motivos decorativos observados em cada recipiente.

3.5 – CRITÉRIOS DE ANÁLISE DA DISPERSÃO ESPACIAL

Uma vez concluídas as análises tipológica e estilística do material cerâmico, procedeu-se à análise da dispersão espacial – quer horizontal, quer vertical - dos recipientes. Esta teve como objetivo determinar se se observavam padrões de dispersão

espacial generalizáveis a todo o sector, devido à aparente dispersão aleatória dos fragmentos, observada ainda na fase de triagem da coleção.

Foram então selecionados em cada um dos sectores todos os recipientes que fossem constituídos por um número mínimo de cinco fragmentos, e que os mesmos se encontrassem dispersos, ou seja, que não estivessem todos concentrados na mesma quadrícula e NA. Deste modo, foi possível analisar a dispersão espacial de 2 recipientes no sector I, de 11 recipientes no sector II, de 48 recipientes no sector III, de 30 recipientes no sector V, e de 65 recipientes no sector VI. O sector III por ser constituído apenas por dois fragmentos não foi considerado para o presente exercício.

Posteriormente a esta primeira análise da dispersão espacial, e com o intuito de – dentro do possível – determinar espacialmente a dispersão das diferentes ocupações, o passo seguinte foi a análise da dispersão espacial dos chamados fósseis-diretores. Estes caracterizam-se por ser elementos de diagnóstico para determinados períodos culturais – por norma a eles exclusivos -, e como tal – na falta de datações absolutas -, indicadores preciosos da presença de determinadas fases culturais num conjunto cerâmico. Seguidamente são indicados os fósseis diretores considerados para os diversos períodos culturais, ainda que uns apresentem um espectro mais amplo que outros:

Neolítico Antigo – Pega bífida

– Vaso de colo estrangulado

Neolítico Antigo Cardial – Decoração cardial

Neolítico Antigo Evoluído – Bordo denteado direito

Neolítico Médio Inicial – Sulco sob o bordo

Neolítico Final – Bordo denteado exvertido

– Taça carenada

Calcolítico Inicial – Decoração com caneluras

Calcolítico Pleno – Decoração com falsa folha de acácia e crucífera

Calcolítico Final e Bronze Inicial – Decoração campaniforme

Bronze Pleno – Vaso de base plana e corpo troncocónico invertido

4 – CABEÇO DE PORTO MARINHO: APRESENTAÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO

O CPM caracteriza-se por ser uma estação de ar livre, bem localizada num vale com fácil acesso aos variados recursos existentes na zona. Além da proximidade de dois cursos de água e dos recursos que destes possam prover, encontram-se nas imediações três zonas de exploração de sílex. Uma delas a Este do sítio, contendo nódulos de grandes dimensões, e ainda um depósito natural de sal a Norte – ainda hoje explorado.

Em termos gerais a estratigrafia do CPM é formada por diversos estratos arenosos de origem coluvional e eólica, com uma datação do Pleistocénico e do Holocénico, assentes em depósitos pliopleistocénicos fluviais (areias com níveis de cascalheira) (BICHO, 2000: 75; CARVALHO, 2008: 87).

4.1 - ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E GEOLÓGICO E HISTÓRIA DAS ESCAVAÇÕES

O sítio arqueológico do CPM situa-se no MCE, mais precisamente na freguesia e concelho de Rio Maior, distrito de Santarém (Anexos: fig. 4, p.3; fig.8-9, p.5; fig. 10-11, p.6). Em termos de altitude, situa-se 85 metros acima do nível médio do mar e apresenta as seguintes coordenadas: latitude 39° 21' 41'' e longitude 8° 56' 15''. O nome CPM resulta da sua localização na base da vertente Sul de um cabeço, inserido num grande vale que se estende no sentido Norte-Sul em direção à cidade de Rio Maior. Este sítio arqueológico encontra-se numa posição sobranceira ao vale das ribeiras de S. Gregório e da Pá, que são cursos de água sazonais cuja confluência desagua no Rio Maior.

Em termos geológicos, CPM caracteriza-se por um estrato composto por areias eólicas e coluviárias, depositadas por ação da gravidade junto a encostas e elevações,

que resultam dos tipos de rochas existentes nessas mesmas zonas de maior altitude; datado do Miocénio ou Pliocénio, é constituído por areias esbranquiçadas ou avermelhadas. Nesta unidade geológica observam-se episódios de erosão e deposição de elementos de quartzo e quartzito, provavelmente integráveis no Pleistoceno Superior (BICHO, 2000: 75-79; CARVALHO, 2008: 87; LOPES, 2010: 2-3).

Esta jazida foi dividida em *loci* de configuração e extensão variáveis (Anexos: fig. 12, p. 7), os quais resultaram da estratégia de intervenção, que conciliava a sondagem do depósito em vários pontos e a escavação em área, dos locais de maior densidade artefactual. Ou seja, numa primeira fase foi privilegiada a obtenção de informação relativamente à extensão das diversas ocupações, assim como os seus limites. Num segundo momento a estratégia de intervenção incidiu na pesquisa das áreas que apresentavam maior concentração de materiais arqueológicos.

Os *loci* foram denominados pela sigla CPM seguida de numeração romana, e por vezes do respetivo ponto cardeal. O controlo vertical das ocupações da jazida foi registado com recurso à estratigrafia natural, e à sua subdivisão em níveis artificiais de 5 ou 10 cm de potência. Foi assim obtido um total de nove *loci*, correspondentes aos Sectores I, II, III, III S, III SW, III T, IV, V e VI (BICHO, 2000: 79-81; CARVALHO, 2008: 87; LOPES, 2010: 3-4).

Esta jazida, descoberta em 1987, foi encontrada já parcialmente destruída, como consequência da lavra de um areeiro, que fornecia a matériaprima para a indústria vidreira da região. Outro fator que contribuiu para a degradação deste sítio arqueológico, foi a terraplanagem e a surriba do terreno para plantio de um eucaliptal, os quais afetaram a topografia da jazida e dos seus níveis arqueológicos superiores.

Os primeiros trabalhos foram realizados aquando da descoberta deste sítio, e foram elaborados no âmbito do projeto luso-americano “*Upper Pleistocene adaptations in Portuguese Estremadura (100.000 – 10.000 BP)*”, que se estenderam até 1993. As escavações prosseguiram em 1994, integradas agora no projeto CAPNSAC, sendo os responsáveis pelas diversas consequentes intervenções A. E. Marks, J. Zilhão e N. F. Bicho (BICHO, 2000: 75; CARVALHO, 2008: 87).

Quando em 1987 foram iniciados os trabalhos arqueológicos em CPM foi aberta uma área de 6 m², a qual apresentava dois níveis arqueológicos distintos entre si; quer

pela frequência de material arqueológico que continham, quer pela tipologia desse mesmo material.

Os trabalhos prosseguiram em 1988 com a expansão da área inicial - a qual foi denominada CPM I (Upper e Lower) - e com a realização de testes em quatro novas áreas. Foi assim aberta uma área de 2 m² para Oeste, com o intuito de delimitar a ocupação de CPM I. Esta nova área foi denominada CPM II, e os artefactos que apresentava eram claramente distintos dos encontrados em CPM I. Novamente, na procura dos limites de CPM II foi aberta outra área a Oeste, posteriormente denominada CPM III, a qual continha três níveis arqueológicos diferentes de CPM I. Trinta metros para Oeste de CPM III foi aberta a terceira área – denominada CPM IV – a qual, apesar de conter algum material arqueológico se encontrava perturbada, motivo pelo qual se abandonaram os trabalhos efetuados no referido sector. A última área a ser aberta em 1988 – 1m² - viria a chamar-se CPM V, e continha uma ocupação paleolítica tardia, apresentando nas camadas superiores material cerâmico.

Em 1989 prosseguiram os trabalhos apenas nos sectores I e III, tendo como objetivo a recuperação de mais material arqueológico, e a descoberta dos limites das diferentes ocupações.

No ano seguinte as escavações voltaram a incidir sobre os sectores I e III , mas foram abertas novas áreas em CPM II e V. CPM II revelou a presença de três níveis paleolíticos, sendo que CPM II Upper é o nível superior – geologicamente igual a CPM III Upper – e CPM II Lower é o nível médio de CPM III; o nível inferior de CPM III não se encontra em CPM II. Foram descobertos mais dois níveis arqueológicos em CPM V, sendo o inferior Paleolítico, e o superior Neolítico Final ou Calcolítico.

Ainda em 1990, sob supervisão de Brooks Ellwood e de Frank Harrold, foi realizado um inventário sob a superfície com recurso ao método de resistência elétrica; deste trabalho resultaram duas novas áreas. A primeira, denominada CPM IIIS, apresentava três níveis arqueológicos. Foi seguidamente aberta uma trincheira entre CPM III e CPM IIIS, a qual permitiu identificar os limites dos referidos sectores, e que os níveis arqueológicos presentes não eram os mesmos. CPM IIIT – trincheira - revelou-se como uma área arqueológica distinta das outras duas áreas que une, sendo integrável no Paleolítico Superior Final. A segunda área descoberta – CPM VI – localiza-se 20m a Sul de CPM II, e só seria testada seriamente no ano seguinte.

Em 1991 expandiram-se as escavações em CPM II, IIIS, IIIT e V, e aprofundaram-se os testes iniciados no ano anterior em CPM VI. Destes trabalhos resultou a descoberta de um novo NA em CPM II, presumivelmente Calcolítico. Em CPM III também foi encontrado um nível arqueológico, situado entre os dois níveis paleolíticos descobertos em 1990. CPM IIIS forneceu mais três níveis arqueológicos – paleolíticos – e CPM VI revelou conter três níveis arqueológicos, dois deles paleolíticos, e um terceiro contendo cerâmicas (BICHO, 2000: 79-82).

Os trabalhos de campo continuaram em 1992 e 1993, tendo-se procedido ao alargamento dos sectores já escavados. Em 1993 deu-se por concluída a intervenção arqueológica no CPM.

4.2– ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE AS OCUPAÇÕES DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE E SUA DISPERSÃO ESPACIAL

Sobre o sítio arqueológico de CPM foram publicados vários artigos de síntese sobre o Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa, e duas dissertações de doutoramento - já defendidas -, sobre aspetos parcelares da componente paleolítica do sítio (ZILHÃO: 1997b; BICHO: 2000). Relativamente às ocupações posteriores as referências bibliográficas são mais raras, há apenas a análise petrográfica de cerâmicas do Neolítico Antigo (MASUCCI: 1995), e uma breve apresentação da ocupação deste período (MARKS *et al.*: 1994). No ano de 2008, A. F. Carvalho publicou na Promontoria Monográfica 12 um capítulo dedicado ao CPM, o qual inclui uma caracterização do sítio, os trabalhos realizados, e ainda o estudo de uma coleção cerâmica do Sector IIIS (LOPES, 2000: 4).

As ocupações da Pré-História Recente encontram-se nos horizontes sedimentares superiores da sequência. Além do período já referido, foram recuperadas cerâmicas proto-históricas e de épocas históricas, estas últimas confirmadas por uma datação do Século IV a.C., obtida através de carvões *Erica* sp. de uma lareira localizada no Sector VI. A identificação das ocupações pré-históricas recentes e sua contextualização, tiveram como base a análise dos padrões de dispersão vertical de tipos cerâmicos entendidos como elementos de diagnóstico. Esta análise foi realizada preliminarmente por M. A. Masucci, que se baseou nos seguintes tipos cerâmicos:

cerâmica de paredes brunidas (Idade do Bronze), “copos canelados” (Calcolítico), bordos exvertidos denteados (Neolítico Final), cerâmica com caneluras verticais pouco profundas (Neolítico Médio), cerâmica impressa e incisa diversa (Neolítico Antigo).

Os materiais cerâmicos utilizados para identificar e distinguir as ocupações correspondentes ao Neolítico médio, foram atribuídos por M. A. Masucci à Idade do Bronze, uma vez que a decoração em canelura que estes materiais apresentam, foi obtida por meio de brunimento (descrito como “*grooved burnish*”). Apesar de inesperado, o posicionamento relativo destas cerâmicas (entre a cerâmica impressa e incisa, e os bordos denteados), encontra paralelos em estratigrafia no Neolítico médio da Pena d’Água, paralelos estes designados como “sulcos obtidos por brunimento” (CARVALHO: 1998b). Estes aspetos referidos parecem de facto apontar para a cronologia já mencionada (LOPES, 2000: 4-5).

De acordo com os trabalhos realizados em CPM e consequentes publicações, a dispersão espacial presumível das ocupações da Pré-História Recente encontra-se presente nos diversos *loci* do seguinte modo:

Idade do Bronze:

Sector V – lareira com datação de 3.230+150 BP (SMU-2679) obtida através de carvões indeterminados.

Sector IIIS – apresenta uma extensão indefinida com datação de 3.650+50 BP (Wk-3128), obtida através de carvões dispersos de espécies indeterminadas.

Calcolítico:

Sector II – apresenta uma extensão indeterminada mas presente em toda a área do *locus*, que no entanto não se encontra datado.

Neolítico final:

Sector IIIS – apresenta uma pequena concentração de materiais cerâmicos com bordo denteado, que não se encontram datados.

Neolítico médio:

Sector IIIS – na parte Nascente deste sector foi encontrada cerâmica de caneluras verticais, que não se encontra datada.

Sector IIIT – presença de cerâmica com caneluras verticais, sem datação.

Sector IIISW – na parte Nascente deste sector foram recuperadas cerâmicas integráveis neste conjunto, sem datação.

Sector VI – na parte Noroeste, do mesmo modo que as concentrações anteriores, foi identificada a ocupação a partir do fóssil diretor referido e não se encontra datada.

Neolítico antigo:

Sector IIIS – extensão definida que apresenta uma datação de 5.710±155 BP (SMU-2477), obtida através de carvões indeterminados recuperados de uma lareira.

Sector IIISW – na parte Poente, apresenta limites indefinidos e sem datação absoluta disponível (CARVALHO, 2008: 45-47; 87-90).

4.3 – DESCRIÇÃO / CARACTERÍSTICAS DOS SECTORES

SECTOR I

Neste sector (Anexos: fig.13, p.7) foram escavados um total de 29 m². Apesar de o sector I apresentar NA distintos e pouco precisos – Top, Upper, Main e Lower –, a fila na extremidade norte não continha o nível arqueológico Upper, uma vez que se encontrava parcialmente truncada por uma duna.

Seguidamente são descritas as características dos diferentes níveis geológicos presentes neste sector (Anexos: fig.14, p.8):

Unidade I – Gravelha endurecida vermelha escura

Unidade II – Lama argilosa vermelha escura com presença de cascalho, poucos grânulos e seixos, uma fraca estrutura subangular composta por blocos, e presença de rachas e tocas.

Unidade III – Areia compacta de tamanho médio, rosada e com raras raízes finas.

Unidade IV – Areia compacta média a grosseira, castanha clara, com raros grânulos, e com várias lamelas de barro descontínuas.

Unidade V – Areia grosseira destruturada com cascalho, com vários grânulos, e poucas raízes. Este é o nível arqueológico Lower, datado de 16,000 BP. Ainda que deste tenham resultado poucos artefactos, o conjunto foi integrado no Magdalenense Inicial. Este nível continha uma lareira de forma semicircular – quadriculas N5/O5/N4/O4 -, composta por grandes blocos de basalto partidos, com algum quartzo e quartzito.

Unidade VI – Areia grosseira destruturada, castanha clara, com grânulos, seixos e muitas raízes finas.

Unidade VII – Areia média a grosseira castanha escura, com cascalho, muitas raízes finas e pequenas tocas. Este é o nível arqueológico Upper, datado de 11,900 BP, e continha muitos artefactos, pedra queimada e carvão. O conjunto recolhido desta unidade integra-se no Magdalenense Tardio.

Unidade VIII - Areia média a grosseira, de castanho a castanho avermelhado, com cascalho, várias raízes finas e pouco carvão. Nesta unidade foram encontrados artefactos raros, incluindo sepultamentos.

Unidade IX – Esta unidade corresponde à camada superior, e caracteriza-se pela presença de longas cicatrizes oblíquas provocadas pelos trabalhos de lavoura.

SECTOR II

Neste sector (Anexos: fig.15, p.8) foram escavados um total de 25 m². Tal como observado no sector I, a fila mais a norte encontrava-se parcialmente truncada por uma duna, o que fez com que alguns dos seus níveis não se encontrassem intactos.

Seguidamente são descritas as características dos diferentes níveis geológicos presentes neste sector (Anexos: fig.16, p.9):

Unidade I – Areia avermelhada, argilosa e compacta.

Unidade II – Areia compacta cinzenta rosada, média a grosseira, com lamelas de barro e algumas finas e médias raízes.

Unidade III – Areia compacta castanha avermelhada, média a grosseira, com muitas inclusões, poucas raízes finas e artefactos na sua parte superior.

Unidade IV – Areia compacta de tamanho médio, cinzenta clara, com muitos grânulos e poucos seixos, raízes finas e contendo poucos artefactos na sua porção inferior. Tanto esta unidade como a anterior constituem o nível arqueológico Lower, inserível no Gravetense.

Unidade V – Areia compacta de tamanho médio, castanha, destruturada, com muitas inclusões, raízes finas, e sendo raros os carvões. Esta unidade contem o nível arqueológico Middle, e integra-se no Magdalense Inicial. Foi descoberta uma lareira – quadrícula H6 - semicircular com 10cm de espessura, composta por seixos de quartzo e quartzito, e alguns núcleos de quartzito. O material arqueológico nesta unidade centrava-se à volta da lareira, sendo escasso nas restantes áreas. Os carvões recuperados permitiram obter a seguinte datação 15,410+BP.

Unidade VI – Areia castanha clara média a grosseira, com cascalho, muitas raízes e grânulos.

Unidade VII – Areia castanha, média a grosseira, destruturada, com inclusões naturais, carvão, pedra queimada, pequenas raízes, seixos de quartzo e quartzito e material lítico. Este é o nível arqueológico Upper, que corresponde ao Magdalenense Tardio. Apesar de não ter sido datado, esta unidade corelaciona-se com o CPM III Upper, sendo a sua presumível datação 11,000 BP.

Unidade VIII – Areia castanha solta, média a grosseira, com cascalho, grânulos e abundantes raízes. Esta unidade continha pouco material arqueológico.

Unidade IX – Esta unidade corresponde à camada superior – perturbada pelos trabalhos agrícolas – e caracteriza-se pela presença de longas cicatrizes oblíquas.

SECTOR III

Neste sector (Anexos: fig.17, p.9) foram escavados um total de 18 m². Tal como observado nos sectores I e II, o nível arqueológico Upper encontrava-se truncado na fila norte do sector.

Seguidamente são descritas as características dos diferentes níveis geológicos presentes neste sector (Anexos: fig.18, p.10):

Unidade I – Areia argilosa vermelha, de tamanho médio. Nível muito rico em artefactos e pedra queimada, continha uma lareira – quadrícula G4 - e possivelmente um pequeno pavimento em pedra. Este nível enquadra-se no Magdalenense Tardio e data de 11,160±280BP.

Unidade II – Areia compacta rosada, de tamanho médio, com lamelas de barro. Apresenta carvões e alguns artefactos na zona superior.

Unidade III – Areia castanha pálida, média a grosseira com raros grânulos e algumas pequenas e médias raízes; não continha material arqueológico.

Unidade IV – Areia compacta castanha, média a grosseira, com alguns artefactos e raízes. CPM III Medium corresponde a esta unidade.

Unidade V – Areia castanha clara média e grosseira, contendo muitos grânulos de quartzo e alguns seixos.

Unidade VI – Areia castanha solta, média a grosseira, destruturada, com presença de carvão, cascalho, pequenas raízes e artefactos.

Unidade VII – Areia castanha, média a grosseira, com cascalho, alguns grânulos e muitas raízes. A zona superior desta unidade apresenta cicatrizes dos trabalhos agrícolas e apesar de conter artefactos pré-históricos e históricos, muito provavelmente está perturbada, tal como nas unidades que lhe correspondem nos sectores I e II.

SECTOR IIIS, IIISW E IIIT

Estes três sectores são descritos em conjunto, uma vez que as características geológicas que encerram são comuns a ambos. A exceção encontra-se num nível arqueológico adicional presente em CPM IIIT (Anexos: fig.19, p.10), e inexistente em CPM IIIS e CPM IIISW.

Em CPM IIIS foi encontrada uma lareira – quadrícula J4 – a qual apresentava nos arredores uma pequena concentração de material lítico, o qual foi datado de 10.940+280BP. A quadrícula H4 apresentava sinais de perturbação, possivelmente devido a um episódio erosivo. O nível superior – Upper – de CPM IIIS continha uma grande concentração de artefactos, carvão, seixos e pedra queimada, estando ainda presente na quadrícula N5 uma lareira semicircular, com 20cm de espessura e composta por grandes seixos de quartzo e quartzito, e gravilha. Neste nível arqueológico foi ainda encontrada uma concentração de pedras, composta por gravilha de quartzo e quartzito, e por alguns blocos de xisto partidos, organizada numa forma semiretangular. Junto a esta estrutura havia uma enorme concentração de artefactos, e por baixo da mesma foram descobertos fragmentos de osso queimados.

Seguidamente são descritas as características dos diferentes níveis geológicos presentes nestes três sectores (Anexos: fig.20, p.11):

Unidade I – Areia argilosa vermelha, compacta e grosseira, com inclusões.

Unidade II – Areia média a grosseira, cinzenta esbranquiçada, com lamelas de barro vermelho. Foram encontrados artefactos na zona superior desta unidade.

Unidade III – Areia solta, média a fina, castanha avermelhada e com presença de alguns grânulos. Na zona inferior desta unidade foram recolhidos artefactos e algumas pedras.

Unidade IV – Areia granular solta, média a fina, castanha escura. Desta unidade foram recuperados abundantes artefactos, seixos, carvão, pedra queimada e raízes finas. Este nível é integrável no Magdalenense Final, sob a datação 11.810+110 BP.

Unidade V - Esta unidade é muito semelhante à anterior, apresentando no entanto sedimentos com uma tonalidade mais clara. Foi recuperado nesta unidade um

conjunto do Neolítico Inicial, depositado quase diretamente acima do conjunto Magdalenense.

Unidade VI – Areia solta média a fina, castanha escura amarelada, com abundantes raízes médias e finas.

Unidade VII – Corresponde à camada superior e caracteriza-se por uma areia média granular castanha, a qual foi remexida pelos trabalhos agrícolas realizados no local.

SECTOR IV

Neste sector não foi possível fazer uma caracterização geológica das suas unidades, uma vez que o solo se encontrava extremamente remexido.

SECTOR V

Neste sector (Anexos: fig.21, p.11) foram escavados um total de 17 m². Caracteriza-se pela presença de dois níveis arqueológicos, nomeadamente Epipaleolítico e Idade do Bronze, estando ambos presentes em toda a área escavada.

Seguidamente são descritas as características dos diferentes níveis geológicos presentes neste sector (Anexos: fig.22, p.12):

Unidade I – Areia compacta acinzentada, média a fina, contendo na sua parte superior uma lama argilosa vermelha, com presença de gravilha.

Unidade II – Areia castanha escura média a fina, com alguns grânulos e seixos, e contendo uma frequência moderada de artefactos. A presença de carvão na quadrícula D11 permitiu datar este nível em 9100±160BP.

Unidade III – Areia solta de tamanho médio, castanha clara e com presença de gravilha. Continha alguns grânulos, raízes finas e raros artefactos.

Unidade IV – Areia de tamanho médio, castanha escura amarelada, com presença de muitas raízes, alguns grânulos e artefactos, incluindo utensílios em pedra e cerâmica.

Unidade V – Areia granular solta, castanha escura, média a grosseira, com muitas raízes finas e médias.

Unidade VI – É a unidade superior, e é composta por uma areia solta castanha escura, média a grosseira, apresentando cicatrizes resultantes dos trabalhos agrícolas (BICHO, 2000: 79-87).

SECTOR VI

O sector VI (Anexos: fig.23, p.12) foi o sector que - excetuando o sector IIIS, do qual é contíguo – mais material cerâmico forneceu. Seguidamente são descritas as características dos diferentes níveis geológicos presentes nestes dois sectores (Anexos: fig.20, p.11):

Unidade I – Areia argilosa vermelha, compacta e grosseira, com inclusões.

Unidade II – Areia média a grosseira, cinzenta esbranquiçada, com lamelas de barro vermelho. Foram encontrados artefactos na zona superior desta unidade.

Unidade III – Areia solta, média a fina, castanha avermelhada e com presença de alguns grânulos. Na zona inferior desta unidade foram recolhidos artefactos e algumas pedras.

Unidade IV – Areia granular solta, média a fina, castanha escura. Desta unidade foram recuperados abundantes artefactos, seixos, carvão, pedra queimada e raízes finas. Este nível é integrável no Magdalenense Final, sob a datação 11.810+110 BP.

Unidade V - Esta unidade é muito semelhante à anterior, apresentando no entanto sedimentos com uma tonalidade mais clara. Foi recuperado nesta unidade um conjunto do Neolítico Inicial, depositado quase diretamente acima do conjunto Magdalenense.

Unidade VI – Areia solta média a fina, castanha escura amarelada, com abundantes raízes médias e finas.

Unidade VII – Corresponde à camada superior e caracteriza-se por uma areia média granular castanha, a qual foi remexida pelos trabalhos agrícolas realizados no local.

5 – RESULTADOS

A coleção cerâmica de CPM em estudo é constituída por um total de 3229 fragmentos. Destes, 2825 correspondem a fragmentos de bojo (87,4%), dos quais 2704 (96%) são fragmentos de bojos lisos, e 121 (4%) correspondem a fragmentos de bojos decorados. Os bordos estão representados por 397 fragmentos (12,3%), dos quais 323 (81%) correspondem a fragmentos de bordos lisos, e os restantes 74 exemplares (19%) correspondem a fragmentos de bordos decorados. Os fragmentos que foram contabilizados à parte correspondem a três fragmentos de bases planas (0,1%), três carenas (0,1%) e dois pequenos fragmentos cilíndricos (0,1%); estes últimos possivelmente fragmentos de cabos de colheres.

Em termos de decoração plástica – ainda que esta seja escassa dada a dimensão do conjunto ceramológico em apreço -, observa-se um predomínio dos cordões com 10 exemplares. Contudo, destes 10 cordões, dois pertencem ao mesmo recipiente, e dos restantes oito apenas dois são decorados. A decoração plástica e/ou elementos de preensão encontra-se ainda representada por duas asas, um mamilo e três pegas, uma das quais bífida.

Ainda que – como já referido – a análise macroscópica dos recipientes não fosse um dos objetivos do presente trabalho, esta foi registada, a fim de se poder fazer uma apreciação geral da coleção cerâmica. Sendo esta coleção bastante homogénea nas suas características visíveis a olho nu, pode concluir-se que no conjunto predominam os elementos não plásticos de tamanho inferior a 1 mm, os quais são escassos em termos de densidade; regra geral a consistência dos recipientes é compacta, e a sua textura é predominantemente homogénea. Muitos dos fragmentos estão rolados – devido ao

estado de conservação do material -, contudo, nos casos em que foi possível avaliar o acabamento de superfície do material cerâmico, este apresenta-se maioritariamente polido, o que revela algum cuidado na produção destes recipientes. Em termos de cozedura, predominam tanto a cozedura redutora como a cozedura redutora-oxidante.

5.1 – SECTOR I

INVENTÁRIO DO MATERIAL CONTABILIZADO:

Número Total de Fragmentos – 50

Bordos Lisos – 12

Bordos Decorados – 7

Bojos Lisos – 23

Bojos Decorados – 8

Decoração Plástica – 1 Cordão, 1 Mamilo, 1 Pega

No sector I foram recuperados um total de 50 fragmentos cerâmicos, os quais se encontram quantificados morfológicamente por quadrícula e NA na Tabela de Quantificação Morfológica (Anexos: fig. 24, p. 13-14). Destes 50 fragmentos cerâmicos, 70% são fragmentos lisos e 30% são fragmentos decorados. Mais precisamente, 24% destes fragmentos correspondem a bordos lisos, 14% a fragmentos de bordos decorados, 46% a fragmentos de bojos lisos, e 16% a fragmentos de bojos decorados (Anexos: fig. 222, p. 286). Em termos de decoração plástica, estão presentes entre os referidos fragmentos decorados um cordão liso, um mamilo e uma pega bífida (Anexos: fig. 223, p. 286).

Do estudo destes 50 fragmentos resultaram um total de 24 recipientes, os quais se apresentam discriminados nas Tabelas do NMR (Anexos: fig. 25, p. 14-15). Nestas tabelas é possível consultar quantos fragmentos cerâmicos constituem cada recipiente, assim como a própria proveniência e morfologia destes fragmentos.

Destes 50 fragmentos, 70% correspondem a fragmentos lisos, e os restantes 30% correspondem a fragmentos decorados. Contudo, se esta análise for efetuada em termos

do NMR, 12 destes exemplares correspondem a recipientes lisos (50%) e os restantes 12 recipientes correspondem a formas decoradas (50%) (Anexos: fig. 224, p. 287).

Para o sector I foram elaborados um total de 22 desenhos, sendo que apenas 16 destes desenhos são apresentados no presente trabalho, por motivos já expostos anteriormente (Anexos: fig. 26-28, p. 16-18).

Através da análise tipológica foi possível comprovar a presença neste sector das seguintes formas (Anexos: fig. 29, p. 19-21):

- 2 Calotes de esfera (8,3%)
- 3 Hemisféricos (12,5%)
- 1 Vaso de corpo troncocónico invertido (4,2%)
- 2 Vasos de paredes retas (8,3%)
- 2 Esféricos (8,3%)
- 4 Potes (16,7%)
- 1 Vaso de colo reto (4,2%)
- 9 Formas indeterminadas (37,5%)

Deste modo, no sector I, existem 6 formas abertas (25%), 2 formas retas (8,3%), 7 formas fechadas (29,2%), e 9 formas indeterminadas (37,5%) (Anexos: fig. 225, p. 288).

Em termos de técnicas decorativas observa-se um equilíbrio entre a técnica impressa, com quatro exemplares (44%), e a técnica incisa com cinco exemplares (66%) (Anexos: fig. 226, p. 288). De seguida são descritas as técnicas e motivos decorativos presentes neste sector, estando registada primeiro a identificação numérica do recipiente, seguida pela descrição em termos decorativos do mesmo, e a proposta de inserção cronológico-cultural permitida pelo mesmo, através da aposição de acrónimos que se repetirão nos materiais dos sectores seguintes (NAC: Neolítico Antigo Cardial; NAE: Neolítico Antigo Evoluído; NA: Neolítico Antigo; NMI: Neolítico Médio Inicial; CI: Calcolítico Inicial; BP: Bronze Pleno):

1 – Fiada horizontal de puncionamentos tendencialmente ovais, dispostos verticalmente e paralelos entre si

2 – Sulco sob o bordo associado a linhas incisadas oblíquas, paralelas entre si (**NMI**)

- 5 – Linhas incisas horizontais, paralelas entre si e delimitadas por uma linha oblíqua
- 7 – Bordo denteado direito (**NAE**)
- 12 – Pega bífida (**NA**)
- 13 – Duas fiadas de boquique dispostas horizontalmente, e paralelas entre si
- 14 – Cordão liso
- 20 – Sulcos verticais paralelos entre si
- 22 – Sulco sob o bordo (**NMI**)
- 23 – Fiada horizontal de puncionamentos tendencialmente quadrados
- 24 – Sulco horizontal sob o bordo, associado a sulcos verticais paralelos entre si

O sector I é muito rico no que diz respeito às técnicas e motivos decorativos, tendo em conta a pequena dimensão deste conjunto cerâmico. Esta diversidade estilística permitiu encontrar exemplares cerâmicos semelhantes aos seus, em diversas estações arqueológicas da região estremenha. Os puncionamentos observados no vaso nº23 (Anexos: fig. 27, p. 17) encontram-se representados nos sítios de Cortiçóis e de Casa da Moura; em ambos os sítios é consensual a associação desta decoração ao Neolítico Antigo. A técnica do boquique, representada no vaso nº 13, em fiadas (Anexos: fig. 26, p. 16), está também presente no sítio dos Cortiçóis e na Encosta de Sant'Ana, ambos associados ao Neolítico Antigo. As linhas verticais paralelas entre si – exemplificadas pelo vaso nº 20 (Anexos: fig. 26, p. 16), - são comuns em sítios como Casas Novas, Gruta da Furninha, Casa da Moura e Gruta do Caldeirão. O sulco sob o bordo – vaso nº2 (Anexos: fig. 26, p. 16) -, encontra exemplares semelhantes no Abrigo da Pena d'Água, destacando-se como um indicador precioso do Neolítico Médio Inicial, ainda que no caso de CPM esteja associado a linhas incisas oblíquas. Um exemplar de bordo denteado direito – representado pelo vaso nº 7 (Anexos: fig. 28, p. 18) -, encontra semelhanças em recipientes do sítio do Carrascal e de Cortiçóis, associados a uma fase mais tardia do Neolítico Antigo. Menos consensuais são os sulcos. O vaso nº 24 (Anexos: fig. 27, p. 17) apresenta sulcos profundos horizontais e verticais, cuja técnica - ainda que os motivos sejam distintos -, encontra paralelos nos sítios da Casa da Moura,

Gruta do Caldeirão, Penedo do Lexim, e Outeiro de S. Mamede. Contudo, são atribuídos a estes exemplares – pelos referidos sítios - diferentes integrações cronoculturais. Na Casa da Moura e na Gruta do Caldeirão esta técnica é integrada no Neolítico Antigo; no Penedo do Lexim corresponde ao Neolítico Final; e por fim, o Outeiro de S. Mamede remete a utilização desta técnica para momentos mais tardios, durante o Calcolítico.

De acordo com os dados obtidos da análise estilística dos recipientes cerâmicos, é evidente a existência de uma ocupação do Neolítico Antigo neste sector. Esta integração crono-cultural é ainda comprovada pela presença de uma pega bífida – vaso nº 12 (Anexos: fig. 27, p. 17) -, a qual é claramente associada ao Neolítico Antigo. O bordo denteado direito – vaso nº7 (Anexos: fig. 28, p. 18) -, ainda que não seja muito comum nos conjuntos cerâmicos, é um indicador precioso de uma cultura de fase mais tardia dentro do Neolítico Antigo, ou seja, do Neolítico Antigo Evoluído. Através da existência de um recipiente com sulco sob o bordo – vaso nº 2 (Anexos: fig. 26, p. 16) -, considerado o fósil-diretor de eleição para o Neolítico Médio Inicial, foi também possível confirmar que este sector se encontra na transição do Neolítico Antigo Evoluído para o Neolítico Médio.

5.2 – SECTOR II

INVENTÁRIO DO MATERIAL CONTABILIZADO:

Número Total de Fragmentos – 298

Bordos Lisos – 93

Bordos Decorados – 29

Bojos Lisos – 142

Bojos Decorados – 32

Bases Planas – 1

Cilindros - 1

Decoração Plástica – 1 Asa, 1 Cordão, 1 Pega

No sector II foram recuperados um total de 298 fragmentos cerâmicos, os quais se encontram quantificados morfológicamente por quadrícula e NA na Tabela de Quantificação Morfológica (Anexos: fig. 33 p. 23-27). Destes 298 fragmentos, 79% são fragmentos lisos e 20,4% são fragmentos decorados. Mais precisamente, 31,3% destes fragmentos correspondem a bordos lisos, 9,7% a fragmentos de bordos decorados, 47,7% a fragmentos de bojos lisos, e 10,7% a fragmentos de bojos decorados (Anexos: fig. 222, p. 286). Neste sector encontram-se ainda uma base plana (0,3%) e um fragmento cilíndrico (0,3%). Em termos de decoração plástica, estão presentes entre os referidos fragmentos decorados o arranque de uma asa, um cordão e uma pega (Anexos: fig. 223, p. 286).

Do estudo destes 298 fragmentos resultaram um total de 142 recipientes (NMR), os quais se apresentam discriminados nas Tabelas do NMR (Anexos: fig. 34, p. 27-33).

Destes 298 fragmentos, 79% correspondem a fragmentos lisos, e os restantes 30% correspondem a fragmentos decorados. Contudo, se esta análise for efetuada em termos do NMR, 104 destes exemplares correspondem a recipientes lisos (74%) e os restantes 37 recipientes correspondem a formas decoradas (26%) (Anexos: fig. 224, p. 287).

Para o presente sector foram elaborados um total de 105 desenhos, sendo que apenas 60 destes desenhos são apresentados na tese (Anexos: fig. 35-42 p. 34-41).

Em termos de análise tipológica, estão presentes neste sector as seguintes formas (Anexos: fig. 43, p. 42-45):

- 1 Prato (0,7%)
- 10 Calotes de esfera (7%)
- 8 Hemisféricos (5,6%)
- 14 Vasos de corpo troncocónico invertido (9,9%)
- 18 Vasos de paredes retas (12,7%)
- 5 Esféricos (3,5%)
- 23 Potes (16,2%)
- 1 Globular (0,7%)
- 3 Vasos de colo alto (2,1%)
- 59 Formas indeterminadas (41,6%)

Deste modo, no sector II, existem 33 formas abertas (23,2%), 18 formas retas (12,7%), 32 formas fechadas (22,5%), e 59 formas indeterminadas (41,6%) (Anexos: fig. 225, p. 288).

Em termos de técnicas decorativas observa-se um predomínio da técnica incisa, com 27 exemplares (73%), estando a técnica impressa representada por sete exemplares (19%), e a decoração compósita por três exemplares (8%) (Anexos: fig. 226, p. 288). De seguida são descritas as técnicas e motivos decorativos presentes neste sector, estando registada a identificação numérica do recipiente, seguida pela descrição em termos decorativos do mesmo:

2 – Boquique, organizado através de uma fiada horizontal associada a outra oblíqua

3 – Linhas incisivas verticais paralelas entre si

7 – Linhas incisivas verticais paralelas entre si

13 – Composição obtida por traços incisivos de diferentes tamanhos e espessuras, dispostos em diversas direções

14 – Fiada horizontal de puncionamentos tendencialmente circulares

19 – Puncionamentos alongados, tendencialmente curvos, alongados e oblíquos

21 – Cordão segmentado

24 – Traços incisivos oblíquos tendencialmente paralelos entre si

27 – Traços incisivos tendencialmente horizontais, delimitados por uma linha incisa horizontal e outra oblíqua, associados a um puncionamento oval

29 – Fiada horizontal de puncionamentos tendencialmente triangulares, paralelos entre si

36 – Sulco sob o bordo (**NMI**)

37 – Linhas incisivas horizontais e oblíquas, paralelas entre si

42 – Sulco sob o bordo (**NMI**)

43 – Sulco sob o bordo (**NMI**)

- 46 – Motivo em espinha
- 46 – Traços incisos oblíquos e paralelos entre si
- 51 – Bordo denteado direito (**NAE**)
- 56 – Motivo em ziguezague
- 57 – Motivo em espinha
- 60 – Linha incisa horizontal, associada a puncionamentos tendencialmente ovais
- 61 – Sulco sob o bordo associado a linhas incisas oblíquas, paralelas entre si (**NMI**)
- 61 – Duas linhas incisas horizontais delimitam traços incisos oblíquos e paralelos entre si
- 63 – Composição arqueada obtida por puncionamentos tendencialmente retangulares
- 66 – Sulco sob o bordo (**NMI**)
- 67 – Linhas incisas horizontais e oblíquas
- 68 – Traço inciso horizontal
- 71 – Linhas incisas horizontais paralelas entre si
- 80 – Pequeno sulco horizontal sob o bordo
- 81 – Composição geométrica obtida por traços incisos, criando um quadrado preenchido por traços incisos oblíquos, associados a linhas incisas horizontais e oblíquas
- 82 – Motivo em espinha
- 85 – Sulco sob o bordo (**NMI**)
- 87 – Traços incisos oblíquos paralelos entre si
- 90 – Traços incisos horizontais paralelos entre si
- 108 – Dois sulcos horizontais e paralelos entre si, associados a fiadas horizontais de puncionamentos tendencialmente ovais
- 112 – Linhas incisas horizontais paralelas entre si

Algumas das técnicas e motivos decorativos que se encontram no sector I estão também presentes neste sector. As linhas verticais paralelas entre si – exemplificadas pelos vasos nº 3 e nº 7 (Anexos: fig. 35, p. 34), - são comuns em sítios como Casas Novas, Gruta da Furninha, Casa da Moura e Gruta do Caldeirão. Tal como o sector I, neste sector também se encontram puncionamentos – vasos nº 19 e nº 29 (Anexos: fig. 35, p. 34), e nº 63 (Anexos: fig. 37, p. 36) -, contudo estes apresentam uma morfologia distinta, sendo mais alongados; encontram-se exemplares semelhantes em S. Pedro de Canaferrim, estando associados ao Neolítico Antigo. A decoração compósita, exemplificada pelo vasos nº 13 (Anexos: fig. 35, p. 34), nº 60 (Anexos: fig. 37, p. 36), e nº 108 (Anexos: fig. 39, p. 38), apresenta os mesmos motivos - ainda que organizados de maneira distinta -, que recipientes oriundos de S. Pedro de Canaferrim (associados ao Neolítico Antigo) e do sítio de Montes Claros (associados ao Neolítico Final). O sulco sob o bordo – vasos nº 36 (Anexos: fig. 36, p. 35), nº 42 e nº 43 (Anexos: fig. 41, p. 40), nº 66 (Anexos: fig. 42, p. 41), e nº 85 (Anexos: fig. 38, p. 37) -, encontra as maiores semelhanças no Abrigo da Pena d'Água, com exemplares integráveis no Neolítico Médio Inicial. O bordo denteado direito – vaso nº 51 (Anexos: fig. 36, p. 35) -, como já referido para o sector I, encontra paralelos no sítio do Carrascal e de Cortiçóis, estando associados, respetivamente, ao Neolítico Antigo, e ao Neolítico Antigo Evoluído. No sector II encontra-se um cordão segmentado, representado pelo vaso nº 21 – o qual não foi possível desenhar por se encontrar muito fragmentado -, em tudo semelhante a um exemplar do sítio de Salemas, integrado no Neolítico Antigo. A junção de linhas horizontais e oblíquas encontram-se nos vasos nº 27 (Anexos: fig. 35, p. 34), nº 37 (Anexos: fig. 36, p. 35), nº 61 e nº 67 (Anexos: fig. 37, p. 36), e associam-se a recipientes existentes do sítio de Cortiçóis, Casas Novas, e Outeiro Redondo. Nos dois primeiros sítios, estes motivos foram integrados no Neolítico Antigo, enquanto que no último, foram integrados num momento mais tardio, o Calcolítico. A utilização de traços e linhas oblíquas – vasos nº 24 (Anexos: fig. 40, p. 39), nº 46 (Anexos: fig. 41, p. 40), e nº 87 (Anexos: fig. 38, p. 37) – encontra-se bem testemunhada em sítios do Neolítico Antigo, como é o caso da Gruta do Correio-Mor, Casas Novas, Casa da Moura e Cortiçóis. A técnica dos sulcos horizontais – excetuando o sulco sob o bordo – está representada pelo vaso nº 80 (Anexos: fig. 38, p. 37), e apenas encontra paralelos

na Gruta do Caldeirão, com uma datação do Neolítico Antigo Evoluído. Um motivo por norma associado ao Neolítico Antigo é o ziguezague, representado neste sector pelo vaso nº 56 (Anexos: fig. 37, p. 36). Em S. Pedro de Canaferrim encontram-se exemplares deste motivo; contudo, no recipiente de CPM o ziguezague encontra-se disposto verticalmente, enquanto que em S. Pedro de Canferrim, este apresenta uma orientação horizontal. Outro motivo associado ao Neolítico Antigo corresponde ao motivo em espinha. Os vasos nº 46 (Anexos: fig. 36, p. 35), nº 57 (Anexos: fig. 37, p. 36), e nº 82 (Anexos: fig. 38, p. 37) encontram exemplares semelhantes em diversas estações integráveis no Neolítico Antigo, como é o caso da Gruta da Furninha, Casas Novas, Cortiçóis, Casa da Moura, e Carrascal.

Tendo em conta os dados obtidos em termos estilísticos, foi possível concluir a existência de uma ocupação do Neolítico Antigo Evoluído, pela presença de um bordo denteado direito – vaso nº 51 (Anexos: fig. 36, p. 35), a qual é reforçada pelos motivos decorativos descritos anteriormente, os quais por norma, surgem associados ao Neolítico Antigo. Por sua vez, o vaso nº 36 (Anexos: fig. 36, p. 35) apresenta um sulco sob o bordo, o qual atesta uma ocupação integrável no Neolítico Médio Inicial. Ou seja, em termos de integração cronocultural, o sector I e II apresentam-se idênticos – o que não surpreende, pois são sectores contíguos -, apenas com uma exceção. No sector II foi ainda confirmada uma terceira ocupação, integrável no Bronze Pleno, a qual é corroborada pela presença de um vaso de corpo troncocónico invertido de base plana, correspondente ao vaso nº 111 – o qual não se encontra nos anexos-, podendo no entanto tratar-se uma intrusão posterior sem qualquer peso na atribuição geral deste sector a um momento de transição entre as fases antiga e média do Neolítico. O vaso nº 5 (Anexos: fig. 35, p. 34) por sua vez, integra-se num momento mais tardio, já histórico – o período romano -, sendo uma Terra Sigillata do tipo “C”; claramente uma intrusão neste conjunto cerâmico, tendo em conta que este é o único fragmento reportável a este período cultural.

5.3 – SECTOR III

No sector III apenas foram recuperados 2 fragmentos cerâmicos, que correspondem a dois fragmentos de bordos lisos. Não se considerou relevante neste caso

elaborar uma tabela de proveniência, sendo oriundos os dois fragmentos das seguintes quadrículas e NA (D5.2 e E4.3).

Do estudo destes 2 fragmentos resultaram um total de 2 recipientes lisos, cujos desenhos não são apresentados no presente trabalho. Apenas foi possível determinar que estes bordos lisos correspondem a dois hemisféricos, ou seja, a dois recipientes abertos. Assim sendo, não foi possível obter quaisquer conclusões cronoculturais relativamente a este sector.

5.4 – SECTOR III T

INVENTÁRIO DO MATERIAL CONTABILIZADO:

Número Total de Fragmentos – 851

Bordos Lisos – 84

Bordos Decorados – 14

Bojos Lisos – 698

Bojos Decorados – 55

Bases Planas - 1

Decoração Plástica – 2 Asas, 8 Cordões

No sector III T foram recuperados um total de 851 fragmentos cerâmicos, os quais se encontram quantificados morfologicamente por quadrícula e NA na Tabela de Quantificação Morfológica (Anexos: fig. 56, p. 58-61). Destes 851 fragmentos, 91,9% são fragmentos lisos e 8% são fragmentos decorados. Mais precisamente, 9,9% destes fragmentos correspondem a bordos lisos, 1,6% a fragmentos de bordos decorados, 82% a fragmentos de bojos lisos, e 6,4% a fragmentos de bojos decorados (Anexos: fig. 222, p. 286). Neste sector encontra-se ainda uma base plana (0,1%). Em termos de decoração plástica, estão presentes entre os referidos fragmentos decorados duas asas e oito cordões (Anexos: fig. 223, p. 286).

Do estudo destes 851 fragmentos resultaram um total de 283 recipientes (NMR), os quais se apresentam discriminados nas Tabelas do NMR (Anexos: fig. 57, p. 62-78).

Destes 851 fragmentos, 92% correspondem a fragmentos lisos, e os restantes 8% correspondem a fragmentos decorados. Contudo, se esta análise for efetuada em termos do NMR, 245 exemplares correspondem a recipientes lisos (87%) e os restantes 38 recipientes correspondem a formas decoradas (13%) (Anexos: fig. 224, p. 287).

Para o presente sector foram elaborados um total de 88 desenhos, sendo que apenas 35 destes desenhos são apresentados na tese (Anexos: fig. 58-61, p. 78-81).

Em termos de análise tipológica, estão presentes neste sector as seguintes formas (Anexos: fig. 62, p. 82-86):

- 3 Pratos (1,1%)
- 3 Calotes de esfera (1,1%)
- 18 Hemisféricos (6,4%)
- 10 Vasos de corpo troncocónico invertido (3,5%)
- 29 Vasos de paredes retas (10,2%)
- 6 Esféricos (2,1%)
- 8 Potes (2,8%)
- 1 Vaso de colo reto (0,4%)
- 205 Formas indeterminadas (72,5%)

Deste modo, no sector IIIT, existem 34 formas abertas (12%), 29 formas retas (10,2%), 15 formas fechadas (5,3%), e 205 formas indeterminadas (72,4%) (Anexos: fig. 225, p. 288).

Em termos de técnicas decorativas observa-se um predomínio da técnica incisa, com 26 exemplares (84%), estando a técnica impressa representada apenas por cinco exemplares (16%) (Anexos: fig. 226, p. 288). De seguida são descritas as técnicas e motivos decorativos presentes neste sector, estando registada a identificação numérica do recipiente, seguida pela descrição em termos decorativos do mesmo:

2 – Linha incisa horizontal

8 – Bordo denteado (**NAE**)

13 – Traços incisos verticais associados a traços incisos oblíquos

14 – Linhas incisivas tendencialmente horizontais, paralelas entre si

- 15 – Fiada horizontal de puncionamentos tendencialmente circulares
- 24 – Série de sulcos arqueados, concêntricos, largos e profundos
- 27 – Linhas incisas oblíquas convergentes
- 28 – Série de linhas incisas arqueadas, concêntricas e profundas
- 29 – Sulcos verticais paralelos entre si, associados a um sulco horizontal
- 35 – Linhas incisas horizontais paralelas entre si, associadas a traços incisos oblíquos
- 36 – Sulcos oblíquos paralelos entre si
- 40 – Motivo em espinha
- 44 – Série de puncionamentos tendencialmente ovais, profundos e dispostos irregularmente
- 50 – Puncionamentos verticais tendencialmente ovais
- 67 – Sulcos verticais paralelos entre si
- 68 – Linhas incisas verticais paralelas entre si
- 78 – Linha incisa tendencialmente arqueada
- 78 – Sulcos incisos verticais paralelos entre si
- 90 – Cordão liso associado a sulcos oblíquos paralelos entre si
- 111 – Caneluras **(CI)**
- 119 – Cordão liso associado a motivo em espinha
- 129 – Sulcos verticais paralelos entre si
- 132 – Linhas incisas oblíquas paralelas entre si
- 138 – Linhas incisas verticais paralelas entre si, associadas a traços incisos horizontais
- 139 – Cordão liso
- 140 – Motivo em ziguezague
- 143 – Linhas incisas tendencialmente verticais e paralelas entre si
- 144 – Linha incisa tendencialmente arqueada

- 153 – Caneluras (CI)
- 155 – Puncionamentos circulares
- 233 – Sulco oblíquo tendencialmente arqueado
- 237 – Linha incisa vertical
- 281 – Linhas incisivas verticais paralelas entre si

Em termos decorativos, o sector IIIT caracteriza-se maioritariamente pela técnica da incisão, quer sejam traços ou linhas verticais, horizontais ou oblíquos. Assim sendo, os exemplares de traços e/ou linhas horizontais, representados pelos vasos nº 2 (Anexos: fig. 58, p. 78), e nº 35 (Anexos: fig. 59, p. 79), encontram paralelos na Gruta do Caldeirão, Casas Novas e Cortiçóis; em qualquer um dos três sítios, associados ao Neolítico Antigo. Os traços e linhas oblíquos – vaso nº 132 (Anexos: fig. 60, p. 80) - encontram exemplares semelhantes na Gruta do Correio-Mor, Casas Novas, Casa da Moura, e Cortiçóis, tendo sido considerados como integráveis no Neolítico Antigo. Os traços e linhas verticais – vasos nº 78 (Anexos: fig. 59, p. 79), nº 138 e nº 143 (Anexos: fig. 60, p. 80), nº 237 e nº 281 (Anexos: fig. 61, p. 81), por sua vez, encontram paralelos nas Grutas da Furninha e do Caldeirão, nas Casas Novas, e na Casa da Moura. O vaso nº 8 – não desenhado por se encontrar muito fragmentado - corresponde a um bordo denteado direito, o qual encontra paralelos nos sítios do Carrascal e de Cortiçóis, estando associado ao Neolítico Antigo Evoluído. O vaso nº 119 (Anexos: fig. 60, p. 80) representa o motivo em espinha – que, tal como no sector anterior – encontra semelhanças com recipientes da Gruta da Furninha, Casas Novas, Cortiçóis, Casa da Moura, e Carrascal; em todos estes sítios, associado ao Neolítico Antigo. O motivo em ziguezague – vaso nº 140 (Anexos: fig. 60, p. 80) – encontra paralelos em S. Pedro de Canferrim, sendo integrado no Neolítico Antigo. A técnica da impressão está representada por uma série de puncionamentos – vasos nº 15 (Anexos: fig. 58, p. 78), nº 44 e nº 50 (Anexos: fig. 59, p. 79), e nº 155 (Anexos: fig. 61, p. 81) -, a qual encontra semelhanças com recipientes do sítio de Salemas, Cortiçóis e Casa da Moura, sendo associados ao Neolítico Antigo. Os sulcos estão abundantemente representados. O vaso nº 24 (Anexos: fig. 58, p. 78), decorado com sulcos arqueados encontra semelhanças em exemplares do sítio do Zambujal – ainda que neste caso, recolhido à superfície -, Casa da Moura e S. Pedro de Canaferrim, sendo nestes dois sítios integrável no Neolítico

Antigo. Os sulcos verticais e horizontais aparentam ter uma cronologia mais ampla. Exemplificados pelo vaso nº 29 (Anexos: fig. 58, p. 78), encontram paralelos na Casa da Moura, Gruta do Caldeirão, Penedo do Lexim, e Outeiro de S. Mamede. Nos dois primeiros sítios, esta técnica é considerada como pertencente ao Neolítico Antigo; no Penedo do Lexim está associada ao Neolítico Final, e no Outeiro de S. Mamede ao Calcolítico. Por sua vez, os sulcos oblíquos parecem ter uma utilização mais tardia, estando representados em CPM pelo vaso nº 36 (Anexos: fig. 59, p. 79). Esta técnica encontra semelhanças com exemplares do sítio do Zambujal, Penedo do Lexim, e Outeiro de S. Mamede, estando associada nestas três estações ao Calcolítico. Por fim, as caneluras – vaso nº 111 (Anexos: fig. 60, p. 80) – encontram facilmente paralelos, em sítios como Zambujal, Leceia, Penedo do Lexim, Gruta do Correio-Mor, Poço Velho, Outeiro de S. Mamede, e Outeiro Redondo; esta é uma técnica claramente associada ao Calcolítico.

No sector IIIT foi possível comprovar a existência de duas ocupações distintas. Além das formas e técnicas decorativas supracitadas – as quais na sua maioria estão associadas ao Neolítico Antigo -, este momento cultural é também confirmado pela presença de um bordo denteado direito – vaso nº 8 -, integrável culturalmente no Neolítico Antigo Evoluído. A segunda ocupação é confirmada pela presença de um fósil-diretor por excelência, as caneluras horizontais, que representadas pelo vaso nº 111 (Anexos: fig. 60, p. 80), atestam a existência de uma ocupação deste sector no Calcolítico Inicial, provavelmente associada ao elevado número de recipientes de formas troncocónicas observado (fragmentos de “copos” calcolíticos?).

5.5 – SECTOR V

INVENTÁRIO DO MATERIAL CONTABILIZADO:

Número Total de Fragmentos – 458

Bordos Lisos – 33

Bordos Decorados – 10

Bojos Lisos – 402

Bojos Decorados – 12

Carenas - 1

Decoração Plástica – 1 Cordão, 1 Pega

No sector V foram recuperados um total de 458 fragmentos cerâmicos, os quais se encontram quantificados morfologicamente por quadrícula e NA na Tabela de Quantificação Morfológica (Anexos: fig. 112, p. 135-140). Destes 458 fragmentos, 95% são fragmentos lisos e 4,8% são fragmentos decorados. Mais precisamente, 7,2% destes fragmentos correspondem a bordos lisos, 2,2% a fragmentos de bordos decorados, 87,8% a fragmentos de bojos lisos, e 2,6% a fragmentos de bojos decorados (Anexos: fig. 222, p. 286). Neste sector encontra-se ainda uma carena (0,2%). Em termos de decoração plástica, estão presentes entre os referidos fragmentos decorados um cordão e uma pega (Anexos: fig. 223, p. 286).

Do estudo destes 458 fragmentos resultaram um total de 138 recipientes (NMR), os quais se apresentam discriminados nas Tabelas do NMR (Anexos: fig. 113, p. 140-150).

Destes 458 fragmentos, 95% correspondem a fragmentos lisos, e os restantes 5% correspondem a fragmentos decorados. Contudo, se esta análise for efetuada em termos do NMR, 123 exemplares correspondem a recipientes lisos (89%) e os restantes 15 recipientes correspondem a formas decoradas (11%) (Anexos: fig. 224, p. 287).

Para o presente sector foram elaborados um total de 41 desenhos, sendo que apenas 20 destes desenhos são apresentados na tese (Anexos: fig. 114-117, p. 150-153).

Em termos de análise tipológica, estão presentes neste sector as seguintes formas (Anexos: fig. 118, p. 153-155):

- 6 Calotes de esfera (4,3%)
- 8 Hemisféricos (5,8%)
- 6 Vasos de corpo troncocónico invertido (4,3%)
- 3 Vasos de paredes retas (2,2%)
- 6 Esféricos (4,3%)
- 1 Pote (0,7%)
- 1 Globular (0,7%)
- 1 Vaso carenado (0,7%)
- 106 Formas indeterminadas (77%)

Deste modo, no sector V, existem 20 formas abertas (14,5%), 3 formas retas (2,2%), 9 formas fechadas (6,5%), e 106 formas indeterminadas (76,8%) (Anexos: fig. 225, p. 288).

Em termos de técnicas decorativas observa-se um predomínio da técnica incisa, com oito exemplares (57%), estando a técnica impressa representada por três exemplares (21,5%), a par da decoração compósita também representada por três exemplares (21,5%) (Anexos: fig. 226, p. 288). De seguida são descritas as técnicas e motivos decorativos presentes neste sector, estando registada a identificação numérica do recipiente, seguida pela descrição em termos decorativos do mesmo:

- 1 – Motivo em espinha
- 2 – Fiada horizontal de puncionamentos tendencialmente quadrados
- 6 – Sulcos oblíquos paralelos entre si, associados a puncionamentos tendencialmente triangulares
- 7 – Bordo denteado associado a linhas incisas horizontais e puncionamentos horizontais tendencialmente triangulares (NAE)
- 9 – Traços incisos verticais delimitados por uma linha incisa oblíqua
- 11 – Bordo denteado associado a séries de linhas incisas verticais e oblíquas (NAE)
- 20 – Motivo em espinha
- 28 – Linhas incisas arqueadas
- 33 – Cordão decorado com impressões tendencialmente ovais
- 34 – Linhas incisas horizontais paralelas entre si
- 46 – Linhas incisas concêntricas
- 53 – Bordo denteado (NAE)
- 63 – Linhas incisas horizontais paralelas entre si
- 107 – Linhas incisas oblíquas paralelas entre si

Tal como no sector IIIT, neste sector observa-se um predomínio da técnica incisa, ainda que adaptada a diferentes composições. Os traços e/ou linhas oblíquas – vasos nº 20 (Anexos: fig. 115, p. 151), e nº 107 (Anexos: fig. 116, p. 152) - encontram semelhanças em sítios como a Gruta do Correio-Mor, Casas Novas, Casa da Moura, e Cortiçóis, estando nestes sítios associada ao Neolítico Antigo. As linhas horizontais – vasos nº 34 (Anexos: fig. 115, p. 151), e nº 63 (Anexos: fig. 116, p. 152) – encontram-se representadas nos mesmo sítios que as linhas oblíquas, com exceção da Gruta do Correio-Mor; estão associadas também ao Neolítico Antigo. O motivo em espinha, representado pelos vasos nº 1 (Anexos: fig. 114, p. 150), e nº 20 (Anexos: fig. 115, p. 151), encontram paralelos na Gruta da Furninha, Casas Novas, Casa da Moura, e Cortiçóis, sendo um motivo comum no Neolítico Antigo. O vaso nº 2 (Anexos: fig. 114, p. 150), caracteriza-se pela presença de puncionamentos de tendência quadrangular, os quais apresentam semelhança com exemplares do sítio de Salemas, onde estão inseridos no Neolítico Antigo. O bordo denteado direito – vaso nº 7 (Anexos: fig. 114, p. 150), nº 11 (Anexos: fig. 115, p. 151), e nº 53 (Anexos: fig. 116, p. 152) -, encontra paralelos no sítio do Carrascal e de Cortiçóis, sendo considerada uma forma correspondente ao Neolítico Antigo, por norma Evoluído. Os únicos sulcos existentes neste sector correspondem a sulcos arqueados – vaso nº 28 (Anexos: fig. 115, p. 151), -, encontrando exemplares semelhantes no Zambujal e em S. Pedro de Canaferrim. Esta técnica integra-se no Neolítico Antigo, com exceção do sítio do Zambujal, em que este recipiente surge descontextualizado.

Em termos de integração cronocultural, a análise decorativa dos recipientes forneceu dados que permitem confirmar uma ocupação do Neolítico Antigo Evoluído, pela presença de três bordos denteados direitos – vasos nº 7 (Anexos: fig. 114, p. 150), nº 53 (Anexos: fig. 116, p. 152), e nº 53 (Anexos: fig. 116, p. 152). Por sua vez, a análise tipológica dos recipientes permitiu confirmar a existência de uma segunda ocupação neste sector. Esta corresponde ao Neolítico Final, e é comprovada pela presença de uma taça carenada – forma indiscutivelmente associada ao Neolítico Final -, a qual se encontra representada pelo vaso nº 55. É, no entanto, difícil perceber qual a representatividade relativa de ambas as ocupações registadas, ainda que o último período mencionado pareça à partida menos bem representado.

5.6 – SECTOR VI

INVENTÁRIO DO MATERIAL CONTABILIZADO:

Número Total de Fragmentos – 1570

Bordos Lisos – 99

Bordos Decorados – 14

Bojos Lisos – 1439

Bojos Decorados – 14

Bases Planas – 1

Carenas - 2

Cilindros – 1

No sector VI foram recuperados um total de 1570 fragmentos cerâmicos, os quais se encontram quantificados morfológicamente por quadrícula e NA na Tabela de Quantificação Morfológica (Anexos: fig. 150, p. 186-192). Destes 1570 fragmentos, 97,9% são fragmentos lisos e 1,8% são fragmentos decorados. Mais precisamente, 6,3% destes fragmentos correspondem a bordos lisos, 0,9% a fragmentos de bordos decorados, 91,6% a fragmentos de bojos lisos, e 0,9% a fragmentos de bojos decorados (Anexos: fig. 222, p. 286). Neste sector encontram-se ainda uma base plana (0,1%), duas carenas (0,1%) e um fragmento cilíndrico (0,1%), idêntico ao recuperado no sector II. Não foram recuperados neste sector quaisquer elementos de decoração plástica.

Do estudo destes 1570 fragmentos resultaram um total de 297 recipientes (NMR), os quais se apresentam discriminados nas Tabelas do NMR (Anexos: fig. 151, p. 192-212).

Destes 1570 fragmentos, 98% correspondem a fragmentos lisos, e os restantes 2% correspondem a fragmentos decorados. Contudo, se esta análise for efetuada em termos do NMR, 274 destes exemplares correspondem a recipientes lisos (93%) e os restantes 22 recipientes correspondem a formas decoradas (7%) (Anexos: fig. 224, p. 287).

Para o presente sector foram elaborados um total de 107 desenhos, sendo que apenas 30 destes desenhos são apresentados na tese (Anexos: fig. 152-155, p. 213-216).

Em termos de análise tipológica, estão presentes neste sector as seguintes formas (Anexos: fig. 156, p. 216-220):

- 1 Prato (0,3%)
- 2 Calotes de esfera (0,7%)
- 22 Hemisféricos (7,4%)
- 4 Vasos de corpo troncocónico invertido (1,3%)
- 29 Vasos de paredes retas (9,8%)
- 6 Esféricos (2%)
- 11 Potes (3,7%)
- 3 Globulares (1%)
- 2 Vasos carenados (0,7%)
- 1 Vaso de colo alto (0,3%)
- 216 Formas indeterminadas (72,8%)

Deste modo, no sector VI, existem 29 formas abertas (9,8%), 29 formas retas (9,8%), 23 formas fechadas (7,7%), e 216 formas indeterminadas (72,7%) (Anexos: fig. 225, p. 288).

Em termos de técnicas decorativas observa-se um predomínio da técnica incisa, com 18 exemplares (78%), estando a técnica impressa representada por três exemplares (13%), e a decoração compósita por dois exemplares (9%) (Anexos: fig. 226, p. 288). De seguida são descritas as técnicas e motivos decorativos presentes neste sector, estando registada a identificação numérica do recipiente, seguida pela descrição em termos decorativos do mesmo:

1 – Traços incisos oblíquos paralelos entre si, delimitados por um traço inciso vertical

13 – Sulco sob o bordo (**NMI**)

14 – Bordo denteado por incisões (**NAE**)

15 – Linhas incisas verticais paralelas entre si

19 – Sulco sob o bordo (**NMI**)

20 – Fiada de puncionamentos horizontais, tendencialmente retangulares

- 21 – Linha incisa oblíqua
- 22 – Linhas incisas verticais paralelas entre si, delimitadas por uma linha incisa oblíqua
- 24 – Pequeno sulco oblíquo
- 30 – Sulco sob o bordo (**NMI**)
- 35 – Sulcos oblíquos paralelos entre si
- 36 – Caneluras (**CI**)
- 38 – Caneluras (**CI**)
- 39 – Caneluras (**CI**)
- 42 – Traços oblíquos paralelos entre si, delimitados por linhas incisas oblíquas, sensivelmente perpendiculares às primeiras
- 54 – Bordo denteado (**NAE**)
- 75 – Bordo denteado associado a sulcos oblíquos paralelos entre si (**NAE**)
- 89 – Pequenos puncionamentos circulares delimitados por uma linha incisa arqueada
- 119 – Sulco sob o bordo (**NMI**)
- 131 – Motivo Cardial (**NAC**)
- 133 – Sulco inciso arqueado
- 135 – Linha incisa horizontal associada a sulcos oblíquos paralelos entre si
- 158 – Sulco sob o bordo (**NMI**)

O sector VI é o que apresenta maior diversidade – ainda que em pequena escala – de técnicas e motivos decorativos associados a períodos culturais precisos. Os vasos nº 14 (Anexos: fig. 152, p. 213), e nº 54 (Anexos: fig. 153, p. 214) correspondem a um bordo denteado direito, o qual encontra paralelos no sítio dos Cortiçóis e do Carrascal; em ambos os casos está associado ao Neolítico Antigo. Outro exemplar de bordo denteado direito – vaso nº 75 (Anexos: fig. 153, p. 214) –, mas desta vez associado a

sulcos oblíquos apenas encontra semelhanças com um exemplar de Cortiçóis, integrado no Neolítico Antigo Evoluído. A decoração cardial, exemplificada no vaso nº 131 (Anexos: fig. 153, p. 214) encontra paralelos na Gruta do Caldeirão, Casas Novas, Carrascal, Cortiçóis, e Abrigo da Pena d'Água, estando claramente associada a uma fase precoce do Neolítico Antigo. No sector VI também estão presentes as linhas verticais paralelas entre si – vasos nº 15 e nº 22 (Anexos: fig. 152, p. 213), -, encontrando semelhanças com exemplares cerâmicos das Grutas da Furninha e do Caldeirão, Casas Novas, e Casa da Moura. Como nos casos anteriores, este motivo decorativo integra-se no Neolítico Antigo. Os vasos nº 13 (Anexos: fig. 154, p. 215), nº 19 e nº 30 (Anexos: fig. 152, p. 213), nº 119 (Anexos: fig. 153, p. 214), e nº 158 (Anexos: fig. 154, p. 215), correspondem a sulcos sob o bordo, e encontram paralelos no Abrigo da Pena d'Água, correspondendo a uma decoração típica do Neolítico Médio Inicial. A associação de traços a linhas oblíquas está representada no vaso nº 42 (Anexos: fig. 153, p. 214), e encontra semelhanças com exemplares de Salemas, S. Pedro de Canaferrim, Gruta da Furninha e Cortiçóis; em qualquer um destes sítios, este motivo foi integrado no Neolítico Antigo. Ainda que a composição seja distinta, as pequenas impressões circulares do vaso nº 89 (Anexos: fig. 153, p. 214), observam-se também no sítio de Montes Claros, estando associadas ao Neolítico Antigo. Os puncionamentos de tendência quadrangular – vaso nº 20 (Anexos: fig. 154, p. 215), -, por sua vez, encontram paralelos no sítio da Casa da Moura, correspondendo a uma decoração do Neolítico Antigo. Os sulcos arqueados – vaso nº 133 (Anexos: fig. 153, p. 214), -, encontram semelhanças na Casa da Moura, e em S. Pedro de Canaferrim, integrando-se no Neolítico Antigo. Os aparentemente mais recentes sulcos oblíquos, são facilmente identificáveis em sítios como o Zambujal, Penedo do Lexim e Outeiro de S. Mamede; como referido, este motivo surge numa fase mais tardia da Pré-História Recente, correspondendo ao Calcolítico. Outra técnica característica do Calcolítico diz respeito às caneluras – vasos nº 36 (Anexos: fig. 152, p. 213), nº 38 e nº 39 (Anexos: fig. 153, p. 214), -, as quais encontram paralelos nos sítios do Zambujal, Leceia, Penedo do Lexim, Gruta do Correio-Mor, Poço Velho, Outeiro de S. Mamede, e Outeiro Redondo

Após a análise dos dados, conclui-se facilmente que este sector é o que encerra mais ocupações, abrangendo um maior espectro cronológico e cultural. O sector VI é o único sector com presença de decoração cardial – vaso nº 131 (Anexos: fig. 153, p. 214), -, a qual confirma uma ocupação em fase precoce do Neolítico Antigo. A presença

de três bordos denteados direitos – vasos nº 14 (Anexos: fig. 152, p. 213), nº 54 e nº 75 (Anexos: fig. 153, p. 214), -, por sua vez, atesta a ocupação deste sector no Neolítico Antigo Evoluído. O Neolítico Médio Inicial encontra-se também comprovado, pela existência de recipientes decorados com sulco sob o bordo, representados pelos vasos nº 13 (Anexos: fig. 154, p. 215), nº 19 e nº 30 (Anexos: fig. 152, p. 213), nº 119 (Anexos: fig. 153, p. 214), e nº 158 (Anexos: fig. 154, p. 215). A presença de duas taças carenadas – vasos nº 25 e nº 178, os quais não estão na tese -, permitiu também integrar neste sector uma ocupação do Neolítico Final. Por fim, foi também comprovada a existência de uma ocupação integrável no Calcolítico Inicial, a qual se encontra testemunhada pela presença de caneluras horizontais nos vasos nº 36 (Anexos: fig. 152, p. 213), nº 38, nº 39 e nº 135 (Anexos: fig. 153, p. 214).

5.7 – SÍNTESE DA DISPERSÃO ESPACIAL / VERTICAL DOS FRAGMENTOS

Como referido anteriormente, a escavação do sítio arqueológico de CPM foi um processo metodologicamente complicado por vários motivos. O projeto foi levado a cabo por três arqueólogos (Anthony E. Marks, Nuno F. Bicho e João Zilhão) que se dedicam ao estudo do Paleolítico, e os objetivos essenciais da escavação deste sítio incidiram sobre a procura de níveis deste período. Deste modo, não houve particular cuidado na escavação dos níveis que continham cerâmica, uma vez que estes não eram o foco do projeto, conquanto deva ser sublinhado o carácter revolvido com que se apresentavam estes níveis aos olhos dos escavadores (devido a extrações de areias, lavras, plantio de eucaliptos, etc.). A definição das áreas a escavar – e que viriam dar origem aos sectores em estudo – foi feita com recurso à abertura de quadrículas de sondagem. Nas quadrículas em que se recuperou material arqueológico, foi dada continuidade aos trabalhos de escavação, o que originou uma planta do sítio complexa, e com vários sectores dispersos. Outro aspeto que contribuiu para a falta de rigor nos registos estratigráficos dos níveis da Pré-História Recente foi o fato de o CPM ser um sítio de dunas, no qual foram efetuados trabalhos agrícolas variados, os quais deram origem a graves perturbações pósdeposicionais, como referido acima. Consequentemente, houve sectores que não permitiram uma leitura – ou interpretação –

dos dados ao nível rigoroso que se pretendia. Assim sendo, em termos de dispersão espacial, os dados – possíveis - obtidos apresentam-se de seguida:

SECTOR I

Com exceção de uma ou outra classificação mais precisa, a grande maioria dos fragmentos cerâmicos deste sector - em termos de estratigrafia vertical -, foram classificados por Top, Upper, C (nível que continha cerâmica, que por sua vez corresponde aos níveis Top e Upper), Main e Lower. Existem também fragmentos marcados com a letra E, que se presume que correspondam aos níveis retirados por uma escavadora. Não é no entanto possível determinar a que níveis estratigráficos precisos correspondem as referidas marcações efetuadas nos fragmentos. Sem dados estratigráficos mais rigorosos, torna-se impossível tentar compreender a dispersão dos fragmentos cerâmicos neste sector. Apenas foi possível determinar a dispersão sectorial de dois recipientes (vasos nº 15 e 33 – Anexos: fig. 30-31, p. 21-22), a qual em termos de análise de dados não facultou qualquer informação.

SECTOR II

Este sector, na sua maioria apresenta dados estratigráficos precisos. Contudo, há situações nas quais estava registado nos fragmentos cerâmicos a profundidade a que estes foram recuperados, e não o NA correspondente. Procurou-se correlacionar as profundidades e os respetivos NA – a fim de tornar os dados mais rigorosos -, o que se revelou impossível. Isto porque tanto há quadrículas em que o NA 1 corresponde a uma profundidade de 70-80 cm (H4), como há quadrículas em que este NA corresponde a uma profundidade de 85-90 cm (I4 e J4). Tendo em conta que o CPM é um sítio de dunas, a superfície do solo não está toda à mesma altura, tornando-se impossível precisar as profundidades a que correspondem cada NA. Assim sendo, os dados em termos de estratigrafia vertical que não são precisos, não foram considerados para o presente exercício.

Foi possível determinar a dispersão espacial - horizontal e vertical - de onze recipientes. Nomeadamente, os vasos nº 15 (Anexos: fig. 44, p. 46), nº 32 (Anexos: fig.

45, p. 47), nº 33 (Anexos: fig. 46, p. 48), nº 34 (Anexos: fig. 47, p. 49), nº 45 (Anexos: fig. 48, p. 50), nº 46 (Anexos: fig. 49, p. 51), nº 47 (Anexos: fig. 50, p. 52), nº 73 (Anexos: fig. 51, p. 53), nº 111 (Anexos: fig. 52, p. 54), nº 114 (Anexos: fig. 53, p. 55), e nº 116 (Anexos: fig. 54, p. 56). Foi possível observar que estes recipientes se concentram nas quadrículas G4 a G7, nas quadrículas H4 a H7, e nas quadrículas I4 e J4, independentemente da sua tipologia e/ou cronologia relativa. Isto significa que não foi possível observar qualquer dispersão espacial significativa. Do mesmo modo, não se conseguiu estabelecer uma relação entre a dispersão espacial de recipientes decorados.

SECTOR III

O sector III apenas continha dois fragmentos cerâmicos, tendo sido excluído deste exercício.

SECTOR IIIT

Este sector permitiu analisar a dispersão espacial de 48 recipientes, nomeadamente os vasos nº 32 (Anexos: fig. 63, p. 87), nº 38 (Anexos: fig. 64, p. 88), nº 45 (Anexos: fig. 65, p. 89), nº 47 (Anexos: fig. 66, p. 90), nº 48 (Anexos: fig. 67, p. 91), nº 49 (Anexos: fig. 68, p. 92), nº 50 (Anexos: fig. 69, p. 93), nº 54 (Anexos: fig. 70, p. 94), nº 56 (Anexos: fig. 71, p. 95), nº 57 (Anexos: fig. 72, p. 96), nº 58 (Anexos: fig. 73, p. 97), nº 59 (Anexos: fig. 74, p. 98), nº 61 (Anexos: fig. 75, p. 99), nº 62 (Anexos: fig. 76, p. 100), nº 63 (Anexos: fig. 77, p. 101), nº 64 (Anexos: fig. 78, p. 102), nº 65 (Anexos: fig. 79, p. 103), nº 66 (Anexos: fig. 80, p. 104), nº 67 (Anexos: fig. 81, p. 105), nº 69 (Anexos: fig. 82, p. 106), nº 71 (Anexos: fig. 83, p. 107), nº 73 (Anexos: fig. 84, p. 108), nº 74 (Anexos: fig. 85, p. 109), nº 76 (Anexos: fig. 86, p. 110), nº 77 (Anexos: fig. 87, p. 111), nº 79 (Anexos: fig. 88, p. 112), nº 81 (Anexos: fig. 89, p. 113), nº 84 (Anexos: fig. 90, p. 114), nº 86 (Anexos: fig. 91, p. 115), nº 87 (Anexos: fig. 92, p. 116), nº 94 (Anexos: fig. 93, p. 117), nº 96 (Anexos: fig. 94, p. 118), nº 99 (Anexos: fig. 95, p. 119), nº 124 (Anexos: fig. 96, p. 120), nº 125 (Anexos: fig. 97, p. 121), nº 129 (Anexos: fig. 98, p. 122), nº 135 (Anexos: fig. 99, p. 123), nº 168 (Anexos: fig. 100, p. 124), nº 169 (Anexos: fig. 101, p. 125), nº 171 (Anexos: fig. 102, p. 126), nº 173 (Anexos: fig. 103, p. 127), nº 177 (Anexos: fig. 104, p. 128), nº 178 (Anexos: fig.

105, p. 129), nº 197 (Anexos: fig. 106, p. 130), nº 228 (Anexos: fig. 107, p. 131), nº 230 (Anexos: fig. 108, p. 132), nº 247 (Anexos: fig. 109, p. 133), e nº 262 (Anexos: fig. 110, p. 134). Contudo, observou-se que neste sector a maioria dos recipientes constituídos por conjuntos mais numerosos de fragmentos cerâmicos, se encontram dispersos por várias quadrículas, chegando nalguns casos um mesmo recipiente a ocupar praticamente todas as quadrículas deste sector. Tal como no sector II, apenas foi possível determinar quais as quadrículas que contêm mais material cerâmico, correspondendo às quadrículas localizadas entre a M3 e a T3 inclusive. Não se conseguiu comprovar a existência de uma relação na distribuição espacial dos recipientes entre tipologias cerâmicas, com o mesmo encaixe cronológico, ou entre os recipientes decorados.

SECTOR V

No sector V as quadrículas que contêm mais material cerâmico revelam um cuidado no registo estratigráfico; no entanto, as quadrículas que continham menos material cerâmico não apresentam um registo estratigráfico vertical preciso. Deste modo, não foi possível determinar os respetivos NA das seguintes quadrículas C7, C9, C10, C11, D8, D9, D11, E8 e F8. Por este motivo, recipientes que estivessem dispersos por estas quadrículas apenas foram considerados para a dispersão horizontal dos fragmentos, e não para a dispersão vertical. Tendo em conta esta limitação, conseguiu-se analisar a dispersão espacial de 40 recipientes, nomeadamente os vasos nº 1 (Anexos: fig. 119, p. 156), nº 14 (Anexos: fig. 120, p. 157), nº 15 (Anexos: fig. 121, p. 158), nº 19 (Anexos: fig. 122, p. 159), nº 22 (Anexos: fig. 123, p. 160), nº 23 (Anexos: fig. 124, p. 161), nº 26 (Anexos: fig. 125, p. 162), nº 27 (Anexos: fig. 126, p. 163), nº 29 (Anexos: fig. 127, p. 164), nº 31 (Anexos: fig. 128, p. 165), nº 32 (Anexos: fig. 129, p. 166), nº 33 (Anexos: fig. 130, p. 167), nº 42 (Anexos: fig. 131, p. 168), nº 46 (Anexos: fig. 132, p. 169), nº 48 (Anexos: fig. 133, p. 170), nº 50 (Anexos: fig. 134, p. 171), nº 52 (Anexos: fig. 135, p. 172), nº 58 (Anexos: fig. 136, p. 173), nº 68 (Anexos: fig. 137, p. 174), nº 69 (Anexos: fig. 138, p. 175), nº 79 (Anexos: fig. 139, p. 176), nº 87 (Anexos: fig. 140, p. 177), nº 88 (Anexos: fig. 141, p. 178), nº 91 (Anexos: fig. 142, p. 179), nº 92 (Anexos: fig. 143, p. 180), nº 97 (Anexos: fig. 144, p. 181), nº 98 (Anexos: fig. 145, p. 182), nº 100 (Anexos: fig. 146, p. 183), nº 101 (Anexos: fig. 147, p. 184), e nº 104 (Anexos: fig. 148, p. 185). Foi assim possível determinar que a grande maioria dos recipientes

cerâmicos se dispersam pelas quadrículas A9 a A11, e B9 a B11. Houve uma situação que inicialmente suscitou suspeitas relativamente à correta proveniência dos fragmentos, uma vez que estando estes concentrados nas referidas quadrículas, surgiam também fragmentos do mesmo recipiente nas quadrículas E8 e F8, as quais distam três e quatro metros – respetivamente -, das já referidas quadrículas A e B. Contudo, através da análise da dispersão espacial foi possível confirmar a correta distribuição dos fragmentos, uma vez que esta distribuição – aparentemente sem sentido – dos fragmentos ocorre em vários dos recipientes, como é o caso dos vasos nº 1, nº 22, nº 23, nº 26, nº 29, nº 42, nº 46, nº 48, nº 69, nº 88, e nº 98, comprovando a sua legitimidade. Estes casos são indícios de um processo pósdeposicional que levou à deslocação de fragmentos para as quadrículas E8 e F8, que originalmente estariam localizados junto aos outros fragmentos que constituem um mesmo recipiente. Deste modo, e confirmadas as graves perturbações do solo, não foi possível estabelecer qualquer tipo de relação – na distribuição espacial -, entre recipientes da mesma tipologia, da mesma cronologia, ou entre vasos decorados.

SECTOR VI

O sector VI permitiu analisar a dispersão espacial de 65 recipientes, nomeadamente os vasos nº 23 (Anexos: fig. 157, p. 221), nº 25 (Anexos: fig. 158, p. 222), nº 43 (Anexos: fig. 159, p. 223), nº 48 (Anexos: fig. 160, p. 224), nº 49 (Anexos: fig. 161, p. 225), nº 52 (Anexos: fig. 162, p. 226), nº 53 (Anexos: fig. 163, p. 227), nº 54 (Anexos: fig. 164, p. 228), nº 55 (Anexos: fig. 165, p. 229), nº 56 (Anexos: fig. 166, p. 230), nº 58 (Anexos: fig. 167, p. 231), nº 60 (Anexos: fig. 168, p. 232), nº 61 (Anexos: fig. 169, p. 233), nº 62 (Anexos: fig. 170, p. 234), nº 63 (Anexos: fig. 171, p. 235), nº 65 (Anexos: fig. 172, p. 236), nº 66 (Anexos: fig. 173, p. 237), nº 67 (Anexos: fig. 174, p. 238), nº 69 (Anexos: fig. 175, p. 239), nº 70 (Anexos: fig. 176, p. 240), nº 71 (Anexos: fig. 177, p. 241), nº 72 (Anexos: fig. 178, p. 242), nº 73 (Anexos: fig. 179, p. 243), nº 74 (Anexos: fig. 180, p. 244), nº 75 (Anexos: fig. 181, p. 245), nº 78 (Anexos: fig. 182, p. 246), nº 79 (Anexos: fig. 183, p. 247), nº 81 (Anexos: fig. 184, p. 248), nº 82 (Anexos: fig. 185, p. 249), nº 86 (Anexos: fig. 186, p. 250), nº 87 (Anexos: fig. 187, p. 251), nº 88 (Anexos: fig. 188, p. 252), nº 94 (Anexos: fig. 189, p. 253), nº 96 (Anexos: fig. 190, p. 254), nº 101 (Anexos: fig. 191, p. 255), nº 106 (Anexos: fig. 192, p. 256), nº 107

(Anexos: fig. 193, p. 257), nº 108 (Anexos: fig. 194, p. 258), nº 109 (Anexos: fig. 195, p. 259), nº 110 (Anexos: fig. 196, p. 260), nº 111 (Anexos: fig. 197, p. 261), nº 113 (Anexos: fig. 198, p. 262), nº 117 (Anexos: fig. 199, p. 263), nº 119 (Anexos: fig. 200, p. 264), nº 122 (Anexos: fig. 201, p. 265), nº 125 (Anexos: fig. 202, p. 266), nº 128 (Anexos: fig. 203, p. 267), nº 129 (Anexos: fig. 204, p. 268), nº 134 (Anexos: fig. 205, p. 269), nº 136 (Anexos: fig. 206, p. 270), nº 137 (Anexos: fig. 207, p. 271), nº 142 (Anexos: fig. 208, p. 272), nº 143 (Anexos: fig. 209, p. 273), nº 145 (Anexos: fig. 210, p. 274), nº 147 (Anexos: fig. 211, p. 275), nº 149 (Anexos: fig. 212, p. 276), nº 151 (Anexos: fig. 213, p. 277), nº 152 (Anexos: fig. 214, p. 278), nº 154 (Anexos: fig. 215, p. 279), nº 156 (Anexos: fig. 216, p. 280), nº 157 (Anexos: fig. 217, p. 281), nº 162 (Anexos: fig. 218, p. 282), nº 163 (Anexos: fig. 219, p. 283), e nº 225 (Anexos: fig. 220, p. 284). Contrariamente aos sectores analisados anteriormente, este sector não revela ter áreas de maior concentração de recipientes cerâmicos, estando estes distribuídos de modo relativamente homogéneo pelo sector. Infelizmente, tal como nos casos anteriores, o remeximento do solo não permitiu estabelecer uma relação entre a dispersão espacial de determinadas tipologias cerâmicas, bem como recipientes da mesma cronologia, ou recipientes decorados.

6 – DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

No sector I comprovou-se a existência de duas ocupações distintas, uma integrável no Neolítico Antigo Evoluído, outra no Neolítico Médio Inicial. Estas ocupações foram confirmadas pela presença de fósseis diretores, nomeadamente por um bordo denteado direito (NAE), uma pega bífida (NA), e um fragmento decorado com sulco sob o bordo (NMI) (Anexos: fig. 32, p. 22). Ainda que a pega bífida tenha uma inserção geral no Neolítico Antigo, a ausência de decoração cardial neste conjunto, em associação com o bordo denteado direito, remetem a ocupação para uma fase mais tardia, o Neolítico Antigo Evoluído. As técnicas e motivos decorativos observados nos recipientes são comuns a ambos os períodos culturais, mas o equilíbrio entre a utilização da técnica impressa e incisa parece indicar a sua inserção no Neolítico Antigo Evoluído, uma vez que no Neolítico Médio se observa um predomínio da técnica incisa. Admitindo esta possibilidade, a ocupação do Neolítico Antigo Evoluído parece ter sido

bem mais significativa nesta área do que a ocupação do Neolítico Médio Inicial. Este ponto é ainda reforçado pela percentagem de decoração presente no conjunto cerâmico, sendo que os recipientes decorados ascendem a 50% do NMR deste sector.

No sector II foi possível reconhecer três ocupações distintas, correspondentes ao Neolítico Antigo Evoluído, ao Neolítico Médio Inicial, e ao Bronze Pleno. A ocupação do CPM nestes períodos foi confirmada pela presença de fósseis diretores, nomeadamente, o bordo denteado direito (NAE), a decoração com sulco sob o bordo (NMI), e o vaso de corpo troncocónico invertido de base plana (BP) (Anexos: fig. 55, p. 57). A par do sector I - e contrariamente aos restantes sectores -, este sector também apresenta uma percentagem significativa de recipientes decorados (26%) face aos recipientes lisos; na sua maioria técnicas e motivos associados ao Neolítico Antigo. Contudo, de entre os recipientes lisos existem 22 exemplares com “falso sulco sob o bordo”, uma técnica que se optou por designar dessa forma por não corresponder na íntegra a todos os critérios que definem aquele fóssil diretor (o lábio do vaso é mais curvo e a linha surge mais próxima dele, mas revelando um aspeto geral que permite a associação entre ambos), que surge por norma em associação com o sulco sob o bordo, e como tal, integrável no Neolítico Médio Inicial. Aceitando esta associação como representativa de uma ocupação do CPM neste período, esta ganha outra dimensão, revelando-se bem mais intensa do que indicado exclusivamente pelos fósseis diretores deste período. Ainda que em termos de testemunhos materiais se observe uma predominância clara do Neolítico Médio Inicial neste sector, como referido, as técnicas e motivos decorativos presentes – que não elementos de diagnóstico – parecem sugerir uma ocupação de maior relevância no Neolítico Antigo Evoluído, do que indicado pela escassa presença dos fósseis diretores integráveis neste período. A única ocupação que se revela menos expressiva corresponde ao Bronze Pleno. Contudo, há que ter em conta que sendo o Bronze Pleno caracterizado pela presença de cerâmica lisa, e em termos de elementos de diagnóstico, ser apenas identificável pela presença de vasos de corpo troncocónico invertido de base plana, torna-se difícil o seu reconhecimento num conjunto muito fragmentado, como é o caso. Dos 104 recipientes lisos do sector II é possível que alguns se integrem no Bronze Pleno, e que esta ocupação seja mais expressiva do que aparenta; contudo, sem mais fósseis diretores associados a este período, torna-se impossível reconhecer a sua verdadeira dimensão.

O sector IIIT encerra duas ocupações distintas, uma integrável no Neolítico Antigo Evoluído, e outra no Calcolítico Inicial. Estas ocupações são testemunhadas pela presença dos elementos de diagnóstico, o bordo denteado direito (NAE) e a decoração com caneluras horizontais (CI) (Anexos: fig. 111, p. 135). Tal como nos sectores I e II, a maioria dos recipientes decorados parecem ser reportáveis ao Neolítico Antigo Evoluído, considerando a presença do motivo em espinha e em ziguezague. A decoração plástica também remete para o Neolítico Antigo Evoluído, pela presença de cordões lisos e de um cordão decorado, associado ao motivo em espinha. A ocupação deste sector no Neolítico Antigo Evoluído parece ter mais significatividade que a ocupação no Calcolítico Inicial. Contudo, tendo em conta que o único elemento de diagnóstico para o Calcolítico Inicial são as caneluras horizontais, e neste conjunto só existirem dois exemplares com esta técnica decorativa, isto não significa que a ocupação do sítio no Calcolítico Inicial não esteja subrepresentada pela falta de testemunhos. Ainda que não existam indicadores diretos de uma ocupação do Neolítico Médio Inicial neste sector, a presença de sete recipientes com “falso sulco sob o bordo” no mesmo, deixa no ar a possibilidade de uma ocupação neste período ter sido uma realidade, ainda que não possa ser comprovada.

No sector V foram identificadas duas ocupações distintas, integráveis no Neolítico Antigo Evoluído, e no Neolítico Final. Estas duas ocupações são confirmadas pela presença do bordo denteado direito (NAE) e de uma taça carenada (NF) (Anexos: fig. 149, p. 186). Parte dos recipientes decorados, nomeadamente o motivo em espinha e os puncionamentos parecem ser associáveis ao Neolítico Antigo Evoluído. Contudo, neste sector, a ocupação do Neolítico Final parece ter sido mais expressiva. Isto porque, apesar de apenas ter sido recuperado um elemento de diagnóstico indiscutível deste período – a taça carenada -, a relação entre as técnicas decorativas presentes no conjunto parece evidenciar a importância desta ocupação. A preferência pela técnica incisa é uma característica do Neolítico Final, a qual, a par do elevado volume de recipientes lisos, parecem reforçar a intensidade desta ocupação face à ocupação do Neolítico Antigo Evoluído. Tal como no sector IIIT, neste sector existem quatro recipientes com “falso sulco sob o bordo”, o que parece indicar uma ocupação desta área no Neolítico Médio Inicial.

O sector VI revelou-se como o sector mais importante de CPM, em termos da Pré-História Recente. Neste foram identificadas ocupações do Neolítico Antigo Cardial,

do Neolítico Antigo Evoluído, do Neolítico Médio Inicial, do Neolítico Final, e do Calcolítico Pleno. Como nos sectores anteriores, estas ocupações foram comprovadas pela presença de fosséis-diretores, tais como a decoração cardial (NAC), o bordo denteado direito (NAE), a decoração com sulco sob o bordo (NMI), a taça carenada (NF), e a decoração com caneluras horizontais (CI) (Anexos: fig. 221, p. 285). Neste sector – devido à presença de numerosas ocupações -, tornou-se mais complicado tentar compreender a relevância das mesmas. A ocupação do Neolítico Antigo Cardial é apenas testemunhada por um fragmento, e a irrelevância quantitativa da técnica impressa face à técnica incisa parece indicar já um momento de transição para o Neolítico Antigo Evoluído. Por sua vez, e ao contrário do que se observa nos restantes sectores, a ocupação do Neolítico Antigo Evoluído parece ser pouco significativa neste sector, tendo em conta que a decoração neste conjunto é quase exclusivamente incisa. Ainda que a ocupação do Neolítico Médio Inicial aparentemente seja mais expressiva que a ocupação do Neolítico Final – considerando os elementos de diagnóstico recuperados destes períodos -, este não é um ponto assente. Isto porque, ambos os períodos culturais se caracterizam essencialmente pela presença de cerâmica lisa – que corresponde a 93% do NMR deste sector -, podendo neste caso corresponder esses recipientes a qualquer uma destas duas ocupações. A importância da ocupação do Calcolítico Inicial também é difícil de comprovar, tendo em conta que as técnicas decorativas observadas neste conjunto se podem reportar a praticamente qualquer uma das ocupações identificadas, assim como a cerâmica lisa. Apesar de não se ter conseguido comprovar a existência de uma ocupação do Bronze Pleno neste sector, isto não significa que esta não tenha existido. Esta possibilidade é testemunhada pela presença de duas bases planas neste sector, que contudo não foram associadas ao vaso de corpo troncocónico invertido, pela ausência de bordos, tornando impossível determinar a tipologia destes recipientes.

Assim, a ocupação do CPM ao longo do Neolítico Antigo Evoluído parece ter sido das mais significativas do sítio, tendo em conta, não só a quantidade de fosséis diretores reportáveis a este período cultural, como a presença dos mesmos em todos os sectores estudados (Anexos: fig. 227, p. 289). Esta ocupação incidiu sobre toda a área do CPM, ainda que se observe uma maior concentração de material deste período nos sectores I, II e IIIS, ou seja, nas áreas mais a centro e a norte do povoado. De notar que, as plantas de dispersão sectorial das ocupações apresentadas ao longo deste capítulo são

apenas esquemáticas, não pretendendo ter qualquer indicação de ordem estritamente topográfica.

O Neolítico Médio Inicial por sua vez, não parece ter tido uma ocupação tão significativa no CPM como o momento que o antecede. Contudo, há que ter em conta que este período se caracteriza – em parte -, pela presença de cerâmica lisa e de algumas, raras, decorações impressas e sobretudo incisas, não sendo no entanto associado ao mesmo tipologias cerâmicas específicas. A dificuldade em identificar este momento cultural pode levar a uma subrepresentação da importância real desta ocupação. Em termos sectoriais, esta ocupação do Neolítico Médio Inicial não foi tão ampla como a do Neolítico Antigo Evoluído, estando concentrada nos sectores I, II e VI (Anexos: fig. 228, p. 290), ou seja, nas áreas mais a norte e a este do CPM.

O Neolítico Final – quando analisado em termos de fósseis-diretores – parece ter sido das ocupações menos relevantes do CPM. Este é um período cultural, que a par do Neolítico Médio Inicial, do Calcolítico Inicial, e do Bronze Pleno se caracteriza pelo domínio de cerâmica lisa, o que dificulta a identificação dos seus vestígios materiais. Se o solo do CPM não se encontrasse tão remexido, talvez tivesse sido possível determinar com maior certeza o verdadeiro impacto destas ocupações, e inclusive associar-lhes determinadas tipologias cerâmicas; aspeto que seria essencial a uma melhor compreensão artefactual destes períodos culturais. Contudo, foi possível determinar que a ocupação do CPM no Neolítico Final se concentrou nos sectores V e VI, ou seja, na área mais a sul do CPM (Anexos: fig. 229, p. 291).

O Calcolítico Inicial apresenta os mesmos problemas de identificação dos seus componentes materiais, que o Neolítico Médio Inicial. Tal como no caso anterior, torna-se difícil compreender o verdadeiro impacto desta ocupação, tendo em conta o diminuto número de elementos de diagnóstico recuperados. Contudo, é bem possível que esta ocupação se encontre subrepresentada, considerando a quantidade de recipientes lisos recolhidos em CPM. A ocupação do Calcolítico Inicial aparenta ser mais concentrada em termos de dispersão espacial, limitando-se aos sectores III e VI, ou seja, à zona mais central do CPM (Anexos: fig. 230, p. 292).

A existência de uma ocupação do Bronze Pleno apenas é testemunhada por um fóssil diretor, localizado no sector II (Anexos: fig. 231, p. 293). Contudo, como referido, no sector VI surgem mais duas bases planas, que podem eventualmente

pertencer a este período cultural. Tal como nos casos anteriores, a falta de conhecimento sobre o Bronze Pleno limita a descoberta dos seus constituintes materiais, impedindo a compreensão da real relevância desta ocupação no CPM.

A dispersão sectorial observada no CPM parece indicar diferentes áreas de concentração de artefactos no que concerne aos testemunhos diretos das diferentes ocupações (Anexos: fig. 232, p. 294). Tal situação parece denunciar um padrão em que a diferentes ocupações corresponderam diferentes modos de utilização deste espaço, talvez como consequência da própria dimensão das comunidades que ocuparam o CPM.

Deste modo, e contrariamente ao que num primeiro momento foi interpretado por Masucci, a ocupação do Neolítico Antigo Evoluído não se limitou ao sector IIIS, mas antes verificou-se estar presente por todo o CPM. O Neolítico Médio Inicial, presumivelmente disperso pelos sectores IIIT e VI, na realidade foi comprovado nos sectores I, II e VI. O Calcolítico Inicial, por sua vez, foi atribuído por Masucci ao sector II, quando se comprovou que se concentra na área central do povoado, nomeadamente nos sectores IIIT e VI. Por fim, a Idade do Bronze foi primeiramente atribuída aos sectores IIIS e V, quando apenas pode ser comprovada no sector II. Esta última atribuição foi feita com base em duas datações, obtidas de uma lareira e de carvões indeterminados – nos sectores referidos pela autora -, os quais se integram na Idade do Bronze, deixando antever a possibilidade de esta ocupação ter sido uma realidade nestes sectores, ainda que não tenha sido possível comprovar a mesma no presente trabalho através da respetiva componente cerâmica. Contudo, há que ter em conta que quando Masucci fez esta interpretação cronocultural do CPM – no final da década de 80, inícios da década de 90 – não dispunha ainda de todas as datações presentemente existentes, do mesmo modo que não estavam ainda disponíveis tantos paralelos cronoculturais noutros sítios, como existem atualmente. Acresce a estes pontos, o facto de grande parte da identificação nos fragmentos cerâmicos estar incorreta, reportando-os a sectores dos quais não provinham.

A análise da dispersão espacial em termos de estratigrafia vertical revelou-se bastante problemática, quer pelos severos processos pósdeposicionais ocorridos no CPM, quer pela falta de uniformidade nos registos estratigráficos disponíveis. A fim de obter dados seguros, esta análise foi feita exclusivamente com o recurso a fosseis diretos.

No sector I, as ocupações do Neolítico Antigo Evoluído, e do Neolítico Médio Inicial foram detetadas no mesmo horizonte estratigráfico, o NA 6 (Anexos: fig. 233, p. 295). No sector II a ocupação do Neolítico Antigo Evoluído surge nos níveis inferiores (NA 5), e a ocupação do Neolítico Médio Inicial surge nos níveis superiores (NA 1 e 2). Contudo, o conjunto perde coerência quando observada a dispersão vertical do Bronze Pleno, que se concentra nos NA 1, 2, 3 e 4 (Anexos: fig. 233, p. 295); ou seja, surge conjuntamente com os materiais do Neolítico Médio Inicial, e em níveis estratigráficos mais antigos que estes. O sector III também não é coerente. Enquanto que a ocupação do Neolítico Antigo Evoluído surge no NA 6, o Calcolítico Inicial revela-se muito disperso, ocupando tanto o NA 2 como o NA 9 (Anexos: fig. 233, p. 295), surgindo em momento anterior e posterior à ocupação do Neolítico Antigo Evoluído. O sector V é o único que fornece dados estratigráficos coerentes, sendo que a ocupação do Neolítico Antigo Evoluído surge nos NA 4, 6, 7 e 8, enquanto que a ocupação do Neolítico Final se encontra numa camada mais recente, correspondente ao NA 1 (Anexos: fig. 233, p. 295). Por sua vez, o sector VI revela-se bem mais complexo que os restantes sectores. A ocupação do Neolítico Antigo Cardial localiza-se no NA mais recente, o NA 1, ao invés do NA mais antigo; o Neolítico Antigo Evoluído encontra-se disperso pelos NA 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 8, ou seja, em momento anterior ao Neolítico Antigo Cardial; o Neolítico Médio Inicial encontra-se espalhado por diversos NA, nomeadamente o NA 2, 3, 4, 5, 8, 9, 11 e 14; o Neolítico Final concentra-se nos NA 2 e 3; e o Calcolítico Inicial localiza-se no NA 3 – a par dos três momentos principais do Neolítico -, e no NA 6 (Anexos: fig. 233, p. 295).

Como previsto, os dados obtidos do CPM não são viáveis para um estudo cronoe stratigráfico do conjunto, por se encontrarem descontextualizados em consequência de processos pósdeposicionais. Apenas o sector V aparenta não estar remexido ao ponto de alterar a estrutura lógica da leitura estratigráfica das ocupações. A única ocupação que revela alguma concordância em termos de dispersão vertical é a ocupação do Neolítico Antigo Evoluído. Ainda que no sector VI esta se manifeste como incoerente – este é o sector mais remexido -, em todos os sectores esta ocupação surge no NA 6, com exceção do sector II, em que se localiza no NA 5.

Foram ainda recuperados no CPM fragmentos de barro de cabana, nomeadamente nos sectores III, V e VI. Em cada um dos três sectores estes fragmentos surgem associados a ocupações culturais distintas. No sector III o barro

surge associado a recipientes integráveis no Calcolítico Inicial; no sector V, por sua vez, estes fragmentos surgem entre dois NA claramente associados ao Neolítico Antigo Evoluído; e por fim, no sector VI, o barro surge entre dois NA integráveis no Neolítico Médio Inicial. Estes dados surgem na linha dos dados obtidos relativamente ao material cerâmico, em que os processos pósdeposicionais impedem uma leitura credível dos dados obtidos.

O sítio arqueológico do CPM contém um amplo espectro de ocupações pré-históricas e pré-históricas recentes; assim sendo, torna-se difícil encontrar sítios arqueológicos que se assemelhem cronoestratigraficamente ao CPM. De tal modo, que para obter uma base comparativa para todas as ocupações identificadas, seria necessário juntar vários sítios arqueológicos num mesmo (Anexos: fig. 234, p. 296), e isto, sem contar com as ocupações paleolíticas.

O sítio arqueológico que mais se assemelha ao CPM em termos de ocupações é a Gruta da Casa da Moura. Na Gruta da Casa da Moura foram identificadas quatro ocupações distintas, integráveis no Neolítico Antigo Evoluído, no Neolítico Final, no Calcolítico Inicial e no Bronze Pleno (Anexos: fig. 235, p. 297). Tal como no CPM, a ocupação mais intensa deste sítio parece ter sido ao longo do Neolítico Antigo Evoluído. Outro aspeto que aproxima estes dois sítios arqueológicos é o facto de na Gruta da Casa da Moura também estar ausente o Calcolítico Pleno, e o Calcolítico Campaniforme/Bronze Inicial. A Gruta da Casa da Moura foi ainda um dos sítios onde foram observados mais paralelos com o CPM em termos das técnicas e motivos decorativos representados nos recipientes cerâmicos. No entanto, apesar destas semelhanças também se observam aspetos que diferem entre estes dois sítios; o CPM teve ocupações em períodos pré-históricos recentes que a Gruta da Casa da Moura não teve, nomeadamente, o Neolítico Antigo Cardial, e o Neolítico Médio Inicial, sendo que esta última no CPM revelou-se significativa. Contudo, a diferença mais significativa é o facto de o CPM ser um sítio de habitat, e a Gruta da Casa da Moura ser uma gruta-necrópole. Ainda que as tipologias cerâmicas presentes em ambos os sítios sejam semelhantes, as diferentes funcionalidades dos espaços, leva a que estas tipologias quantitativamente revelem relações distintas. Por sua vez, devido à finalidade funerária da Gruta da Casa da Moura, o Calcolítico Pleno não facultou materiais cerâmicos, estando comprovado apenas pela panóplia de objetos ideotécnicos de calcário recuperados (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002: 289).

Parece assim seguro afirmar que o sítio arqueológico do CPM tem uma identidade sequencial própria, que não encontra paralelos em qualquer sítio arqueológico da região estremenha, reforçando a sua importância enquanto testemunho do passado. Quando se estabeleceu a comunidade do Neolítico Antigo Cardial no CPM – já num momento de transição para o Neolítico Antigo Evoluído -, esta revelou-se bastante intensa. A ocupação do Neolítico Médio Inicial por sua vez, mostrou-se mais concentrada sectorialmente, mas também terá sido significativa. No caso da ocupação do CPM no Neolítico Final, é difícil determinar a intensidade que esta ocupação terá tido, mas tendo em conta a quantidade de recipientes lisos no conjunto cerâmico, deve ter sido bem mais intensa do que indicado pela escassa presença de taças carenadas. Do mesmo problema padece o Calcolítico Inicial. Ainda que sejam poucos os seus testemunhos diretos, certamente não serão os únicos; contudo não tendo dados estratigráficos seguros, não é possível comprová-lo. Após esta ocupação do CPM no Calcolítico Inicial dá-se um abandono do processo de (re)ocupação do sítio, só voltando a ser novamente ocupado num momento mais tardio, o Bronze Pleno. Neste caso também não é possível determinar a real intensidade da ocupação do CPM durante este período. Após este momento, o CPM foi novamente abandonado, tendo sido depois ocupado de novo mas apenas já em períodos históricos.

As razões pelas quais o CPM apresenta esta identidade cronosequencial inédita não será certamente fácil de explicar. Explicar o porquê de estas comunidades se terem estabelecido sucessivamente no CPM não é problemático; problemático é compreender o que levou às várias fases de abandono que se observam no sítio.

O CPM localiza-se num vale de fácil acesso, e nas proximidades de recursos naturais indispensáveis à sobrevivência destas comunidades, todas agropastoris nos seus modos de vida. Este é motivo pelo qual o sítio foi sucessivamente ocupado ao longo da Pré-História e da Pré-História Recente. Além da proximidade de dois cursos de água e dos recursos que destes possam prover, encontram-se nas imediações três zonas de exploração de sílex, matéria-prima essencial à sobrevivência destas comunidades, assim como um depósito natural de sal a norte. Acresce a estes fatores, o facto de o MCE ser uma zona de ecótono, que tanto permitia acesso ao litoral, como ao interior, diversificando os recursos disponíveis a estas comunidades, e propiciando atividades agrícolas e de pastoreio, ainda que as mesmas não tenham sido comprovadas no CPM. Tendo em conta as condições económicas – diga-se de sobrevivência - favoráveis à

fixação de comunidades humanas, não terá sido este o motivador dos abandonos observados no CPM. Certamente, o abandono do sítio prender-se-á antes com dinâmicas internas destas mesmas comunidades, a outras escalas e noutros aspetos do seu funcionamento, e não com condicionantes unicamente económicas.

A importância do sítio arqueológico do CPM é inquestionável, justificando-se assim futuras intervenções arqueológicas no sítio. Contudo, a seleção das áreas a escavar depende diretamente dos objetivos da intervenção. Isto porque, se o objetivo da intervenção for obter estratigrafias precisas, que permitam elaborar associações entre períodos culturais e determinadas tipologias cerâmicas, a área a intervencionar é uma; se por outro lado, o objetivo for tentar determinar a real importância das ocupações observadas no CPM, e essencialmente recuperar artefactos integráveis nestes períodos – sem dar tanta relevância aos aspetos estratigráficos –, a zona a intervencionar será outra. Assim sendo, detetam-se duas áreas de interesse, consoante os objetivos. Uma vez que o único sector que facultou dados estratigráficos coerentes foi o sector V, e estando este relativamente afastado dos restantes sectores, antecipa-se (partindo do princípio que o sítio ainda existe na forma e potencial que exhibia à época das intervenções arqueológicas) que a área em que este se localiza não terá sofrido perturbações pós-depositivas severas, como observado nos restantes sectores. Este foi ainda dos sectores que mais material cerâmico proporcionou. Deste modo, propõe-se o alargamento deste sector nos sentidos sul e este, uma vez que não só se afastam da área em que o solo se encontra mais remexido, como foram estas as quadrículas que revelaram maior potencialidade neste sector. Se por outro lado, o objetivo for recuperar o máximo de testemunhos materiais possível, a intervenção deverá concentrar-se na área mais central do CPM. Os sectores que se revelaram mais ricos em termos de material cerâmico foram os sectores IIIT, IIIS e VI, os quais ocupam a área central do CPM e são contíguos. Deste modo, o sector VI deveria ser alargado para norte até alcançar o sector II – um bom testemunho do Neolítico Antigo –, sendo depois alargados também os sectores IIIT e IIIS num sentido oeste, uma vez que para este do sector VI, a quantidade de material cerâmico recolhido tem tendência a diminuir. Como último ponto, seria ainda interessante rever o material cerâmico recolhido do sector IIIS do CPM – não só pela incorreta organização/distribuição dos fragmentos –, mas principalmente pelo facto de esta coleção não ter sido estudada na sua totalidade. Ainda que se saiba à partida que este sector tem uma ocupação bastante importante – e

dominante - no Neolítico Antigo, tendo em conta que em todos os restantes sectores do CPM foram descobertos testemunhos de outras ocupações pré-históricas recentes, seria importante reidentificar testemunhos das mesmas. Acresce ainda o facto de este sector ser contíguo ao sector VI, no qual foram identificadas cinco ocupações distintas, indicando uma alta probabilidade de que tenham existido outras ocupações pré-históricas recentes no sector IIIS, que num primeiro momento tenham passado despercebidas.

BIBLIOGRAFIA

- BICHO, Nuno (1997) – Technological change in the Final Upper Paleolithic of Rio Maior. Arkeos, 8, Tomar, CEIPHAR
- CANDEIAS, Celso *et al* (2011) – O Neolítico Médio no Cabeço de Porto Marinho. Exercício prático: estudo de materiais cerâmicos, Gambelas, trabalho policopiado
- CARDOSO, J. (2009) – “Espólios do povoado calcolítico fortificado de Outeiro Redondo (Sesimbra): as colheitas do arq. Gustavo Marques”. Revista Portuguesa de Arqueologia. 12 (1): 73-14.
- CARDOSO, João Luís (2007) – “As cerâmicas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica”. Estudos Arqueológicos de Oeiras. 14, Câmara Municipal, pp. 9-45
- CARDOSO, João Luís (2006) – “Lisboa e Estremadura. A Pré-História Recente e a Proto-História”. Territórios da pré-história em Portugal (Oosterbeek, dir.), Tomar, CEIPHAR
- CARDOSO, João Luís & SILVA, Inês (2004) – “O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico”. Revista Portuguesa de Arqueologia. Vol. 7, 1, Lisboa, IPA, pp. 227-271
- CARDOSO, João Luís (2003), “A gruta do Correio-Mor (Loures)”. Estudos Arqueológicos de Oeiras. 11, Câmara Municipal, pp. 229-321
- CARDOSO, João & CARREIRA, Júlio (2003) – “O povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): Estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905)”. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 11: 97-228
- CARDOSO, João Luís (2002), Pré-história de Portugal, Lisboa, Editorial Verbo
- CARDOSO, João Luís (2000) – “Na Arrábida, do Neolítico Antigo ao Bronze Final”. Actas do encontro sobre Arqueologia da Arrábida, pp. 45-70

- CARDOSO, João Luís *et al* (1995) – “O santuário calcolítico da gruta do Correio-mor (Loures)”. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 5: 97-121
- CARDOSO, João Luís & CARREIRA, Júlio (1995) – “O povoado pré-histórico de Montes Claros (Lisboa). Resultados das escavações de 1988”. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 5: 277-298
- CARVALHO, António Faustino (2008) – “A Neolitização do Portugal Meridional. Os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve Ocidental”. Promontoria Monográfica 12. Faro: Universidade do Algarve
- CARVALHO, António Faustino *et al.* (1999) – O sítio da Idade do Bronze «Pleno» do Casal da Torre (Assentiz, Torres Novas)
- DINIZ, Mariana (2004) – “O Neolítico”. História de Portugal. Portugal na Pré-História (I), Amadora, Edita Ediclube, pp. 297-340
- GONÇALVES, Victor (2009) – “Um sítio do Neolítico antigo no vale do Sorraia: Casas Novas (Coruche)”. Revista Portuguesa de Arqueologia, 12 (2): 5-30
- GONÇALVES, Victor (2008) – As ocupações pré-históricas das Furnas do Poço Velho (Cascais). Câmara Municipal de Cascais, p. 23-170, 376-492
- GONÇALVES, Victor (2004) – “Emergência e desenvolvimento das sociedades agro-metalúrgicas”. História de Portugal. Portugal na Pré-História (I), Amadora, Edita Ediclube, pp. 351-402
- GONÇALVES, Victor (2004) – “As práticas funerárias nas sociedades do 4º e 3º milénios. O megalitismo”. História de Portugal. Portugal na Pré-História (I), Amadora, Edita Ediclube, pp. 461-534
- GONÇALVES, Victor (2003), Sítios, «Horizontes» e Artefactos – Leituras Críticas de Realidades Perdidas (Estudos Sobre o 3º Milénio no Centro e Sul de Portugal), 2ª edição, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, pp. 42-333
- JORGE, Susana Oliveira (1998) – “Diversidade regional na Idade do Bronze da Península Ibérica. Visibilidade e opacidade do registo arqueológico”. Arqueologia. Percursos e interrogações. Porto. ADECAP, p. 151-171

- LOPES, Sónia (2010) – Estudo de um conjunto cerâmico (sector I) do Cabeço de Porto Marinho, Gambelas, trabalho policopiado
- LOPES, Sónia (2010) – Proposta tipológica para a cerâmica neolítica antiga do Centro e Sul de Portugal, Gambelas, trabalho policopiado
- LOPES, Sónia (2006) – Estudo do conjunto artefactual cerâmico da Fossa nº 40 do sítio arqueológico de Barradas, Gambelas, Tese de licenciatura policopiada
- MACHADO, Carolina *et al.* (2011) – Relatório da análise de cerâmicas (grupo 3), Gambelas, trabalho policopiado
- MURALHA, João & COSTA, Cláudia (2004) – “A ocupação neolítica da Encosta de Sant’Ana (Martim Moniz, Lisboa.” Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Algarve, p. 157-169
- NUNES, André *et al.* (2011) – Relatório da análise de materiais cerâmicos de Cabeço de Porto Marinho – CPM II, Gambelas, trabalho policopiado
- SILVA, Carlos Tavares & SOARES, Joaquina (1976/77) - “Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve.” Setúbal Arqueológica. II-III, pp. 179-272.
- SILVA, Carlos Tavares & SOARES, Joaquina (1998) - “From the Collapse of the Chalcolitic Mode of Production to the Development of the Bronze Age Societies in the South-West of Iberian Peninsula”. Trabalhos de Arqueologia 10, Lisboa, IPA, pp. 231-235
- SILVA, Carlos Tavares (1993) – “Calcolítico”. Pré-história de Portugal, Lisboa, Universidade Aberta, pp. 205-223
- SIMÕES, Teresa (2003) – “A ocupação do Neolítico antigo de São Pedro de Canaferrim: novos dados em perspectiva”. GONÇALVES, V. (Ed.), Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo, pp. 115-134. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 25)

- SOUSA, Ana (2003) – “O Neolítico final no Penedo do Lexim (Mafra): questões em aberto”. GONÇALVES, Victor (Ed.), Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo, pp. 307-337. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 25)
- SOUSA, Ana (2000) – “Penedo do Lexim. Campanha 1999”. Cadernos de Arqueologia de Mafra, 1. Câmara Municipal de Mafra
- VILAÇA, Raquel & ARRUDA, Ana Margarida (2004) – “Ao longo do Tejo, do bronze ao ferro”. Conimbriga XLIII, Coimbra, pp. 11-45
- ZILHÃO, João (1992) – Gruta do Caldeirão. O Neolítico antigo. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 6)

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente ao meu orientador, A. F. Carvalho por me ter sugerido o estudo deste sítio arqueológico, e por me ter disponibilizado esta coleção cerâmica para o presente trabalho. Agradeço ainda todo o tempo que me foi disponibilizado, os ensinamentos transmitidos, as dúvidas esclarecidas, e o incentivo dado à concretização deste projeto. Agradeço também ao professor N. F. Bicho por me ter facultado fotografias do sítio, e pelos esclarecimentos prestados relativamente à escavação deste sítio arqueológico. Agradeço ainda ao Museu Nacional de Arqueologia por ter disponibilizado esta coleção cerâmica para ser estudada.

A título de despedida do meu percurso académico, e numa tentativa de homenagear quem mais impacto teve no mesmo, quero ainda agradecer aos professores A. F. Carvalho, J. P. Bernardes, M. J. Valente e N. F. Bicho pelo entusiasmo com que ensinam os alunos, e por nos conseguirem transmitir a paixão que eles próprios sentem pela arqueologia.

Por fim, mas não menos importante, quero agradecer à minha família por todo o apoio, interesse, e incentivo dados à concretização deste projeto. Agradeço ainda ao Nuno Martins pela ajuda na limpeza dos desenhos, e à Daniela Pereira pelo constante incentivo ao longo deste trabalho.

A todos, um muito obrigada.